



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

BACHARELADO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO

MULTILINGUISMO E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

JOEL MALOBA MUTOMBO

LÍNGUAS EM CONTATO NA UNB: O CASO DE ESTUDANTES IMIGRANTES
CONGOLESES FALANTES DE LINGALA, FRANCÊS E PORTUGUÊS

BRASÍLIA

2023

JOEL MALOBA MUTOMBO

LÍNGUAS EM CONTATO NA UNB: O CASO DE ESTUDANTES IMIGRANTES
CONGOLESES FALANTES DE LINGALA, FRANCÊS E PORTUGUÊS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a María Carolina Calvo Capilla.

BRASÍLIA

2023

JOEL MALOBA MUTOMBO

LÍNGUAS EM CONTATO NA UNB: O CASO DE ESTUDANTES IMIGRANTES
CONGOLESES FALANTES DE LINGALA, FRANCÊS E PORTUGUÊS

Trabalho de conclusão de curso submetido à comissão examinadora identificada abaixo, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

Brasília, julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a María Carolina Calvo Capilla – Orientadora
LET/IL/UnB

Prof. Dr. Cesário Alvim Pereira Filho – Membro
LET/IL/UnB

Prof. Dr. Virgílio Pereira de Almeida – Membro
LET/IL/UnB

Este trabalho é dedicado aos meus queridos pais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha gratidão ao meu Deus, em quem confio plenamente, por guiar meus passos e conceder-me a força necessária quando perdi a esperança e considerei desistir deste trabalho.

Gostaria de agradecer a mim mesmo por perseverar e não ter desistido, mesmo quando havia inúmeras razões para fazê-lo. Lembro-me das noites em que fiquei acordado, lendo e me questionando repetidamente, me recordando daquela voz que me dizia: Joël, você está quase lá.

Não posso deixar de mencionar minha família, que foi fundamental em minha jornada, especialmente aos meus pais, que sempre nos incentivaram, a mim e a meus irmãos, a seguir o caminho dos estudos e nos mostraram sua importância.

Expresso minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho. Agradeço aos meus compatriotas, amigos e colegas de classe que me apoiaram ao longo dessa jornada, assim como a todas as pessoas que, nas interações no dia a dia, acrescentaram valor à minha trajetória, seja no RU, no ICC ou em outros momentos.

Um agradecimento especial a todos os professores do LEA-MSI, em particular ao Cesário, que me fez enxergar que a universidade não se resume apenas a passar nas disciplinas e obter boas notas, mas também a ter uma postura adequada diante de questões diversas e desenvolver um papel ativo na minha formação acadêmica. Sou grato à professora Susanna, que despertou meu interesse pelas pesquisas e extensão, mesmo quando eu não tinha grande interesse inicialmente. Ela me apoiou e abriu as portas para o grupo de extensão MOBILANG, mostrando-me que eu também poderia aplicar minhas habilidades fora da sala de aula. Agradeço aos meus colegas do grupo, especialmente à Letícia e ao Thiago, com os quais gerenciamos o MOBILANG, e a todas as pessoas que contribuíram para o projeto. Também gostaria de expressar minha sincera gratidão à Prof^a. Sabine Gorovitz, a quem tenho grande admiração e respeito, uma figura inspiradora e exemplo para todos. Além disso, meu agradecimento se estende a todo o corpo docente do LEA-MSI.

Um agradecimento especial à minha orientadora, a Prof^a. Carolina, pela sua paciência e por aceitar me orientar, respondendo a todas as minhas perguntas e dúvidas relacionadas à minha pesquisa. Foi através do grupo de pesquisa e extensão que tive conhecimento deste tema, e sou grato por sua orientação e apoio.

Por fim, sou imensamente grato à Universidade de Brasília por abrir suas portas e me receber de braços abertos. Serei eternamente grato.

Koloba lokota ya mopaya eza kokabwana na bomoto nayo moko.

Parler une langue étrangère, c'est s'éloigner de soi-même.

Falar uma língua estrangeira é se afastar de si mesmo.

To speak a foreign language is to depart from yourself (KAZIN, 1979
apud PAVLENKO, 1997, p. 87).

RESUMO

Nos últimos anos, temos presenciado um significativo fluxo migratório em todo o mundo, impulsionado pelo desejo das pessoas de buscar melhores condições de vida e de educação de qualidade. Em relação a isso, a Universidade de Brasília oferece programas de mobilidade acadêmica que trazem a cada semestre estudantes de diversos países. Nesse contexto de interação e contato entre diferentes línguas e culturas, este estudo visa analisar as questões relacionadas aos usos linguísticos dos estudantes congolese do Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) na Universidade de Brasília. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza exploratória, que utiliza uma abordagem qualitativa. Coloca-se o foco em um grupo específico de estudantes, falantes bilíngues do Congo (lingala/francês), que na chegada ao Brasil aprendem também o português, e cuja fala e preferências linguísticas e culturais são analisadas por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas e transcritas, e um questionário sociolinguístico. O objetivo é compreender os fenômenos linguísticos que ocorrem em situações de contato, bem como questões identitárias e de interação com a comunidade de acolhimento. Os resultados mostram o uso preferencial do português no âmbito acadêmico, assim como a alternância frequente para o francês e o lingala em questões relacionadas com o país de origem. Em relação às identidades, os estudantes expressam uma forte identificação com a cultura congolese e relatam casos de preconceito e racismo.

Palavras-chave: contatos de línguas; identidade; estudantes congolese na UnB; estudantes PEC-G.

RÉSUMÉ

Ces dernières années, nous avons assisté à un flux migratoire considérable à travers le monde, motivé par le désir des personnes de rechercher de meilleures conditions de vie et une éducation de qualité. À cet égard, l'université de Brasilia offre des programmes de mobilité académique qui accueillent chaque semestre des étudiants de différents pays. Compte tenu de ce scénario d'interaction et de contact entre différentes langues et cultures, cette étude vise à analyser les questions liées aux pratiques linguistiques des étudiants congolais du programme PEC-G de l'Université de Brasilia. Il s'agit d'une recherche descriptive de nature exploratoire qui utilise une approche qualitative. L'accent est mis sur un groupe spécifique d'étudiants, bilingues du Congo (lingala/français), qui, à leur arrivée, apprennent également le portugais, et dont le discours, ainsi que les préférences linguistiques et culturelles sont analysés par le biais d'entretiens semi-structurés, enregistrés et transcrits, et d'un questionnaire sociolinguistique. L'objectif est de comprendre les phénomènes linguistiques qui se produisent dans les situations de contact, ainsi que les questions d'identité et d'interaction avec la communauté d'accueil. Les résultats montrent l'utilisation préférentielle du portugais dans le domaine académique, ainsi que l'alternance fréquente avec le français et le lingala dans les questions liées au pays d'origine. En ce qui concerne les identités, les étudiants expriment une forte identification à la culture congolaise et signalent des cas de préjugés et de racisme.

Mots-clés : contacts linguistiques; identité; étudiants congolais à l'UnB; étudiants du PEC-G.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A RDC no mapa do continente africano.....	22
Figura 2 – Mapa das línguas nacionais da RDC.....	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Convenções adotadas na transcrição.....	<u>4645</u>
---	-------------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dimensões das entrevistas com estudantes congolese em Brasília.....	<u>4746</u>
Tabela 2 – Recorrência dos fenômenos linguísticos & frequências.....	<u>4847</u>

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de aparições em alternâncias intraoracionais.....	<u>4948</u>
Gráfico 2 – Quantidade de aparições em alternâncias interoracionais.....	<u>5049</u>
Gráfico 3 – Quantidade de aparições em alternâncias de tipo etiqueta.....	<u>5150</u>
Gráfico 4 – Quantidade de aparições em alternâncias de substantivos isolados.....	<u>5251</u>
Gráfico 5 – Quantidade de aparições em criações lexicais.....	<u>5352</u>
Gráfico 6 – Quantidade de aparições em extensões semânticas.....	<u>5554</u>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 Objetivos.....	19
1.2 Justificativa.....	20
2 A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO E SUA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA..	22
2.1 A República Democrática do Congo	22
2.2 A História linguística do Congo	23
2.2.1 Os idiomas locais ou “étnicos”	24
2.2.2 Os idiomas nacionais	24
2.2.3 O idioma oficial	25
2.2.4 O lugar do lingala no dia a dia dos congoleses.....	26
2.3 Os estudantes congoleses do programa PEC-G.....	28
3 REVISÃO TEÓRICA.....	31
3.1 Contatos de línguas.....	31
3.2 Bilinguismo	32
3.3 Fenômenos de contato	33
3.3.1 Alternância de códigos	35
3.3.2 Mistura de códigos	37
3.4 Língua e Identidade	39
4 METODOLOGIA	4342
4.1 Seleção de participantes.....	4342
4.2 Instrumentos de pesquisa: questionários e entrevistas	4443
5 ANÁLISE DE DADOS	4746
5.1 Fenômenos de contato	4746
5.1.1 Alternância de códigos	4847
5.1.2 Mistura de códigos	5352
5.1.3 Casos de lingala falado	5655
5.2 Identidades.....	5756
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	6261

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observou-se um grande fluxo de imigração em determinados países ao redor do mundo. Essa imigração é o resultado do desejo de indivíduos de comunidades variadas de descobrir e aprender uma nova cultura, experimentando novos horizontes, em busca de um trabalho decente, melhores condições de vida e educação. O Brasil atrai um considerável fluxo de imigrantes, acolhendo muitos indivíduos de perfis diversificados em seu território, principalmente advindos da América Latina, mas também de continentes mais distantes, como a África. Trata-se sobretudo de jovens que se encontram em um processo migratório com o intuito de estudar e vivenciar a experiência de estar em um país estrangeiro, longe de sua terra natal, ou seja, no país de acolhimento (GUSMÃO, 2012).

Nesse contexto, quem assim se desloca, seja por razões profissionais ou outras, é levado a fazer uso de uma língua que não é a sua (GOROVITZ, 2012, p. 75).

Logo, se por um lado o fenômeno é configurado por fatores geográficos, a exemplo das situações de fronteiras transnacionais em que populações e línguas coabitam permanentemente, por outro, refere-se à crescente mobilidade dos sujeitos e dos grupos para além dos limites territoriais de seus países (GOROVITZ, 2012, p. 75).

Nesse pano de fundo, observa-se nas instituições acadêmicas um impacto devido ao contato das línguas¹ dos indivíduos, vindos dos seus países para o Brasil, trazendo trocas culturais e intelectuais. Esta troca se percebe nas diversas faculdades envolvidas em programa de intercâmbio estudantil com diferentes países. De fato, “com a circulação de indivíduos, cada vez maior, os falantes são levados a empregar sua língua primeira e a(s) língua(s) da comunidade com a qual ocorre o contato” (GOROVITZ, 2012, p. 2).

1.1 Objetivos

Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho visa investigar como os estudantes congolezes da Universidade de Brasília (UnB) lidam e avaliam o contato linguístico (lingala, francês e português). Para tanto, a pesquisa desdobra-se em diversos objetivos específicos:

a) localizar fenômenos de contatos nas interações de estudantes congolezes, notadamente em matéria de alternância e mistura de códigos; b) observar de que maneira os estudantes avaliam a relação/situação com as suas línguas em contato e a sua influência em

¹ O conteúdo sobre contato de línguas será abordado com mais propriedade no capítulo 3.

termos de identidade; e c) entender como os estudantes congolezes PEC-G² percebem a sua chegada e interação com a comunidade na UnB. Portanto, o foco principal desta pesquisa se situa nas representações sobre o comportamento linguístico de indivíduos.

A metodologia utilizada neste presente estudo compreende uma pesquisa descritiva, de natureza exploratória, utilizando uma abordagem qualitativa. Foi realizado um estudo de caso com o objetivo de observar o contato linguístico em um grupo específico de estudantes congolezes da Universidade de Brasília.

1.2 Justificativa

A escolha do tema se deu por conta da percepção de que as produções sobre línguas em contato são menos frequentes ou quase inexistentes no curso de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI) da UnB, principalmente quando se trata de línguas provenientes de países do Sul Global. Nesse cenário, a escassez de estudos sobre o tema é ainda mais evidente quando se trata de questões relacionadas aos estudantes provenientes de países africanos.

[...] a problemática do estudante africano nas instituições brasileiras não é objeto de reflexão acadêmica e científica, a não ser de poucos pesquisadores e, muitas vezes, só o são, por parte dos próprios estudantes africanos que tomam a experiência de viver no Brasil como temática de suas monografias, dissertações e teses, no interior do mundo acadêmico. (GUSMÃO, 2012, p. 15).

Pode-se observar que muitos estudantes desses diferentes países chegam ao Brasil em um contexto migratório graças a acordos entre países, tendo como objetivo estudar nas diversas universidades do país. Porém, nota-se que o assunto é muitas vezes desconhecido pela comunidade acadêmica em geral.

Portanto, acredita-se que as contribuições e discussões acerca dessas questões são de grande relevância para a comunidade universitária, especialmente para os estudantes do curso de LEA-MSI, uma vez que estas questões fazem também parte integrante da matriz curricular.

Nesse sentido, a grande motivação para escolher esse tema e desenvolver este trabalho surgiu da ideia de deixar uma marca dentro dessa universidade na qual tenho orgulho de estar. Além disso, há também o fato de que sinto muito prazer em estudar a temática de forma geral

² PEC-G: Programa de Estudantes Convênio de Graduação – trata-se de política de cooperação entre o Brasil e principalmente países do Sul Global da América Latina e da África e oferece vaga em universidades brasileiras com vista à formação de quadros desses países (GUSMÃO, 2012, p. 15).

no projeto de pesquisa e extensão MOBILANG³, grupo que teve a oportunidade de integrar e que atua sobretudo na área de sociolinguística, com foco nos contatos de línguas, analisando as mobilidades humanas e seus resultados linguísticos e culturais.

O grupo tem entre seus principais objetivos investigar, através de uma abordagem sociolinguística, os fenômenos decorrentes das mobilidades humanas, indagando as noções de fronteira ao mesmo tempo em que se questionam as relações entre as línguas, os falantes e suas representações, por meio dos fenômenos de mobilidade e migração (GOROVITZ; MARTÍNEZ; DEPREZ, 2016).

Para ser mais específico na linha do tempo, o interesse em elaborar algo sobre o assunto se deu também a partir de conversas com professores do curso, que incentivaram o autor a produzir algo relacionado à sua experiência como sujeito inserido nesse contexto.

Tendo em vista o panorama atual sobre a temática, este estudo tem como objetivo ressaltar as questões que envolvem as línguas em contato dos estudantes provenientes de países que mantêm relações com o Brasil, bem como as questões relacionadas ao contexto migratório, em especial, os estudantes congolese. Dessa forma, é fundamental elevar a conscientização acerca dessas discussões e promover a familiarização das pessoas, sobretudo dos estudantes, com a presença de imigrantes em Brasília, gerando maior empatia em relação ao tema.

³ MOBILANG: Mobilidades e contatos de línguas – grupo de pesquisa do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, que investiga as políticas linguísticas no contexto migratório brasileiro (GOROVITZ; MARTÍNEZ; DEPREZ, 2016, p. 626). <http://mobilang.unb.br/>

2. A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO E SUA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Com o intuito de situar este estudo e o contexto dos estudantes do programa PEC-G, este capítulo aborda uma breve história da República Democrática do Congo⁴, incluindo uma visão geral de sua história linguística, a fim de fornecer uma compreensão mais ampla do país e de sua diversidade linguística.

2.1 A República Democrática do Congo

Situado no centro do continente africano, a República Democrática do Congo (RDC), anteriormente conhecida como Zaire, é o segundo país mais extenso da África, com uma superfície de mais de 2.344.858 km². Segundo os dados fornecidos pelo site *Office National du Tourisme de la RDCongo* (ONT, [2019]), o país é o mais populoso da francofonia, com uma população de mais de 80 milhões de habitantes. É conhecido como “Congo-Kinshasa” também para diferenciá-lo de seu vizinho, a República do Congo ou “Congo-Brazzaville” (ONT, [2019]).

Apesar de ambos os países terem o francês como língua oficial, é relevante destacar que o Congo-Kinshasa foi colonizado pela Bélgica, enquanto o Congo-Brazzaville pela França. Observa-se que a República Democrática do Congo possui uma rica diversidade linguística que será abordada na seguinte seção 2.2.

Figura 1 – A RDC no mapa do continente africano.



Fonte: Mutombo (2022).

⁴ Nesta pesquisa será usada a sigla RDC com alusão à República Democrática do Congo.

Antes da chegada dos colonizadores, o território do Congo era composto por diversos reinos e impérios. No entanto, os europeus só reconheceram a região em 1482, com a descoberta da foz do Rio Congo pelo marinheiro português Diogo Cão (BEQUAERT, 1950).

Durante a Conferência de Berlim em 1885, as potências europeias decidiram compartilhar a África, e o rei Leopoldo II foi nomeado rei do Congo. Foi nesse contexto que as fronteiras da atual República Democrática do Congo foram estabelecidas e reconhecidas (ONT, [2019]). Em 1º de agosto de 1885, o rei Leopoldo II da Bélgica assumiu a soberania sobre o Estado Livre do Congo. Uma característica desse regime colonial foi que, inicialmente, o Congo era considerado como propriedade privada do rei. Em 1908, o rei cede a colônia à Bélgica, que a administra sob o nome de “Congo Belga” até sua independência (ONT, [2019]).

Depois de conquistar a independência em 1960, a República Democrática do Congo tinha originalmente 11 províncias, mas atualmente possui 26, cada uma com sua própria capital. Além disso, cada cidade do país possui pelo menos duas línguas vernáculas (BRUNEAU, 2009).

É importante destacar que, desde a independência, a República Democrática do Congo já teve 5 presidentes, sendo que o segundo, Mobutu, que durante seu mandato, implementou uma política que estabeleceu quatro línguas das principais províncias do país como oficiais: lingala, kikongo, swahili e tshiluba.

2.2 A História linguística do Congo

A África é composta por 54 países, cada um com sua própria identidade étnica, cultural e social, tornando o continente muito diverso. Infelizmente, a história do continente africano foi marcada por várias formas de dominação, incluindo a escravidão, o colonialismo e o neocolonialismo, bem como outras estratégias de exploração de suas riquezas naturais e supressão de seus valores culturais, linguísticos e humanos (TAMBA, 2021). Em termos linguísticos, Batibo (2005), ressalta, no livro *Language decline and death in Africa, causes, consequences and challenges*, que a maioria dos africanos é capaz de se comunicar em mais de um idioma, evidenciando assim a presença comum de multilinguismo, no contexto africano, independentemente do grupo étnico a que pertençam.

Podemos notar que, na maioria das regiões do continente africano, havia uma estrutura linguística pré-existente antes da chegada dos colonizadores, ou seja, uma política linguística local que estabelecia os usos das línguas (TAMBA, 2021, p. 96).

No entanto, ao chegarem à África, os colonizadores implementaram políticas com o objetivo de suprimir as línguas autóctones e promover suas próprias línguas (BATIBO, 2005;

GUSMÃO, 2012; TAMBA, 2021). Haugen (2001) argumenta que as línguas africanas foram desvalorizadas pelos colonizadores que erroneamente as chamavam de dialetos, estabelecendo assim uma hierarquização entre elas. Nesse sentido, Tamba (2021, p. 9) aponta que a crença colonial desvalorizou as línguas africanas como primitivas, sem valor cultural ou civilizacional, o que resultou em líderes africanos dando prioridade às línguas europeias como língua de instrução em nome da modernização. Como consequência, houve um aumento de falantes das línguas europeias e uma diminuição no número de falantes de línguas africanas.

Apesar dessas políticas de desvalorização, é importante salientar que o continente africano continua apresentando uma grande riqueza linguística. Pode-se observar que a RDC é considerada um dos países com maior diversidade linguística do continente africano, conforme o *Atlas linguistique du Congo Kinshasa* (LECLERC, 2021). Esse notável pluralismo linguístico é composto, segundo Leclerc (2021), por três componentes principais: os idiomas locais também conhecidos como idiomas “étnicos ou congolezes”, os idiomas nacionais e o idioma oficial (francês).

2.2.1 Os idiomas locais ou “étnicos”

De acordo com o próprio Leclerc (2021), autor que vamos seguir nesta seção, a maioria dos congolezes fala um dos aproximadamente 250 idiomas étnicos, que são usados localmente e para a comunicação entre diferentes comunidades. Frequentemente, aqueles que falam apenas um idioma étnico são indivíduos com menor nível de educação e menos urbanizados. Esses idiomas são geralmente utilizados por comunidades que variam entre 5.000 a 70.000 falantes.

2.2.2 Os idiomas nacionais

Seguindo com a descrição apresentada por Leclerc (2021), em comparação aos idiomas étnicos congolezes, os idiomas nacionais, como kikongo, lingala, swahili e tshiluba, têm uma maior quantidade de falantes. Além disso, são línguas escritas ou orais, que contam com uma norma linguística, uma literatura ou contos tradicionais orais, além de ter uma presença nacional mais forte devido ao seu uso em instituições como a administração pública, o sistema judiciário, as escolas primárias, a mídia e as igrejas. Esses quatro idiomas nacionais também dividem o país em quatro áreas linguísticas principais.

Figura 2 – Mapa das línguas nacionais da RDC.



Fonte: Leclerc (2021)

Essas línguas já eram faladas antes da colonização e agora são usadas como primeiras e segundas línguas por mais de 30 milhões de congoleses. Esses idiomas são empregados tanto pela população urbana mais instruída e urbanizada, como também para facilitar a comunicação entre diferentes grupos étnicos nas cidades. Três dos idiomas nacionais congoleses – lingala, swahili e kikongo – estão ligados à história da colonização do Congo e, em princípio, não pertencem a nenhuma das comunidades etnolinguísticas do país. Essa característica permite que desempenhem um papel crucial como línguas de comunicação geral, especialmente o lingala e o swahili. Por outro lado, o tshiluba é um idioma com raízes que remontam ao século XV e está mais intimamente ligado às principais comunidades que o utilizam (LECLERC, 2021).

2.2.3 O idioma oficial

O francês é reconhecido como idioma oficial sendo uma segunda língua para a maioria dos seus falantes. Leclerc (2021) aponta que o idioma é também usado em várias áreas: políticas, jurídicas, administrativas, educacionais, científicas, técnicas etc. Além disso, observa-se que a proficiência no francês varia consideravelmente entre os falantes, especialmente entre áreas urbanas e rurais, e essa disparidade é bastante evidente (LECLERC, 2021).

De fato, como relata Leclerc (2021), o povo congolês adquiriu o francês dos belgas, embora pouco tenha restado da era colonial de Leopoldo II. Vale ressaltar que esse período foi marcado por um modelo de administração brutal e opressivo.

Os colonizadores belgas no Estado Livre do Congo não incentivaram o aprendizado do francês pelos nativos, que foram excluídos da administração. No entanto, ao contrário da França, cuja política linguística colonial era caracterizada pela imposição do francês e pela

marginalização das línguas indígenas, a Bélgica adotou uma abordagem distinta, optando por uma política de administração indireta, na qual as línguas africanas não eram suprimidas na administração das colônias, atribuindo aos missionários a responsabilidade pela educação.

2.2.4 O lugar do lingala no dia a dia dos congoleses

Não há nenhuma dúvida de que o lingala, entre os idiomas congoleses amplamente falados (lingala, swahili, tshiluba e kikongo), é o mais prevalente no dia a dia dos congoleses, superando até o número de falantes da língua francesa no país.

Segundo Nzoimbengene (2013), o lingala se consolidou como o principal idioma de comunicação em massa devido às Forças Armadas e ao longo reinado do regime de Mobutu⁵, que foram os dois principais pilares de sua expansão e consolidação, além da contribuição significativa da mídia e da expressão artística que têm desempenhado um papel importante na interação social das comunidades congolesas.

Após assumir o poder em 1965, Mobutu implementou uma série de mudanças que levaram à consolidação de um regime autoritário. Além disso, ele tomou medidas relacionadas às questões linguísticas, promovendo o reconhecimento e fortalecimento das línguas nacionais, enquanto questionava o domínio do francês. Em suma, a ascensão de Mobutu ao poder político também resultou em seu controle sobre as questões linguísticas (LECLERC, 2021).

Ao escolherem o lingala como idioma predominante nas Forças Armadas e como língua preferencial de comunicação com a população, as administrações belga e congolesa (antigo Zaire) exerceram uma influência bastante significativa sobre o panorama linguístico da atual República Democrática do Congo. Devido à situação militar e administrativa, combinada com as escolhas políticas da ditadura de Mobutu, o lingala ganhou reconhecimento e prestígio. Portanto, esse contexto histórico explica a posição e a importância do lingala ao lado do francês, swahili, tshiluba, kikongo e outros idiomas de grupos locais (NZOIMBENGENE, 2013).

É importante observar que existem muitas variedades do lingala faladas nos diferentes países vizinhos e em diferentes regiões da República Democrática do Congo. O lingala pode

⁵ Mobutu Sese Seko Nkuku Ngbendu wa Za Banga (Lisala, Congo Belga, 14 de outubro de 1930 — Rabate, Marrocos, 7 de setembro de 1997; nascido Joseph-Desiré Mobutu) foi o ditador do Zaire (atual República Democrática do Congo) entre 1965 e 1997. Com uma imagem marcada pelo uso de um barrete de pele de leopardo e uma bengala, ficou para a história contemporânea da África como um dos mais poderosos e autoritários governantes do continente (MOBUTU..., [2023]).

ser dividido em vários regioletos⁶ e socioletos⁷. As principais variedades regionais são o lingala do noroeste, o lingala de Kinshasa e o lingala de Brazzaville. No que diz respeito às variedades do lingala na RDC, há, por exemplo, o lingala literário ou clássico (LINGALA, [2023]), forma padronizada, ensinada como disciplina em determinados níveis educacionais e usada principalmente em transmissões educacionais e de notícias, em rádios ou televisões estatais, bem como em serviços religiosos na Igreja Católica. É amplamente usado em contextos formais e em algumas formas de escrita. No entanto, a maioria dos falantes nativos do lingala falado e do lingala de Kinshasa considera que o lingala literário não é compreensível.

O lingala falado (*lingala parlé* em francês) é a variedade mais usada no dia a dia dos falantes desta língua, amplamente usado em contextos informais e na música. Além disso, ele apresenta variações fonéticas segundo as comunidades de uso; assim existem diferenças de pronúncia entre o “lingala católico” e o “lingala protestante”, por exemplo: NZALA/NJALA (fome). O lingala falado moderno é influenciado pelo francês, ou seja, os verbos franceses, por exemplo, podem ser “lingalizados” com a adição de prefixos e sufixos de inflexão lingala: “ACOMPREENAKI TE” ou “ACOMPRENDRAKI TE” (ele não tinha entendido), utilizando o verbo francês **comprendre** em vez do verbo lingala clássico “KOSOSOLA”. Essas influências francesas são mais predominantes em Kinshasa e são indicativas de uma erosão do idioma à medida que a educação em francês se torna acessível a uma parcela maior da população.

No que se refere à identidade linguística no Congo, ela é caracterizada pela diversidade de línguas faladas no país. Geralmente, os congoleses se identificam com as línguas étnicas das comunidades em que cresceram. No entanto, a identidade linguística dos congoleses, moldada por suas línguas étnicas, inclui também o uso do francês como língua oficial e de prestígio. Essa diversidade linguística desempenha um papel importante na vida cotidiana, na cultura e na construção da identidade cultural dos congoleses. Assim, cada indivíduo pode ter uma combinação única de línguas que utiliza e com a qual se identifica, refletindo a rica diversidade linguística e cultural do Congo.

De fato, o lingala falado e o francês são as línguas utilizadas pelos participantes desta pesquisa e são aquelas que se vinculam a suas identidades como congoleses. Ambas as línguas se misturam e se complementam para conformar uma identidade que também é multicultural. A relevância da língua francesa como língua oficial e meio de comunicação nas esferas

⁶ Regioletos: conjunto dos usos de uma língua que são característicos dos falantes de determinada região.

⁷ Socioletos: conjunto de usos de uma língua distintivos de um determinado grupo social dentro de uma comunidade de falantes; variedade social.

acadêmica, política e profissional também possui um papel significativo na identidade linguística dos congoleses, juntamente com o lingala. Segundo Nzoimbengene (2013, p. 10), os congoleses aprendem ou empregam o lingala não apenas por motivos de comunicação, mas também para demonstrar sua identidade urbana e expressar orgulho de serem congoleses.

2.3 Os estudantes congoleses do programa PEC-G

No cenário atual, temos presenciado um aumento nos fluxos migratórios de diferentes populações que se deslocam por uma variedade de razões. Independentemente das motivações, é evidente que muitos países têm acolhido essas populações em seus territórios, como é o caso do Brasil, que tem sido destino de um número expressivo de imigrantes.

De fato, no Brasil, país com amplas fronteiras com diversas nações, são frequentes as situações de mobilidade interfronteiriças, resultando em intercâmbios e contatos entre línguas. O país acolhe diversas comunidades, caracterizando-se por uma realidade endêmica de bi ou multilinguismo, tanto em suas principais cidades como em regiões além delas (GOROVITZ; MARTÍNEZ; DEPREZ, 2016). Como mencionado previamente, observa-se um número bastante significativo de indivíduos envolvidos em programa de intercâmbio estudantil com as universidades brasileiras, como é o caso do programa PEC-G, do qual fazem parte os estudantes congoleses participantes desta pesquisa. É importante destacar que uma das principais formas de promover a cooperação acadêmica no Brasil é por meio da mobilidade acadêmica (MENDES, 2021, p. 118).

Segundo Bizon (2013), o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), originado no final da década de 1920, oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países do Sul Global com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais.

O PEC-G, resultado de uma colaboração entre os ministérios das Relações Exteriores e o da Educação, em conjunto com universidades públicas – federais e estaduais – e instituições de ensino privadas, tem como intuito selecionar estudantes estrangeiros preferencialmente de 18 a 23 anos, que tenham concluído o ensino médio e possuam nacionalidade e residência permanente em um dos países participantes. Os estudantes precisam ter proficiência em língua portuguesa comprovada pelo Celpe-Bras⁸ e possuir comprovantes de capacidade de custeio de despesas advindas da manutenção (alimentação, moradia, transporte etc.) durante todo o período do curso no país⁹.

⁸ Celpe-Bras: Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

⁹ O Ministério das Relações Exteriores (MRE), o Ministério da Educação (MEC) e a Secretaria de Assuntos Internacionais da UnB (INT/UnB) fornecem em seus respectivos sites essas e outras informações relevantes

Os inscritos no programa PEC-G cursam a graduação inteira em uma universidade brasileira conveniada. No final do curso, com a formação completa adquirida, eles devem voltar ao seu país de origem com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento social e econômico do país (MENDES, 2021).

Vale ressaltar também que, ao longo dos anos, foram desenvolvidos trabalhos¹⁰ que fornecem informações diversas sobre o PEC-G, além de abordarem as experiências dos próprios estudantes dentro do programa. Dentre eles, destaca-se o trabalho de Bizon (2013), discutindo as narrativas de quatro estudantes africanos da República Democrática do Congo, que participaram do programa PEC-G como intercambistas ao longo de toda duração de suas graduações na universidade, evidenciando histórias interligadas à des(re)territorialização e diáspora etc. Contudo, é importante destacar que há questões problemáticas que requerem atenção, como comenta Mendes (2021, p. 126) na sua tese:

O Programa PEC-G não deve se limitar ao acesso desses estudantes às universidades brasileiras, mas compreender que é preciso promover a inclusão desses alunos, o que envolve o entendimento de que a realidade de muitos desses sujeitos é de alta vulnerabilidade social quando chegam no Brasil.

Assim, o foco deste estudo estará direcionado para as questões ligadas à identidade¹¹ dos estudantes congolese, bem como as suas experiências pessoais e sociais. Portanto, buscamos compreender como esses estudantes percebem sua chegada e interação com a comunidade da UnB, o que está em consonância com as observações feitas por Militão (2017) sobre a relevância do acolhimento aos intercambistas, e com as informações fornecidas por Almeida (2019) sobre o cotidiano dos estudantes, destacando sua relação com o programa e fornecendo uma visão mais abrangente da realidade dos alunos de graduação.

Nos primeiros dias de sua chegada ao Brasil, os estudantes enfrentam uma série de questões relacionadas ao curso e a assuntos correlatos, bem como formas de tratamento entre as pessoas. Além disso, também são expostos a assuntos como racismo, homofobia e machismo, que podem ser abordados de forma diferente entre muitos países participantes e o Brasil, o que pode causar um choque cultural significativo, mas pode ser mitigado com informações prévias (ALMEIDA, 2019, p. 65).

relacionadas ao programa. MRE: [DCE - PEC-G: Página Inicial \(mre.gov.br\)](http://DCE-PEC-G:Página Inicial (mre.gov.br)) – MEC: portal.mec.gov.br/pec-g – INT: <https://int.unb.br/br/estude-na-unb/pec-g/pecgnaunb?menu=669>

¹⁰ Embora o número de trabalhos científicos sobre o tema seja consideravelmente limitado, como mencionado pela autora, que, ao longo da elaboração de sua tese, encontrou apenas três trabalhos que focalizam o convênio PEC-G de alguma forma (BIZON, 2013, p. 22).

¹¹ Abordaremos a temática sobre identidade no referencial teórico no capítulo 3.

Almeida (2019) enfatiza a relevância do acolhimento, que vai inicialmente desde as informações disponibilizadas nas embaixadas brasileiras no país de origem dos estudantes, que podem ser consideradas como um pré-acolhimento, e continua no momento da chegada ao Brasil, por meio de orientações adequadas. Segundo um levantamento realizado pelo autor, constatou-se que a falta e a imprecisão de informações são fatores que interferem diretamente na vida do estudante. Assim, as informações recebidas desempenham um papel importante, além de contribuir para o bom desenvolvimento do programa. O autor destaca também a relevância de um pré-acolhimento que forneça informações reais e abrangentes, a fim de proporcionar uma chegada mais tranquila para esses estudantes.

A chegada dos estudantes à universidade envolve uma série progressiva de desafios e confrontações, por isso é comum que as universidades ofereçam algum tipo de acolhimento para apoiá-los nesse processo. Essas ações de acolhimento visam proporcionar maior conforto aos estudantes durante sua chegada à universidade (ALMEIDA, 2019, p. 70).

Dito isso, é relevante destacar que cada estudante possui uma percepção individual em relação à sua chegada ao país e a realidade do cotidiano nem sempre condiz à ideia inicial que os estudantes têm sobre o país.

Apesar de todos os elementos com os quais os estudantes se deparam inicialmente na vida acadêmica, Almeida (2019, p. 79) argumenta que o envolvimento das pessoas responsáveis pelo acolhimento, seja a coordenação ou os servidores da universidade, compatriotas, professores, estudantes, desempenha um papel importante na superação dos desafios durante a graduação, assim como no sucesso ou fracasso pessoal dos estudantes dentro do programa.

3 REVISÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta a revisão bibliográfica realizada sobre os conceitos e definições necessários como a fundamentação teórica desta pesquisa. Inicialmente, abordaremos o contato de línguas e o bilinguismo, âmbitos nos quais se situa este estudo. A seguir, trataremos dos fenômenos de contato analisados no corpus: alternância e mistura linguísticas. Logo após, apresentamos a questão da relação língua-identidade, que consideramos fundamental para compreender como os estudantes avaliam efetivamente suas línguas em contato.

3.1 Contatos de línguas

O conceito de contato de línguas¹² geralmente se refere à situação humana e social em que um indivíduo ou um grupo de pessoas são expostos ao uso de duas ou mais línguas, ou entram em contato com uma ou mais línguas diferentes da sua (GOROVITZ, 2012).

Sob uma perspectiva mais ampla, essa situação pode ocorrer de diversas formas, como através de processos de colonização, migração, conquista, turismo, globalização ou, como aponta Gorovitz (2012), entre indivíduos de países distantes devido ao comércio e às várias formas de intercâmbio.

Apesar de ter sido apenas nas últimas décadas do século XX que o estudo do contato linguístico ganhou destaque na pesquisa linguística, nota-se que o fenômeno do contato linguístico é tão antigo quanto a própria humanidade e tão comum na cultura humana quanto falar mais de um idioma (THOMASON, 2004, p. 1).

Conforme citado por Calvo Capilla (2016) e Gorovitz (2012), foi através de noções propostas por Uriel Weinreich (1953), com base em sua obra *Language in contact*, que se produziu a primeira sistematização teórica do contato linguístico. Juntamente com Haugen (1953), eles serão considerados, de acordo com a perspectiva de Clyne (2003), como os principais protagonistas desempenhando papéis essenciais no progresso da sociolinguística. De fato, é na década de 1960 que a questão do contato entre as línguas e a sociolinguística emergiram como temas fundamentais no campo das ciências da linguagem, com figuras como Labov (1966), que começa a explorar de forma mais abrangente abordagens sincrônicas do fenômeno, ampliando sua diversidade (GOROVITZ, 2012).

Assim, os autores mencionados destacam a importância social e cultural dos contatos de línguas, além de seu aspecto linguístico.

¹² Nesta pesquisa, adotaremos a terminologia “contato de línguas”, abrangendo tanto as expressões “línguas em contato” quanto “contato linguístico”, sem fazer distinções específicas entre elas.

Nos anos recentes, como menciona Gorovitz (2012), houve uma maior atenção para a pesquisa sobre a mudança e a dinâmica das línguas. Os estudos sobre o contato de línguas em um sentido mais amplo englobam uma variedade de fenômenos, tais como hibridação, evolução não linear, áreas de convergência e empréstimos.

Atualmente, é possível observar que as disciplinas linguísticas, com destaque para a sociolinguística, têm como propósito descrever e compreender as diversas facetas envolvidas nos processos de interação. Acerca dessas investigações, Gorovitz (2012, p. 78) aponta:

Nessa perspectiva, as áreas têm levado em conta as questões das línguas em contato para entender não somente a formação de línguas crioulas e pidgins, mas também para descrever evoluções sincrônicas como as alternâncias códicas, o bilinguismo, a variação linguística, o aprendizado etc. levantando questões de sistematicidade (ou assistematicidade), homogeneidade x heterogeneidade, univocidade x plurivocidade, contextualidade x independência etc.

Dessa forma, o capítulo aborda o contato linguístico e oferece uma breve introdução da sua construção teórica para situar o estudo. É evidente que é desafiador dissociar o aspecto social do contato linguístico em uma abordagem macro. No entanto, a partir dessa delimitação conceitual, o trabalho concentra-se nas questões individuais do bilinguismo e do contato linguístico de um reduzido grupo de participantes, destacando as suas línguas em relação à identidade.

É importante ressaltar que, embora não investiguemos de maneira aprofundada os conceitos associados ao bilinguismo, abordaremos essas questões de maneira abrangente, concentrando-nos especialmente nas questões de identidade no uso das línguas por parte dos indivíduos, que são de interesse para esta pesquisa.

3.2 Bilinguismo

O estudo do bilinguismo tem se tornado cada vez mais importante nos tempos atuais. De fato, Flory e Souza (2009, p. 37) apontam que essa relevância é uma consequência direta da internacionalização do mundo contemporâneo, impulsionada pela globalização, pelo aumento das migrações, pelo movimento de revitalização de línguas minoritárias etc.

Além disso, o bilinguismo tem despertado cada vez mais o interesse desde diferentes disciplinas e, embora seja relativamente simples descrever o fenômeno em termos básicos, sua compreensão global é muito mais complexa na prática (AMARAL, 2008).

A presença de múltiplos idiomas em um mesmo lugar é uma situação habitual na maioria das comunidades ao redor do mundo, como evidencia o contexto migratório abordado neste

estudo. As pessoas nessa situação são consideradas bilíngues, ou seja, pessoas que falam dois idiomas ou mais¹³ (AMARAL, 2008).

Contudo, é necessário esclarecer neste ponto que o bilinguismo abrange diversas perspectivas, dependendo dos autores, variando de um extremo ao outro. Efetivamente, Moreno Fernández (1998 apud AMARAL, 2008) aponta que as definições de bilinguismo podem ser categorizadas em uma escala. Em um extremo dessa escala estão os conceitos mais restritos do fenômeno, que exigem um domínio completo, simultâneo e alternado de dois idiomas; no outro extremo se situam as definições que consideram o bilinguismo como o simples conhecimento de um segundo idioma, independentemente do nível de proficiência.

Dessa forma, os falantes têm a possibilidade de fazer escolhas linguísticas e optar por utilizar uma determinada língua, ou podem alternar/misturar diferentes línguas caso seus interlocutores adotem esse comportamento (GROSJEAN, 2010, p. 194).

Por isso, os diferentes tipos de bilinguismo não podem ser considerados como modelos exclusivos e puros, uma vez que o fenômeno é um processo contínuo.¹⁴, em constante evolução, e não uma condição estática e imutável (FLORY; SOUZA, 2009).

Assim, optamos por não escolher nenhum dos extremos e, levando em conta que o bilinguismo tem definições multifacetadas, consideramos válida a definição mencionada anteriormente: pessoas que falam dois idiomas ou mais (AMARAL, 2008).

De acordo com este autor (2008), o fenômeno pode ocorrer em nível comunitário, social (como no caso do Congo visto na seção 2.2) ou em nível de indivíduo. Entretanto, conforme mencionado anteriormente, este estudo terá o foco no âmbito individual, o qual tem sido objeto de extensa pesquisa, principalmente na área da psicolinguística, que investiga o comportamento verbal e os processos psicológicos subjacentes a ele (AMARAL, 2008, p. 17).

3.3 Fenômenos de contato

Como aponta Amaral (2008), no contexto de contato de línguas e bilinguismo, surgem fenômenos linguísticos que impactam todos os aspectos da língua, desde os mais superficiais

¹³ É importante ressaltar que muitos autores optam por empregar o termo “multilíngue” ou “plurilíngue” quando o falante é proficiente em mais de dois idiomas. No entanto, seguiremos neste trabalho a definição de Amaral (2008) e utilizaremos o termo bilíngue para fazer referência a pessoas proficientes em mais de dois línguas.

¹⁴ Continuum bilíngue: conceito que descreve uma escala ou espectro de proficiência em dois ou mais idiomas. Em vez de considerar as pessoas como estritamente bilíngues ou monolíngues, o continuum bilíngue reconhece que a competência em idiomas varia em diferentes graus e pode abranger uma ampla gama de habilidades linguísticas. Isso significa que alguém pode ser mais fluente em um idioma e ter habilidades mais limitadas em outro, ou pode ter um nível intermediário de proficiência em ambos os idiomas. O continuum bilíngue destaca a natureza fluida e variável do multilinguismo (GROSJEAN, 1989; SILVA-CORVALÁN, 1994).

até os mais profundos, analisados em diversas perspectivas. Portanto, neste trabalho nos ocuparemos de dois fenômenos característicos da fala bilíngue e que são relevantes para analisar o corpus de fala relacionado aos participantes: alternância e mistura de códigos, os quais trataremos nas seções a seguir.

Em muitos estudos sobre a alternância linguística, os pesquisadores frequentemente utilizam os termos “*codeswitching*” (“alternância de códigos”) e “*codemixing*” (“mistura de códigos”) como sinônimos (AMARAL, 2008, p. 44).

Para outros como Bokamba (1988, p. 24), a diferença estrutural entre *codeswitching* e *codemixing* reside principalmente no posicionamento dos elementos alterados: no primeiro, a alteração ou alternância dos códigos ocorre interoracionalmente, enquanto no segundo, ocorre intraoracionalmente, como nos exemplos a seguir:

Alternância de códigos interoracional:

P1: *Donc, j’ai repris cette liberté de parler beaucoup à 13 ans. Donc euh... parfois je... parfois...* soa um pouco estranho na minha boca né se eu ficar falando lingala o tempo todo assim... o tempo todo (E1, 131).¹⁵

TR: [Então, eu tomei essa liberdade de falar muito aos 13 anos. Então ehh... às vezes eu... às vezes... soa um pouco estranho na minha boca né se eu ficar falando lingala o tempo todo assim... o tempo todo].¹⁶

Mistura de códigos intraoracional:

P2: YAYA, TOKE/TOKE *KOCOMER*¹⁷, TOKE/TOKE balada, TOKE/TOKE *KOTOMAR* uma (E2, 75).

TR: [VÉI, VAMOS/VAMOS COMER, VAMOS/VAMOS pra balada, VAMOS/VAMOS TOMAR uma].

Assim, neste estudo utilizaremos o termo “alternância de códigos” para fazer referência ao processo geral de combinação de dois ou mais códigos na mesma conversa e “mistura de códigos”¹⁸ se referindo à mistura que acontece dentro de uma mesma sentença, resultando em alterações nas estruturas lexicais e gramaticais (SOARES; DORNAS; COSTA; SALGADO, 2012; CARVALHO, 2012). Assim, a análise da presente pesquisa se baseia no estudo realizado

¹⁵ Para localizar os exemplos no Anexo II, fornecemos entre parênteses o número da entrevista, E1, E2, E3, E4 e E5 e o número da linha onde começa o exemplo.

¹⁶ Nos exemplos presentes no corpus, é apresentada inicialmente a forma original das falas com as convenções já mencionadas (v. 4.2); a seguir, dentro de colchetes, a tradução (TR) para o português das falas em francês e lingala, utilizando o negrito para o francês traduzido e mantendo as maiúsculas para o lingala traduzido.

¹⁷ [As convenções adotadas nas transcrições podem ser consultadas Para melhor entender o “realce” de elementos lexicais, sugere-se consultar a tabela de convenção adotado para esta pesquisa e análise de dados, no Quadro 1 na página 456, no Quadro 1—Convenções adotadas na transcrição. Nos exemplos, as palavras analisadas no texto estão realçadas em cinza.](#)

¹⁸ Como será detalhado na subseção 3.3.2.

por Soares, Dornas, Costa e Salgado (2012), no que se refere à classificação dos fenômenos observados em duas amplas categorias: alternância e mistura de códigos.

3.3.1 Alternância de códigos

A alternância de códigos (*codeswitching*) tem sido amplamente explorada, desde a década de 1970, a partir de diversas perspectivas, e destacada também em pesquisas sobre o fenômeno do bilinguismo em comunidades de fala bilíngues ou multilíngues.

Conta com a contribuição significativa de autores importantes como Gumperz (1971 apud AMARAL, 2008) ou Poplack (1980), quem teve um papel de destaque ao ser pioneira no desenvolvimento de uma tipologia para a alternância de códigos, além de defender vigorosamente o fenômeno como um indicador de competência linguística¹⁹ (AMARAL, 2008).

Silva-Corvalán (1989, p. 347) explica que o fenômeno de alternância de códigos surge a partir do contato linguístico, no qual um mesmo falante alterna entre duas línguas durante um evento de fala. De maneira paralela, Toribio (2000, p. 174) esclarece que pode se tratar de dois ou mais sistemas linguísticos. Carvalho (2012, p. 139) insiste na ideia de que o *codeswitching* é um comportamento linguístico comum entre pessoas bilíngues nas suas interações com membros da comunidade em diversos contextos bilíngues ao redor do mundo.

Na literatura sobre o assunto, geralmente são mencionados dois tipos de alternância: a intraoracional, que envolve a alternância de línguas dentro de uma mesma oração; e a interoracional, que ocorre entre orações distintas (AMARAL, 2008, p. 53-54).

Da mesma maneira, Muysken (2000, p. 3), ao apresentar uma tipologia de *codemixing*, identifica três categorias: “inserção”, “alternância” e “lexicalização congruente”. A mistura de tipo inserção ocorre quando há a inclusão de elementos de um idioma em uma estrutura de outro idioma, podendo ser itens lexicais ou até mesmo constituintes inteiros. No seguinte exemplo observa-se a incorporação de uma unidade sintagmática inglesa na estrutura de uma língua base:

Yo anduve *in a state of shock* por dos días.
(I walked in a state of shock for two days.)
(Spanish/English; PFAFF, 1979, p. 296 apud MUYSKEN, 2000)

Esse tipo de mistura está associado ao empréstimo ocasional, que se restringe a uma unidade lexical, embora também possa ocorrer a inserção de um sintagma completo, como foi

¹⁹ Em relação a isso, Poplack (1980) argumenta que, ao invés de ser um sinal de enfraquecimento da habilidade linguística, o *codeswitching* é, na verdade, um indicador sensível de competência bilíngue. Além disso, como evidenciado por Poplack (1978 apud POPLACK, 1980, p. 589), um mesmo indivíduo pode apresentar várias configurações ou tipos de alternância de códigos (veremos os tipos de alternância de códigos mais adiante).

exemplificado. A mistura de tipo alternância ocorre quando há alternância entre estruturas linguísticas de diferentes idiomas, como acontece no exemplo do próprio Muysken (2000):

Ándale pues and do come again.
(That's all right then and do come again.)
(Spanish/English; GUMPERZ; HERNÁNDEZ-CHÁVEZ, 1975, p. 118 apud MUYSKEN, 2000)

Muysken (2000) aponta que, ao contrário da inserção, a alternância engloba tanto a gramática quanto o léxico de ambos os idiomas. Nesse caso, ocorre uma mudança efetiva de um idioma para o outro, ou seja, não há incorporação como na inserção. Observa-se que as duas primeiras categorias coincidem com as alternâncias intra e interoracionais descritas por Amaral (2008). A terceira categoria, a lexicalização congruente, manifesta-se em línguas próximas nas quais se produz uma mistura de códigos sem língua base definida, permitindo uma combinação livre da L1 e L2. Este tipo de mistura não se observa no nosso corpus²⁰.

De acordo com Calvo Capilla (2016), as alternâncias, quando ocorrem em contextos interoracionais, são principalmente influenciadas por fatores sociais e discursivos, enquanto as alternâncias intraoracionais são mais determinadas por restrições sintáticas. Portanto, nessa mesma perspectiva, Calvo Capilla (2016, p. 89) salienta que *“la yuxtaposición no debe vulnerar las reglas sintácticas de ninguna de las lenguas”*.

Poplack (1980, p. 589) identifica outros tipos de alternância: o tipo etiqueta (*tag switching*) e de substantivos isolados. A alternância do tipo etiqueta se refere ao uso de interjeições, saudações, despedidas ou elementos discursivos ou expressivos que podem ser inseridos em qualquer ponto da frase sem afetar a estrutura gramatical, como podemos observar no seguinte exemplo do nosso corpus:

P2: YAYA²¹, TOKE/TOKE *KOCOMER*, TOKE/TOKE balada, TOKE/TOKE *KOTOMAR* uma (E2, 75).
TR: [VÉI, VAMOS/VAMOS COMER, VAMOS/VAMOS pra balada, VAMOS/VAMOS TOMAR uma].

Muitos pesquisadores consideram que não se trata de casos autênticos de alternância de código, mas sim faz parte do estilo monolíngue do falante. Além disso, nota-se que a inserção dessas etiquetas no discurso tem pouco ou nenhum impacto no restante da frase. As etiquetas são constituintes que podem ser livremente movidos e inseridos em quase qualquer lugar da frase sem violar regras gramaticais (POPLACK, 1980, p. 589).

²⁰ Vale lembrar que as línguas envolvidas neste estudo – francês e português – línguas românicas, são próximas, diferente do lingala, língua bantu e não é próxima das duas línguas românicas.

²¹ Para melhor entender o “realce” de elementos lexicais, sugere-se consultar a tabela de convenção adotado para esta pesquisa e análise de dados, na página 45, no Quadro 1 – Convenções adotadas na transcrição.

A alternância de substantivos isolados envolve a inclusão de palavras em outro idioma. Vale mencionar que esse tipo de inclusão é objeto de debate entre diversos pesquisadores, já que nem todos o consideram um caso de alternância; alguns o classificam como empréstimo linguístico (POPLACK, 1980). No corpus desta pesquisa aparecem casos de tal alternância, como o seguinte:

P1: Déjà qu'ils vont (?) déjà qu'ils vont remarquer que mon sotaque est différent (E1, 137).

TR: [Já que eles vão (?) já que eles vão perceber que meu sotaque está diferente].

Segundo Poplack (1993, p. 256), o empréstimo consiste na adaptação de elementos lexicais aos padrões morfológicos, sintáticos, assim como fonológicos da língua receptora. Esses empréstimos são amplamente difundidos, inclusive entre falantes monolíngues da língua receptora, e são transmitidos naturalmente junto com o restante do léxico monolíngue. Portanto, o empréstimo é um fenômeno coletivo que reflete o uso dos falantes, ao contrário da alternância de substantivos isolados, que ocorre em nível individual (CALVET, 2002, p. 39). Contudo, vale ressaltar que a análise detalhada dessas questões não será o foco principal deste estudo.

Quanto aos usos, Thomason (2001) descreve as alternâncias em uma frase como um tipo de intercâmbio linguístico que desempenha várias funções na conversação, como preencher um vazio lexical (preenchimento lexical) em um idioma com uma palavra de outro idioma, ou proporcionar enriquecimento lexical, semântico, discursivo etc. Grosjean (1982) ressalta que os motivos mais comuns para a ocorrência do fenômeno incluem:

suprir uma necessidade de vocabulário, servir como marcador de discurso, acompanhar a conversa no último idioma usado, citar alguém, especificar o interlocutor, qualificar a mensagem para torná-la mais ampla ou enfatizá-la, personalizar a mensagem, marcar identidade com o grupo para demonstrar solidariedade, transmitir intimidade, raiva ou tédio, excluir alguém da conversa, e alterar o papel do falante para aumentar seu status ou conferir mais autoridade (GROSJEAN, 1982, p. 152).

Levando em conta as referências apresentadas previamente, consideramos que os tipos de alternâncias mencionados – intraoracional, interoracional, etiqueta e substantivos isolados – são relevantes para o estudo das falas dos participantes envolvidos nesta pesquisa.

A subseção a seguir se dedicará ao exame da segunda categoria utilizada na análise dos dados (v. 3.3), a mistura de códigos.

3.3.2 Mistura de códigos

A mistura de códigos tem sido amplamente abordada e estudada na literatura desde diferentes perspectivas e concepções. Conforme mencionado (v. 3.3), embora os termos *codemixing* e *codeswitching* sejam em ocasiões utilizados como sinônimos, Amaral (2008,

p. 51) sugere reservar o termo “alternância” (de códigos) para os casos em que o falante incorpora em um idioma estruturas equivalentes de outro idioma (geralmente de natureza lexical ou sintática), alternando-as, sem, no entanto, misturá-las. Esse processo pode ser visualizado no seguinte esquema: / língua A/ língua B/ língua A/ língua B/...

Neste estudo, assumimos a definição de *codemixing* como a prática de misturar códigos dentro de uma mesma sentença, resultando em alterações na estrutura lexical (SOARES; DORNAS; COSTA; SALGADO, 2012). Considerando essa abordagem, retornamos mais uma vez ao exemplo ilustrativo mencionado na seção 3.3, pg. 36, que explora esse fenômeno em questão:

P2: YAYA, TOKE/TOKE *KOCOMER*, TOKE/TOKE balada, TOKE/TOKE *KOTOMAR* uma (E2, 75).
TR: [VÉI, VAMOS/VAMOS COMER, VAMOS/VAMOS pra balada, VAMOS/VAMOS TOMAR uma].

As palavras “KOCOMER” e “KOTOMAR” são formadas a partir do prefixo lingala {KO}, que é usado para marcar o infinitivo em todos os verbos dessa língua, perdendo o prefixo ao serem conjugados. Dessa forma, surge uma nova palavra, uma criação lexical, que combina elementos de ambas as línguas: o prefixo lingala e o verbo infinitivo em português. Além disso, podemos observar a diferença com a alternância intraoracional “TOKE balada”, na qual ocorre a transição do lingala “TOKE” para o português “balada”, sem misturar as duas línguas, mas alternando de uma para a outra.

Nesse contexto, o indivíduo bilíngue que mistura as línguas demonstra habilidade em relacionar estruturas sintáticas, morfológicas e/ou fonológicas entre as línguas, além de ser capaz de fazer analogias e criar neologismos, evidenciando seu conhecimento das estruturas linguísticas (SOARES; DORNAS; COSTA; SALGADO, 2012).

Quanto às alterações que surgem na estrutura lexical resultantes da mistura de códigos, é relevante destacar que existe um grau de complexidade envolvido e não há um consenso claro entre os autores na literatura em relação a esse aspecto. Portanto, para uma melhor compreensão dos dados presentes no corpus no que diz respeito às falas dos entrevistados, iremos focar nossa atenção em dois fenômenos que foram observados neste estudo: criações lexicais e extensões semânticas (SELIGER; VAGO, 1991; RASO, 2003).

A criação lexical refere-se à prática de combinar elementos de diferentes idiomas ou variedades linguísticas para formar novas palavras ou expressões. Essa mistura de códigos ocorre frequentemente em comunidades multilíngues ou em contextos em que várias línguas são usadas de forma simultânea ou intercalada. Sobre isso, Raso (2003, p. 22) adota o termo

“calques lexicais”, no qual descreve uma situação análoga na L1 dos imigrantes italianos no Brasil. Esse processo pode resultar em uma variedade de híbridos linguísticos, como “Spanglish” (mistura de espanhol e inglês), “Franglais” (mistura de francês e inglês) ou “Portuñol” (mistura de português e espanhol). Essas misturas de códigos são muitas vezes influenciadas pela cultura, pelo contexto social e pela criatividade dos falantes.

Por sua vez, extensões semânticas – também chamadas de “calques semânticos” (RASO, 2003, p. 6) – referem-se a mudanças no significado de palavras, expressões ou estruturas linguísticas que ocorrem quando diferentes idiomas ou variedades linguísticas são combinados, a partir de influências culturais, contexto comunicativo ou criatividade dos falantes. Quando os falantes misturam os códigos, eles podem atribuir novos significados a elementos linguísticos existentes, expandindo seu uso original, além de enriquecer a expressão linguística em contextos multilíngues, de forma a adaptar a língua ao contexto em que estão inseridos e incorporar elementos culturais relevantes (RASO, 2003).

Em relação ao atrito da L1 e a mistura de códigos no contexto do bilinguismo, nota-se que ambas as questões apresentam semelhanças. De acordo com a observação feita por Seliger (1996, p. 610), a mistura de códigos pode ser influenciada por fatores externos, como o contexto sociocultural²² em que os idiomas são utilizados. Este autor menciona que, de forma paradoxal, não realizar a mistura adequada dos idiomas em determinadas circunstâncias sociais poderia ser considerado uma anomalia e possivelmente indicaria um conflito com o idioma principal.

A dificuldade de misturar idiomas de acordo com as normas aceitas indicaria que o indivíduo bilíngue não consegue acessar elementos de um dos idiomas ao se comunicar com outro falante bilíngue (SELIGER, 1996). Nesse sentido, citando Pfaff (1979), Seliger (1996) destaca que a utilização da mistura de códigos serve para expressar solidariedade e neutralidade.

De forma resumida, alternância e mistura de códigos constituem uma faceta comum do bilinguismo, impulsionada pelas características do contexto sociolinguístico que estimula a troca. O uso das diferentes línguas faladas pela comunidade não é apenas apropriado, mas também necessário para expressar solidariedade e senso de pertencimento (SELIGER, 1996).

3.4 Língua e Identidade

Língua e identidade são dois conceitos que estão intrinsecamente ligados, cuja relação tem sido amplamente estudada ao longo do tempo (BEN-RAFAEL, 2009). De acordo com as observações feitas por Frota (2016, p. 44), é possível notar que a relação entre língua e

²² Conforme examinaremos também através de exemplos relacionados a participantes envolvidos neste estudo.

identidade é frequentemente examinada em termos de sua função simbólica. Assim, neste estudo, é investigado como os falantes bilíngues interpretam o uso de suas línguas.

De acordo com Romaine (2011), a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também uma poderosa ferramenta de construção e expressão da identidade tanto individual quanto coletiva, refletindo as experiências culturais, sociais e históricas dos falantes.

Da mesma maneira, a relação entre língua e identidade é complexa e multifacetada, motivo pelo qual tem sido explorada por várias disciplinas, como sociolinguística, antropologia, sociologia e estudos culturais, para mencionar apenas algumas contribuições.

Dentro dessas abordagens de pesquisa, tem sido analisada a forma como as pessoas se relacionam com o ambiente ao seu redor e como percebem sua própria posição nele, tanto como indivíduos.²³ quanto como membros de um grupo (ROMAINE, 2011; AMARAL, 2008, p. 36).

Nesse contexto, Pavlenko (1997, p. 80) investiga a relação entre as línguas e a identidade social dos imigrantes bilíngues, utilizando suas narrativas como base para examinar a relação entre discurso e identidade, bem como a posição dos participantes em diferentes discursos. Desse modo, percebe-se a existência de atitudes sociais que fortalecem crenças sobre uma língua-padrão de prestígio, em detrimento de outras línguas ou de variedades da mesma língua, implicando uma hierarquia linguística no nível social (FROTA, 2016, p. 61).

Levando em conta a diversidade de situações em que as comunidades multilíngues entram em contato, conforme aponta Pavlenko (2006 apud BEN-RAFAEL, 2009), torna-se evidente a influência da identidade social, nacional ou étnica, nas escolhas e atitudes linguísticas dos indivíduos. A mesma autora sustenta sua tese por meio de diversos exemplos:

Sionistas socialistas que chegam à Palestina abandonam suas línguas nativas, juntamente com a história de opressão que elas simbolizam, e adotam o hebraico, que promete liberdade e autenticidade (Spolsky & Shohamy, 1999). Jovens mulheres húngaras em aldeias austríacas mudam para o alemão, a língua que abre portas para os locais de trabalho industriais e estilos de vida urbanos que desejam (Gal, 1978). E mães camponesas da Bretanha se recusam a transmitir o bretão para seus filhos, agindo como se a própria língua cheirasse a esterco de vaca, enquanto o francês oferecia afinidade e sofisticação, elevando-as na escala social até a classe média (McDonald, 1994). (PAVLENKO, 2005, p. 201).

Pavlenko (2005, p. 223) afirma que as línguas que escolhemos usar revelam não apenas nossa identidade e as posições que defendemos ou questionamos, mas também o tipo de futuro no qual investimos. Similarmente, isso implica a busca pela mobilidade social por meio da língua, como expresso por Ben-Rafael (2009). Na prática, as línguas de prestígio proporcionam

²³ Como veremos mais adiante com a análise da fala dos participantes envolvidos no estudo.

oportunidades de mobilidade e progresso social, o que resulta em uma perspectiva que enfatiza a superioridade e o poder daqueles que as utilizam (BEN-RAFAEL, 2009).

De acordo com Berry, Phinney, Sam e Vedder (2006, p. 305), os vínculos que os imigrantes estabelecem com suas culturas de origem e com as sociedades de acolhimento podem ser expressos de várias maneiras, que vão desde suas preferências e grau de engajamento com ambas as culturas até a escolha da língua ou das línguas utilizadas nos diferentes relacionamentos sociais.

No que se refere ao uso das línguas em diferentes âmbitos pelos bilíngues, nota-se que depende de uma combinação de fatores como contexto, experiência, competência linguística, normas sociais e culturais, bem como a preferência e competência dos interlocutores.

Segundo Calvo Capilla (2016, p. 103), trata-se de um fator complexo, no qual é difícil determinar até que ponto é influenciado por atitudes ou está além do controle do falante. O imigrante pode estar em um contexto em que não há falantes de sua língua nativa (L1), mas também é possível que ele tenha contato com eles e, mesmo assim, opte por não utilizar esse idioma na interação.

Grosjean (1989, p. 6) argumenta que os bilíngues empregam dois idiomas de maneira separada ou combinada, dependendo de seus propósitos, contextos e interlocutores. Geralmente, não possuem fluência igual ou completa em ambos os idiomas, uma vez que os níveis de proficiência variam de acordo com as necessidades e os domínios de cada idioma, influenciando nas suas escolhas linguísticas. Como falantes bilíngues, eles desenvolvem uma competência comunicativa suficiente para o cotidiano, utilizando um primeiro idioma, um segundo idioma ou ambos em forma de discurso misto, conforme a situação, o tópico e o interlocutor.

Para além das questões previamente mencionadas, é importante considerar o aspecto da discriminação. Para lidar com esse problema e as atitudes percebidas como negativas, são adotadas estratégias de defesa para preservar a autoestima, comumente associada à integração (BERRY; PHINNEY; SAM; VEDDER, 2006; MUNARO, 2012).

De acordo com Casas e Pytluck (1995 apud MUNARO, 2012, p. 4), a integração dos imigrantes é proposta como uma solução. Essa integração é vista como um processo dinâmico e em constante evolução, que envolve não apenas o conhecimento da nova cultura, mas também a preservação da cultura de origem, com o intuito de dominar as referências culturais essenciais e ser capaz de se movimentar entre duas ou mais culturas. Em outras palavras, é necessário desenvolver competência social para interagir efetivamente com membros de diferentes grupos.

Nessa perspectiva, Moreno (2009, p. 131) argumenta que a integração implica em um ajuste mútuo entre a população imigrante e a população residente, onde ocorre a construção de uma realidade social compartilhada e a adoção de valores em comum. É um processo contínuo e bidirecional, onde os residentes e os imigrantes colaboram na organização das atividades na comunidade de acolhimento.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, serão abordados todos os aspectos metodológicos da pesquisa realizada, fornecendo uma descrição dos procedimentos necessários e relevantes para investigar como os estudantes congolese da Universidade de Brasília (UnB) lidam e avaliam o contato linguístico (lingala, francês e português), pretendendo observar se existe relação entre os usos linguísticos dos falantes e a questão da identidade.

Assim, o estudo tem o foco de realizar uma pesquisa de natureza exploratória inicial com o intuito de observar o contato linguístico em um grupo específico da UnB. A pesquisa foi realizada durante os meses de abril e maio de 2023.

Para alcançar os objetivos propostos, foi utilizada uma abordagem qualitativa, já que, neste tipo de pesquisa, os dados são obtidos diretamente do ambiente em que ocorrem os fenômenos estudados. O pesquisador estabelece contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, exigindo um trabalho de campo mais intenso e aprofundado (GIL, 2010 apud PRODANOV; FREITAS, 2013).

Com intuito de conhecer a problemática sobre a área de estudo, foi realizada uma pesquisa descritiva. De acordo com Gil (2010, p. 52 apud PRODANOV; FREITAS, 2013), a pesquisa descritiva tem como objetivo fornecer uma descrição das características de uma determinada população ou fenômeno, assim como estabelecer relações entre variáveis por meio da utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, como entrevistas, formulários, questionários e observação sistemática.

Para a obtenção dos dados necessários, foi utilizado como procedimento técnico o estudo de caso. Segundo Yin (2001 apud PRODANOV; FREITAS, 2013), esse procedimento envolve uma análise minuciosa e aprofundada de um ou mais objetos, visando obter um conhecimento amplo e detalhado sobre eles. Assim, o estudo de caso consiste na coleta e análise de informações sobre um indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de explorar diversos aspectos de suas vidas, de acordo com o tema da pesquisa.

4.1 Seleção de participantes

Os sujeitos envolvidos neste estudo são estudantes congolese do programa PEC-G²⁴ residentes em Brasília. A seleção dos participantes foi feita com base em dados fornecidos pela Secretaria de Assuntos Internacionais (INT) da UnB, onde foram indicados os cinco estudantes

²⁴ Consultar a seção 2.3 para mais informações sobre o programa.

congoleses que participantes do programa durante o período desta pesquisa.

Contudo, como mencionado inicialmente, o motivo para realizar esta pesquisa se deu pelo fato de o próprio autor estar envolvido, juntamente com os estudantes congoleses, no mesmo contexto migratório por meio da mobilidade estudantil, de modo que o pesquisador pode ser considerado um participante adicional.

Assim, antes de coletar esses dados, o autor já havia realizado uma conversa preliminar com os estudantes para informá-los sobre a pesquisa e seu objetivo, considerando que os estudantes congoleses da UnB estão em contato frequente entre si. Além disso, todos os participantes foram devidamente informados de que a participação no estudo era voluntária e que suas respostas seriam tratadas de forma anônima.

4.2 Instrumentos de pesquisa: questionários e entrevistas

Para coletar os dados necessários à observação da fala dos participantes e dos fenômenos de contato, foram utilizados dois instrumentos: um questionário e entrevistas.

O primeiro passo foi a aplicação de um questionário sociolinguístico²⁵ estruturado, com o intuito de obter informações pessoais e sociolinguísticas dos estudantes, contribuindo para a compreensão de alguns dos resultados obtidos. O propósito era entender as atitudes dos indivíduos a respeito das suas línguas e a relação destas com a sua identidade.

Em segundo lugar, foram feitas entrevistas semiestruturadas individuais, que foram gravadas e transcritas em seguida, com o intuito de obter dados linguísticos com a fala dos participantes para localizar os fenômenos de contato.

As entrevistas têm em média duração de 20 minutos, variando de 15:55 a 26:00 minutos, como ilustrado na Tabela 1, e foram conduzidas em Brasília no mês de abril de 2023. Cada entrevista foi identificada com a letra “E” seguida de um número de 1 a 5, sendo atribuídos de acordo com a ordem cronológica das datas em que foram realizadas. De forma similar, o mesmo sistema foi empregado para identificar os participantes, usando neste caso a letra “P”. Portanto, a entrevista E1 corresponde ao participante P1, e assim sucessivamente.

Nesse contexto, considerou-se necessário realizar as entrevistas nas três línguas com as quais os estudantes congoleses interagem habitualmente: lingala e francês como primeiras línguas, e português como L2. Assim, todas as entrevistas foram conduzidas pelo pesquisador, que faz parte do mesmo grupo social dos participantes por ser também um migrante congolês

²⁵ Ver o Anexo I. O questionário sociolinguístico utilizado neste estudo é uma versão adaptada do questionário presente na tese de Calvo Capilla (2016), que por sua vez foi baseado no questionário desenvolvido por Schmid (2005, p. 41-46 apud CALVO CAPILLA, 2016). O questionário é composto por 50 perguntas de diversos tipos.

que reside em Brasília. Como aponta Silva-Corvalán (2001, p. 55; 1989, p. 28), verificou-se que, quando o pesquisador é um membro da comunidade, as gravações obtidas refletem de maneira mais fiel a fala espontânea do dia a dia.

Merriam (2009) ressalta a importância de implementar um sistema de catalogação, codificação e o agrupamento de dados para identificar padrões e percepções relacionados aos temas teóricos abordados, permitindo a confirmação ou rejeição das hipóteses estabelecidas. A classificação e agrupamento dos itens com base em algum tipo de lógica são essenciais para conferir significado à investigação. Assim, os dados analisados nesta pesquisa, coletados por meio de entrevistas gravadas e, posteriormente, transcritas, compuseram o corpus desta investigação. Com objetivo de facilitar a compreensão das entrevistas, as transcrições incluíram as falas do entrevistador, nas quais se observam os mesmos fenômenos que aparecem nas falas dos participantes e que, por esse motivo, serão também analisadas.

Todas as entrevistas foram realizadas em formato de conversas presenciais, buscando promover um ambiente informal e espontâneo, em que um dos participantes interagiu diretamente com o pesquisador. Cada participante foi entrevistado apenas uma vez, no local de sua escolha. Assim, a maioria dos participantes (3) optou por ser entrevistada na UnB, pois é um local de encontro frequente entre os estudantes. Apenas dois foram entrevistados em suas residências. As gravações foram realizadas entre os dias 13 e 22 de abril de 2023.

A representação da escrita das transcrições foi realizada de acordo com as convenções normativas e ortográficas das línguas envolvidas neste estudo: lingala, francês e português. Além disso, foram utilizadas adaptações das convenções de catalogação propostas por Calvo Capilla (2016, p. 124), a fim de melhor representar os elementos que surgem neste estudo.

Também foram estabelecidas convenções específicas para os fenômenos linguísticos encontrados no corpus, a fim de relacioná-los aos elementos socioculturais que influenciam as escolhas e preferências linguísticas dos estudantes congolezes. Para isso, foram adotadas cores de acordo com as convenções descritas, no quadro abaixo (CALVO CAPILLA, 2007, 2016; ISIDORO, 2022).

Adicionalmente, em relação às pausas sonoras e extensões, observou-se que ocorrem alternâncias desses itens (conforme a tabela abaixo, na coluna “significado”) nas falas dos indivíduos bilíngues variando de uma língua para outra. Por esse motivo, tornou-se necessário fazer essa especificação nas convenções adotadas.

Quadro 1 – Convenções adotadas na transcrição

Significado	Convenção
Intervenções dos participantes	P1: P5:
Intervenções do pesquisador	Entrevistador:
Ininteligível	(?)
Outros comentários para ou extralinguísticos	[risos]
Entonação interrogativa exclamativa	? !
Entonação conclusiva não conclusiva	. ,
Interrupções	...
Texto em francês	Negrito
Texto em lingala	Maiúsculo
Texto em português	sem destaque
Texto em inglês	Itálico
Material omitido não relevante ou confidencial	(...)
Forma lingala não contraída	K'A (KAKA)
Ênfase	<u>Sublinhado</u>
Pausas sonoras	ehh... ahh... euh... hum...
Extensões	e... et...
Pausas silenciosas	curto <.> médio <..> longo <...>
Repetições de um fragmento ou sílaba	<en/>entendi
Repetições de uma palavra	la/la
Repetições de várias palavras	<muito parecido>/muito parecido
Destaque da palavra <u>em questão analisada</u> presente no exemplo	realçado em cinza
Concordância não-normativa singular/plural	realçado em azul
Lapsus linguae	realçado em verde
Fragmentos sobre identidade.	realçado em roxa
Fragmentos onde ocorrem alternâncias de código	realçado em amarelo
Criações lexicais, extensões semânticas. (mistura de código)	entre *...*

Fonte: elaboração própria.

5 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, é realizada uma análise dos hábitos linguísticos dos estudantes congolese, com foco nos fenômenos de contato presentes em suas falas. Na segunda, são abordados os aspectos relacionados à expressão da identidade dos estudantes e como isso se vincula ao uso das línguas, levando em consideração os indicadores culturais identificados no corpus de fala e nos questionários. Em ambos os casos, nos baseamos nas teorias e nos autores apresentados no capítulo 3.

5.1 Fenômenos de contato

O corpus deste estudo é composto pelas transcrições (ver Anexo II) das entrevistas semiestruturadas gravadas com os cinco estudantes congolese do programa PEC-G residentes em Brasília que participaram da pesquisa. A Tabela 1 apresenta as durações das entrevistas e o número de palavras das suas transcrições. Apesar da intenção de manter a duração das gravações em torno de vinte minutos, houve casos, como E2 e E3, que se afastaram um pouco da média, um abaixo e outro acima, respectivamente.

Tabela 1 – Dimensões das entrevistas com estudantes congolese em Brasília

Entrevistas	Duração min	N. de pal. total	N. de pal. PT	N. de pal. FR	N. de pal. LN	N. de linhas
E1	23:46	3.208	2.281	884	43	242
E2	15:55	2.223	2.206	2	15	178
E3	26:00	2.889	2.729	135	25	204
E4	17:50	2.376	2.118	221	37	186
E5	19:29	2.776	2.481	294	1	203
Total	1:43:00	13.472	11.815	1.536	121	1.013
Média	20:06	2.694,4	2.363	307,2	24,2	202,6
Mín.	15:55	2.223	2.118	2	1	178
Máx.	26:00	3.208	2.729	884	43	242

Fonte: elaboração própria.

Os dados de fala obtidos permitiram a observação da alternância e mistura de códigos nas diferentes combinações linguísticas utilizadas pelos estudantes congolese: lingala, francês e português. Foram identificadas 42 ocorrências de *codeswitching* e 10 de *codemixing*, conforme ilustrado nas frequências apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Recorrência dos fenômenos linguísticos & frequências

	Fenômenos linguísticos & Frequências					
	Alternância de códigos				Mistura de códigos	
	Intra	Inter	Etiqueta	Subs. Isol.	Criação lex.	Ext. sem.
Entrevista 1	2	8	–	1	3	1
Entrevista 2	4	–	3	2	5	–
Entrevista 3	4	2	–	–	1	–
Entrevista 4	3	7	–	1	–	–
Entrevista 5	3	2	–	–	–	–
Total	16	19	3	4	9	1
	42				10	

Fonte: elaboração própria.

O número de alternâncias intraoracionais é ligeiramente menor do que o número de interoracionais, e a soma de ambos constitui a maioria das alternâncias identificadas, bem como dos fenômenos de contato analisados, corroborando as observações feitas por Poplack (1980), que indica que ambas as formas de alternância são mais frequentes e ocorrem em frases de indivíduos bilíngues.

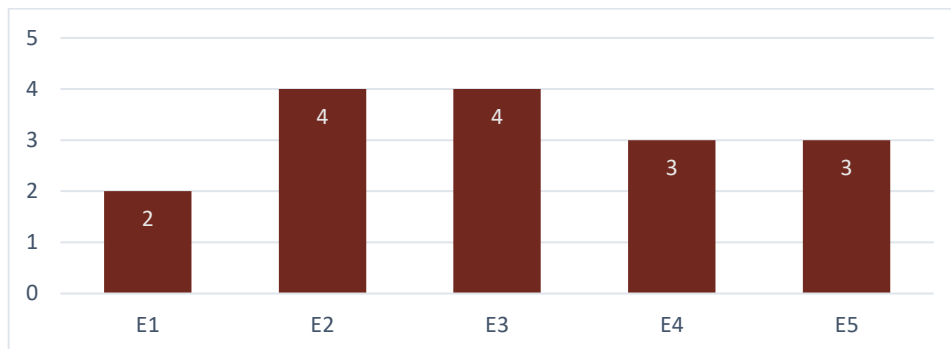
5.1.1 Alternância de códigos

Nesta subseção, iremos examinar os tipos de alternâncias mencionados previamente e que identificamos no corpus das falas dos estudantes. Inicialmente, abordaremos as alternâncias intraoracionais, seguidas pelas interoracionais, as do tipo etiqueta e, por fim, as alternâncias de substantivos isolados.

Analisou-se em quais situações os participantes mudavam de códigos e quais eram os motivos. Nesta pesquisa, constatou-se que todos os participantes utilizam principalmente o português como meio de comunicação dentro da comunidade estudantil em geral, devido ao contexto de mobilidade acadêmica em que estão inseridos. Nesse sentido, nota-se que a maioria dos participantes, ao mudar de código, tende a transitar do português para o lingala ou o francês, dependendo da familiaridade com a língua, sobretudo quando se trata de assuntos relacionados à própria comunidade, a africanos que falam francês ou simplesmente para fortalecer os laços de proximidade e conexão. Entretanto, uma exceção a essa observação é P5, que, apesar de falar francês e lingala com fluidez, opta por manter-se no português, independentemente da pessoa com quem está interagindo. Esse comportamento, como lembra o próprio participante, ocorre devido ao fato de estar casado com uma brasileira e falar português o tempo todo, 24h por dia: “hoje em dia, me sinto à vontade, falando português, porque sou casado primeiro, né com brasileira, então <.> É toda hora português” (E5, 149). Vale salientar que durante a entrevista, P5 não utilizou o lingala em nenhum momento, optando apenas pelo francês ocasionalmente como evidenciado na Tabela 1.

5.1.1.1 Alternâncias intraoracionais

Gráfico 1 – Quantidade de aparições em alternâncias intraoracionais



Fonte: autoria própria.

Na alternância intraoracional, observou-se uma quantidade aproximadamente similar de ocorrências desse fenômeno entre os participantes desta pesquisa. Os participantes P2 e P3 apresentaram o maior número de ocorrências (4), na E2 e E3 respectivamente, seguidos pelos participantes P4 e P5, na E4 e E5, que também tiveram o mesmo número de incidências (3). Apenas o participante P1 apresentou a menor presença nessa alternância, com (2) ocorrências.

Como refere Poplack (1980, p. 589), a alternância de código pode ser utilizada como um indicador da habilidade bilíngue dos falantes, especialmente a intraoracional que é uma forma mais complexa ou “íntima” de alternância linguística. Além disso, é mais habitual em bilíngues considerados balanceados, já que necessita de um maior conhecimento estrutural e gramatical das duas línguas (POPLACK, 1980). Este comportamento foi observado no presente corpus, em que os estudantes congolese, ao utilizar a alternância intraoracional, demonstram habilidade na aplicação correta das regras sintáticas nos três idiomas, unindo os constituintes e conectando-os de maneira gramaticalmente adequada. Isso pode ser evidenciado nos trechos (1), (2) e (3) coletados das falas dos estudantes bilíngues, nos quais a maioria deles faz uso das três línguas: lingala, francês e português.

Exemplos de fragmentos com alternâncias intraoracionais:

- (1) **Entrevistador:** Ahh tá certo! PO LINGALA NAGA PE EZA MWA enferrujado né. Às vezes, NALOBACA LINGALA, mas cê pode perceber que tá um pouco enferrujado **mais <de toutes les>/de toutes les... fois que je parle lingala, je n'ai pas vraiment honte** (E1, 110).
- TR:** [Ahh tá certo! POIS MEU LINGALA TAMBÉM ESTÁ UM POUCO enferrujado né. Às vezes, EU FALO LINGALA, mas cê pode perceber que tá um pouco enferrujado, **mas <de todas as>/de todas as... vezes que eu falo lingala, eu realmente não tenho vergonha**].
- (2) **P3: (...)** quand vous sortez directement pra aprender a língua, leva um choque quando cê começa a vida acadêmica não é a mesma coisa que... MUTU AKOYA K'A (KAKA) MBALAMOKO TE, ANDO' YOKA (ABANDA KOYOKA) PORTUGAIS.

Donc, c'est un peu différent et... <Foi difícil>/foi difícil de chegar numa sala que o professor <.> fica 2 horas falando português (E3, 104).

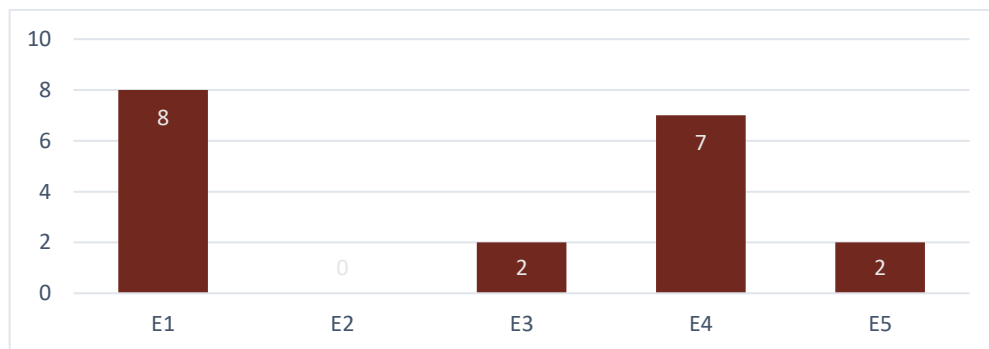
TR: [(...) **quando você sai diretamente** pra aprender a língua, você leva um choque quando cê começa a vida acadêmica não é a mesma coisa que... **ALGUÉM NÃO PODE VIR DE REPENTE E COMEÇA A ENTENDER O PORTUGUÊS. Portanto, é um pouco diferente e...** <Foi difícil>/foi difícil de chegar numa sala que o professor <.> fica 2 horas falando português].

- (3) **P3:** Então, a maioria dos meus amigos que moram aqui no Brasil, a gente consegue falar pelo menos 3 línguas <.> misturando, tipo eu posso começar uma frase assim, tipo ahh bom dia! E aí, NDE NINI? OZA BIEN? E a <outra pessoa>/outra pessoa responde, AHH TE NAZA BIEN! E por aí? Aí quando fala por aí, eu entendo em português. Então pode me perguntar também outra coisa. **Ahh Comment tu vas?** A gente pode conversar em francês, mas dentro dessa conversa vai e volta <.> português, vai e volta a língua nativa que é lingala, no caso do Congo (E3, 74).

TR: [Então, a maioria dos meus amigos que moram aqui no Brasil, a gente consegue falar pelo menos 3 línguas <.> misturando, tipo eu posso começar uma frase assim, tipo ahh bom dia! E aí, COMO ESTÁ? TUDO BEM? E a <outra pessoa>/outra pessoa responde, AHH SIM ESTOU BEM! E por aí? Aí quando fala por aí, eu entendo em português. Então pode me perguntar também outra coisa. **Ahh Como você está?** A gente pode conversar em francês, mas dentro dessa conversa vai e volta <.> português, vai e volta a língua nativa que é lingala, no caso do Congo].

5.1.1.2 Alternâncias interoracionais

Gráfico 2 – Quantidade de aparições em alternâncias interoracionais



Fonte: autoria própria.

De acordo com Poplack (1980, p. 615), os falantes com menor proficiência tendem a violar as regras sintáticas das línguas ou a evitá-las, optando por alternâncias interoracionais, que requerem menos habilidade linguística do que as alternâncias intraoracionais.

Nos exemplos dos fragmentos (4), (5), (6), (7) e (8), observa-se de forma clara que os estudantes congolezes empregam adequadamente a alternância interoracional de acordo com a seguinte estrutura: / língua A/ língua B/ língua A/ língua B/... (v. 3.3.2). Isto é, ocorre uma mudança completa de uma língua para outra, sem misturas.

Exemplos de fragmentos com alternâncias interoracionais:

- (4) **P1: Donc, j'ai repris cette liberté de parler beaucoup à 13 ans. Donc euh... parfois je... parfois...** soa um pouco estranho na minha boca né se eu ficar falando lingala o tempo todo assim... o tempo todo (E1, 131).

TR: [Então, eu tomei essa liberdade de falar muito aos 13 anos. Então ehh... às vezes eu... às vezes... soa um pouco estranho na minha boca né se eu ficar falando lingala o tempo todo assim... o tempo todo].

- (5) **Entrevistador: (...)** il t'arrivait par moment de vouloir <.> dire... já basta, não quero mais português. Aí, você... quer tipo ehh... voltar né na sua língua: francês, lingala ... no final do dia? (E3, 114).

TR: [(...) havia momentos em que você queria <.> dizer... já basta, não quero mais português. Aí, você... quer tipo ehh... voltar né na sua língua: francês, lingala ... no final do dia?].

- (6) **P3:** Ehh... no final do dia je peux dire que, j'avais un peu élaboré quelques techniques en français parce que j'utilisais mon téléphone, utilisant google traducteur (E3, 117).

TR: [Ehh... no final do dia eu posso dizer que tinha desenvolvido algumas técnicas em francês porque eu usava meu telefone, usando o google tradutor].

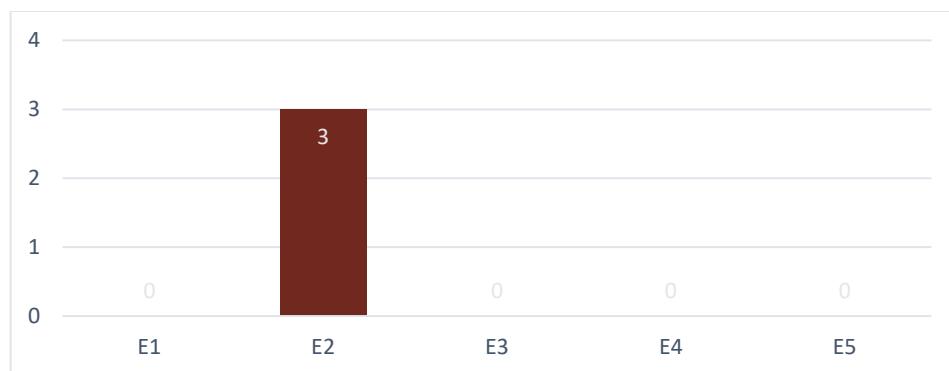
- (7) **Entrevistador: Alors si tu <.> pourrais te/te présenter.** Se você puder se apresentar, mais uma vez (E1, 1).

- (8) **P1: Je suis de la République Démocratique du Congo <.> né à Kinshasa la capitale et... Ma langue <.> native, c'est le français.** É isso (E1, 4).

TR: [Sou da República Democrática do Congo <.> nasci em Kinshasa, a capital e... Minha língua <.> nativa é o francês. É isso.]

5.1.1.3 Alternâncias de tipo etiqueta

Gráfico 3 – Quantidade de aparições em alternâncias de tipo etiqueta



Fonte: autoria própria.

Ao comparar com a alternância intraoracional, Poplack (1980, p. 589) destaca que as alternâncias de etiqueta e de substantivos isolados são as menos frequentes entre os tipos de alternância. De acordo com a observação do autor, verificou-se que, como afirma Poplack (1980, p. 589), houve uma baixa incidência da alternância de tipo etiqueta. Apenas o participante P2, na E2, empregou essa alternância em lingala, que é a língua com a qual ele se comunica com maior frequência, além do português, conforme os dados coletados.

Observa-se que o uso desse tipo de alternância se deu com a palavra “YAYA”, como ilustrado nos exemplos (9), (10) e (11). Esse termo, habitualmente utilizado em lingala, pode

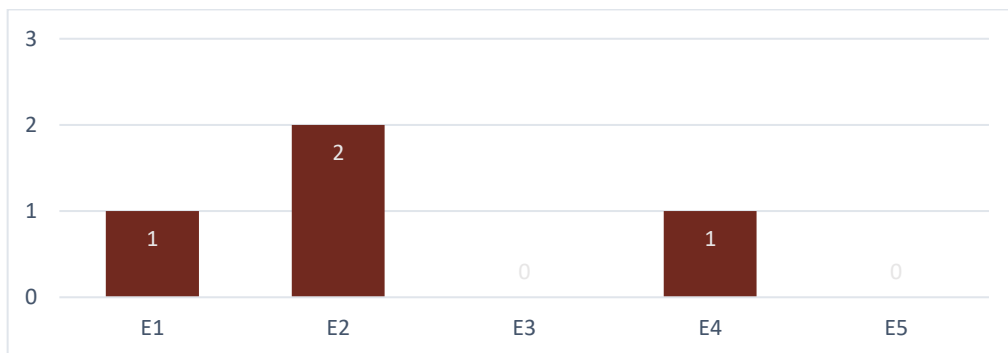
expressar afeto em relação a uma pessoa com quem se tem familiaridade, e pode ter significados similares a “mano” ou “véi”.

Exemplos de fragmentos com alternâncias de tipo etiqueta:

- (9) **P2:** YAYA²⁶, TOKE/TOKE *KOCOMER*, TOKE/TOKE balada, TOKE/TOKE *KOTOMAR* uma (E2, 75).
TR: [VÉI, VAMOS/VAMOS COMER, VAMOS/VAMOS pra balada, VAMOS/VAMOS TOMAR uma].
-
- (10) **Entrevistador:** BON YAYA²⁷, bom dia! Se você puder se apresentar, seu nome, curso na UnB, semestre que tá né (E2, 1).
TR: [BEM MANO, bom dia! Se você puder se apresentar, seu nome, curso na UnB, semestre que tá né].
-
- (11) **Entrevistador:** Ahh maravilha! Mas, YAYA eu vou fazer também pergunta sobre as comidas. Ehh... BILOKO OLIKA AWA em Brasília (E2, 127).
TR: [Ahh maravilha! Mas, VÉI eu vou fazer também pergunta sobre as comidas. Ehh... AS COISAS QUE COME AQUI em Brasília].

5.1.1.4 Alternâncias de substantivos isolados

Gráfico 4 – Quantidade de aparições em alternâncias de substantivos isolados



Fonte: autoria própria.

A alternância de substantivos isolados registrou um total de 4 ocorrências coletadas nas falas dos estudantes congolezes, como evidenciado nos exemplos (10), (11), (12) e (13). Ademais, pode ser destacada como mais genuína a palavra “sotaque”, termo escutado de forma recorrente pelos sujeitos.

A segunda palavra é do inglês “*brothers*” (“amigo”, “parceiro”, que também é usada em português com o mesmo significado de “mano”). No entanto, este vocábulo inglês pode ser considerado como um empréstimo, já que também é utilizado pelos jovens brasileiros. De fato,

²⁶ As convenções adotadas nas transcrições podem ser consultadas no Quadro 1 na página 46. Nos exemplos, as palavras analisadas no texto estão realçadas em cinza.

²⁷ Nas entrevistas, as intervenções do entrevistador/pesquisador foram também analisadas, dado que faz parte do mesmo grupo social dos participantes (v. 4.2).

conforme vimos em na subseção 3.3.1, para alguns autores a alternância de substantivos isolados deve ser considerada como empréstimo.

Exemplos de fragmentos com alternâncias de substantivos isolados:

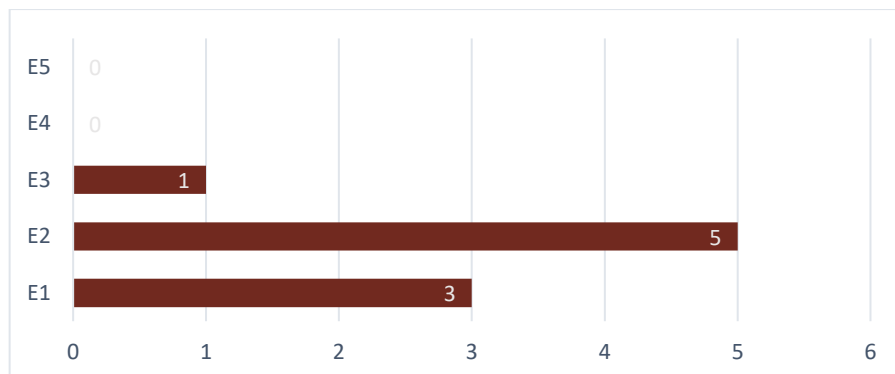
- (10) **P1:** Je me sens beaucoup plus à l'aise en français mais aussi en lingala et le portugais parfois, j'ai un peu cette timidité-là de parler avec les brésiliens. Déjà qu'ils vont (?) déjà qu'ils vont remarquer que mon sotaque est différent (E1, 135).
TR: [Eu me sinto muito mais à vontade em francês, mas também em lingala e o português, às vezes, tenho um pouco uma certa timidez ao falar com brasileiros. Já que eles vão (?) já que eles vão perceber que meu sotaque está diferente].
- (11) **P2:** Hoje em dia, só falo lingala com... meus pais <.> aí mesmo com os brothers vai ser só fala uma palavra, mistura com o português, português-francês até escrever, até falar (E2, 97).
- (12) **P2:** Não falo com brasileiros, mas de vezes em quando com os brothers também né com/com congolese também... <a gente>/a gente acaba falando português sem querer entendeu? (E2, 109).
- (13) **Entrevistador:** Entendi! Então, a gente pode puxar também o lado do lingala (...). OLOBAKA PE LINGALA NABA brothers? Como é que é? (E4, 165).
TR: [Entendi! Então, a gente pode puxar também o lado do lingala (...). [VOCÊ FALA TAMBÉM LINGALA COM OS manos? Como é que é?].

5.1.2 Mistura de códigos

Nesta subseção, iremos analisar os tipos de misturas mencionados na subseção 3.3.2 e identificados no corpus das falas dos estudantes. Iniciaremos examinando as criações lexicais e posteriormente as extensões semânticas.

5.1.2.1 Criações lexicais

Gráfico 5 – Quantidade de aparições em criações lexicais



Fonte: autoria própria.

Houve ocorrências desse tipo nas entrevistas dos participantes P1 (3), P2 (5) e P3 (1), recolhidas nos exemplos (14), (15), (16) e (17), em que são utilizadas combinações de palavras, raízes, morfemas ou estruturas gramaticais de diferentes idiomas para formar novos termos.

Nota-se que essas criações são capazes de transmitir com exatidão um significado específico, além de serem culturalmente relevantes para a comunidade em questão.

Exemplos de fragmentos com criações lexicais:

- (14) **P2:** Aham! Por exemplo ia falar assim <...> Mano, vamo comer: em português. Em lingala: YAYA, TOKE/TOKE *KOCOMER*, TOKE/TOKE balada, TOKE/TOKE *KOTOMAR* uma. **Donc**, tu pega uma palavra em lingala e tu pega uma palavra em português. É tipo assim os brasileiros fala isso portunhol/portunhol né aí eles falam assim e aí a gente pode falar também um <..> *portufran*, *portungala* [risos]. É **merma** coisa, aí a gente fica misturando todo (E2, 75).

TR: [Aham! Por exemplo ia falar assim <...> Mano, vamo comer: em português. Em lingala: VÉI, VAMOS/VAMOS COMER, VAMOS/VAMOS pra balada, VAMOS/VAMOS TOMAR uma. **Assim**, tu pega uma palavra em lingala e tu pega uma palavra em português. É tipo assim os brasileiros fala isso portunhol/portunhol né aí eles falam assim e aí a gente pode falar também um <..> *portufran*, *portungala* [risos]. É **merma** coisa, aí a gente fica misturando todo].

- (15) **P3:** Se fosse uma pessoa de outro país que fala só francês, a gente mergulha só de ... Eu chamo isso de *frantuguês* [risos], tipo francês e português misturado (E3, 79).
- (16) **P1:** **Quand tu prends le lingala, tu parles portugais, on a l'habitude de mélanger ça.** Ohh... *ACANCELAR* aula **par exemple. C'est le lingala** [risos]. LOBI, professor *ACANCELAKI* aula (E1, 82).

TR: [Quando você fala lingala, fala português, estamos acostumados a misturar isso. OHH... ELE CANCELOU a aula **por exemplo. É o lingala** [risos]. ONTEM, o professor ELE TINHA CANCELADO a aula].

- (17) **Entrevistador:** AHH OK! EUH... SIKOYO SOKI NAKO *KOPERGUNTAR* YO, OLOBI OZA CONGOLAIS TEIN? OLOBAKA eh... quantas línguas mais ou menos? (E1, 103).

TR: [AHH OK! EUH... AGORA, SE EU PUDER TE PERGUNTAR, VOCÊ FALOU QUE É CONGOLÊS NÉ? VOCÊ FALA eh... quantas línguas mais ou menos?].

- (18) **P2:** Bom, primeiramente a gente teve ... isso é com ... eu acho que a maioria dos estrangeiro... tem esse problema de choque culturais aí... **quando chega**, a sua cultura é **muito outra** tu chega aqui, tu encontra **outras coisas** ... no primeiro também comecei (?) a achar as coisas absurdas ... (?) sem preconceito, mas no meu país as pessoas **as meninas não usava** short **coute**, não se vestiam tipo assim *amostrado* né mas eu respeito (?) a/a cultura de cada um, mas pra mim no primeiro era um pouquinho estranho até me acostumar e... de/de aprender como é que é? por que? qual motivo de se vestir assim? (E2, 19).

Devido à natureza altamente aglutinativa das línguas bantu, como, neste caso, o lingala, podemos identificar nessas variantes não apenas a mistura comum de L2 na língua materna, mas também uma ocorrência bastante frequente de mistura morfológica adaptada.

Nos exemplos apresentados anteriormente, é possível evidenciar de maneira clara uma mistura de códigos nos enunciados que foram morfológicamente modificados. Analisaremos a seguir as formas criadas pela mistura.

Em (14), nas palavras “KO-COMER” e “KO-TOMAR”, como foi apresentado na subseção 3.3.2, é utilizado o prefixo {KO-} para formar dois novos infinitivos a partir de verbos

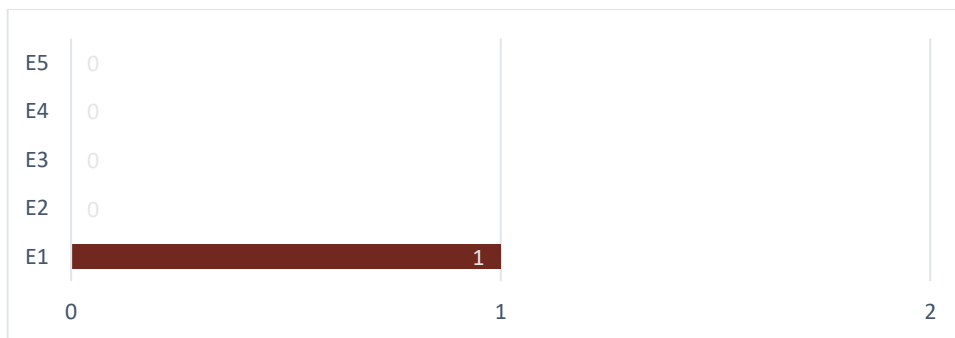
portugueses; o resultado é uma forma híbrida, uma criação lexical. Essa forma híbrida é um infinitivo duplo (BOKAMBA, 1988, p. 37) com dois morfemas de infinitivo: KO- do lingala e -er, -ar do português. O exemplo (17) com a palavra “KO-PERGUNTAR” apresenta a mesma lógica do exemplo (14). Além disso, também encontramos outros exemplos de criações lexicais, como “portufran”, “portungala” e “frantuguês” em (14) e (15), criadas pelo falante a partir da palavra “portunhol”.

Em (16), observa-se mais um exemplo de hibridismo nas palavras “A-CANCELAR” e “A-CANCEL-AKI”²⁸. A segunda está formada a partir do prefixo lingala de sujeito de 3ª pessoa do singular {A-}, em português “ele” ou “ela”, a raiz verbal portuguesa {-cancel-} e o sufixo {AKI}, que se refere ao tempo verbal do pretérito mais-que-perfeito em lingala (KOUARATA, 2019, p. 9). A primeira palavra é formada pelo prefixo {A-}, já mencionado, e o infinitivo português {-cancelar}. Trata-se de uma forma coloquial com o mesmo significado da segunda, prescindindo do sufixo de passado.

Em (18), aparece a palavra “amostrado”, que interpretamos como uma criação lexical a partir do verbo português “mostrar”. A dita palavra, que não faz parte do vocabulário da língua portuguesa, pode fazer referência ao fato de se vestir mostrando mais do habitual no Congo.

5.1.2.2 Extensões semânticas

Gráfico 6 – Quantidade de aparições em extensões semânticas.



Fonte: autoria própria.

Nesta pesquisa, foi registrado um caso de extensão semântica por parte do participante P1. Em (19), observa-se a utilização da palavra “tirer” do francês com o significado do falso amigo português “tirar”. No francês o significado de “tirer” é “puxar, disparar”, acepções que não fazem sentido na fala do participante. Já em português, o sentido mais habitual de “tirar” é “extrair, tomar”, significado mais coerente na frase na qual é utilizado.

²⁸ A mistura morfológica no que diz respeito aos verbos no lingala não se restringe apenas aos infinitivos, mas também abrange todos os aspectos do verbo, como no exemplo (15).

Portanto, o falante poderia ter usado a palavra francesa “prendre”, cujo sentido é semelhante ao português “tirar”.

Exemplos de fragmentos com extensões semânticas:

- (19) **P1:** J’aime beaucoup *tirer* un peu le français pour mettre dans mon lingala parce que... parler lingala, lingala, lingala, parfois ça sonne un peu bizarre dans ma bouche (E1, 134).
TR: [Eu gosto muito de *tirar* um pouco o francês para combinar com meu lingala pois... falar lingala, lingala, lingala às vezes soa um pouco estranho na minha boca].

5.1.3 Casos de lingala falado

Um dos objetivos da nossa pesquisa era investigar os diferentes fenômenos de contato presentes nas falas dos estudantes congolese, especialmente alternâncias e misturas de código, os mais frequentes e já apresentados nas duas subseções anteriores. Contudo, vale destacar que foi identificado um outro fenômeno característico do lingala falado: os empréstimos do francês.

Como mencionado no capítulo 2 (subseção 2.2.4), o lingala falado moderno é influenciado pelo francês, apresentando uma ampla utilização de neologismos e empréstimos do francês. Isso significa que verbos franceses (assim como outros elementos da frase, substantivos, adjetivos, conjunções etc.) podem ser “lingalizados” ou adaptados através da adição de prefixos e sufixos de inflexão lingala, conforme visto em muitos exemplos presentes no nosso corpus (v. 20 e 21). No entanto, de acordo com as distinções estabelecidas na subseção 3.3.1, estes empréstimos do francês identificados nas falas dos estudantes não foram considerados como alternância nesta pesquisa.

Exemplos fragmentos do lingala falado – Empréstimos linguísticos:

- (20) **P1:** NA LOBAKA LINGALA, NA LOBAKA PORTUGUAIS, NA LOBAKA FRANÇAIS, NA LOBAKA ANGLAIS MUKE, NA YOKAKA TSHILUBA, MAIS NA KOKAKA KOLOBA TE, NA LOBAKA KAKA BILOKO MUKE. DONC... (E1, 106).
TR: [EU FALO LINGALA, EU FALO PORTUGUÊS, EU FALO FRANCÊS, EU FALO INGLÊS UM POUQUINHO, EU ESCUTO TSHILUBA, MAS EU NÃO CONSIGO FALAR, EU FALO APENAS POUCAS COISAS. ENTÃO...]
- (21) **P4:** OUAIS, NALOBKA LINGALA, DONC EUH... OZOMONA, YO SOKI TOKUTANI, TOBETAKA NABISO LINGALA. DONC, LINGALA ELEKAKA N’ANGO TOUJOURS (...) (E4, 168).
TR: [SIM, EU FALO LINGALA, ENTÃO EHH... É, VOCÊ SABE QUE QUANDO A GENTE SE ENCONTRA, CONVERSAMOS SEMPRE EM LINGALA. POIS É, O LINGALA FUNCIONA SEMPRE] (...)

Os exemplos (20) e (21) ilustram o uso do lingala falado no qual palavras da língua francesa estão incorporadas ao discurso do lingala. Em (20), aparece os adjetivos gentílicos

“portugais”, “français” e “anglais”, que são comuns como empréstimos linguísticos do francês no lingala, juntamente com as conjunções “mais” e “donc”. Em (21), repete-se a conjunção “donc” e aparece também os advérbios “ouais” e “toujours”. Adicionalmente, essas palavras têm seus respectivos equivalentes em lingala, como evidencia-se a seguir: “ehh”, “yango wana” e “ntango nyonso”, correspondendo respectivamente a “ouais”, “donc” e “toujours”.

No entanto, essa forma de expressão do lingala literário é mais perceptível em contextos formais e em certas formas de escrita (v. 2.2.4). Ainda se verificou que esses fenômenos também ocorrem com o português, como observado nos exemplos relacionados à alternância e mistura de códigos. Contudo, é importante salientar que não consideramos o uso de palavras francesas no lingala como uma forma de alternância de códigos, dado que se trata de um uso generalizado a nível social e podem ser considerados empréstimos.

5.2 Identidades

Para resumir as discussões até o momento, realizou-se uma análise dos fenômenos de contato presentes nas falas dos estudantes congolezes. Na sequência, exploramos os aspectos relacionados à expressão da identidade dos participantes e como isso se relaciona com o uso das línguas, a partir dos dados coletados através do questionário sociolinguístico e entrevistas (ver Anexos I e II); ambos os instrumentos continham perguntas sobre aspectos da identidade e as escolhas linguísticas.

Foi mencionado que diversos fatores podem interferir nas escolhas linguísticas dos indivíduos bilíngues (v. 3.4). Observa-se que a atitude dos falantes em relação a uma língua tem uma relação clara com suas escolhas linguísticas. Em geral, quanto mais positiva a atitude do falante em relação a uma língua ou variedade, maior é a sua propensão para utilizá-la (AMARAL, 2008, p. 31). A atitude linguística se refere às crenças, percepções e sentimentos que os indivíduos têm sobre uma língua. Essas atitudes podem impactar a forma como a língua é percebida, valorizada e utilizada em diferentes contextos, afetando as escolhas linguísticas, comportamentos de uso da língua e a identidade cultural e social das pessoas.

Primeiramente, em relação ao uso das línguas, foi verificado através das entrevistas e evidenciado na Tabela 1, p. 46, que o português é a língua mais empregada pelos participantes, totalizando 11.815 palavras das 13.472 registradas no total das transcrições. Em seguida, encontra-se o francês, com 1.536 palavras, e, por fim, o lingala, com 121 palavras.

Por outro lado, por meio do questionário sociolinguístico, buscamos compreender com qual cultura os participantes mais se identificam (brasileira ou congoleza) e, conseqüentemente, com qual língua, além de explorar os motivos que influenciam suas escolhas linguísticas (ver

perguntas 23, 24 e 25, Anexo I). Todos os participantes expressaram sua identificação com a cultura congoleza, mas P1 e P4 se sentem mais à vontade ao falar francês, utilizando-o diariamente e atribuindo grande importância à sua preservação, como expressam nos fragmentos a seguir: “é a língua que eu falo melhor” (resposta de P1 à pergunta 25); “é a língua que aprendi desde que nasci” (resposta de P4 à pergunta 25). Ainda em relação às línguas de origem, P1 demonstra preferência pelo lingala, como pode ser observado na seguinte declaração: “Eu me sinto muito mais à vontade em francês, mas também em lingala e português às vezes, tenho um pouco uma certa timidez ao falar com brasileiros” (E1, 135).

Vale ressaltar que, como afirmam Berry, Phinney, Sam e Vedder (2006), para o participante P4, essa preferência pelo francês e o lingala é considerada uma questão importante e uma escolha necessária para preservar sua cultura de origem: “em relação a outras coisas culturais, ainda tenho dificuldade de/de me adaptar, porque eu acho que é, eu me coloco num/num lugar que me adaptar a isso/isso <vai arriscar>/vai me arriscar poder perder a minha cultura de origem, coisa que eu devo conservar” (E4, 25).

Já P2 e P3, embora se identifiquem com a cultura congoleza, sentem-se à vontade falando as línguas de ambas as culturas (congoleza e brasileira), como afirmam a seguir: “estou familiarizado com as três línguas suficientemente para falar, e como congolês falo lingala, com outras nacionalidades falo francês, entretanto com brasileiros converso em português - as três me cabem” (resposta de P2 à pergunta 25); “antes eu falava e falo até hoje lingala e francês. Depois de aprender português me adaptei muito” (resposta de P3 à pergunta 25). Ambos os participantes P2 atribuem uma maior importância ao português em relação às suas línguas de origem, devido ao maior contato com a cultura brasileira: “O longo de tempo que tá tendo uma contato com a língua <..> aí... tu vai se acostumar com isso aí por exemplo eu não tô tendo mais contato com o francês nem com lingala aí a minha língua ... eu acho que o português vai **me estornar** vai se tornar a minha primeira língua” (E2, 85); “hoje em dia, eu posso falar que o português faz parte do das línguas que eu me expesso mais” (E3, 161). Contudo, P3 mantém um forte vínculo com sua cultura e línguas de origem, mantendo-as presentes em sua vida, conforme relata: “eu... me sinto melhor, do primeiro contato falar minha língua nativa com congolês, ou falar francês com outra pessoa da África” (E3, 67).

P5 é o único participante que, apesar de se identificar com a cultura congoleza (resposta de P5 à pergunta 23), sente-se mais à vontade falando português: “hoje, a minha rotina começa em português e termina também em português. Falo a língua 24h/24” (resposta de P5 à pergunta 25). Ele nos informa da causa dessa nova identificação: “hoje em dia, me sinto à vontade,

falando português, porque sou casado primeiro, né com brasileira, então <.> É toda hora português, então... E o francês também segunda posição e lingala” (E5, 149).

Igualmente, através das entrevistas, buscamos também compreender com quais pessoas os participantes interagiam mais (brasileiros ou congolese/africanos) para verificar se os dados anteriores eram consistentes. Observou-se que as interações dos participantes estão em consonância com suas escolhas linguísticas, empregando preferencialmente as línguas das culturas com as quais se sintam mais identificados ou confortáveis.

Assim, P1 e P4, que se identificavam com a cultura congolese, mencionaram que têm mais interações com africanos e congolese, como relata P1: “eu tenho mais/mais interações com africanos aqui <.> que... .. Bom eu não fiz muitas amizades <.> com brasileiros... os poucos com quem eu falo a gente não fala muito igual eu falo com os africanos” (E1, 52). P4 acrescenta que a relação com os brasileiros depende da região em que se encontra:

essa questão <.> eu acho que é respondido a cada estado, do Brasil. Mas, ehh... aonde que eu fui pra aprender a língua português (Paraíba) lá eu tava muito ehh... acostumado com os brasileiro. Mas quando eu saí de lá pra vir aqui em Brasília, o meu círculos ficou só africanos, porque aqui em Brasília, essa mistura com os brasileiro tá bem complicado mesmo, tá bem complicado aí melhor ficar só entre nós (E4, 84).

Por outro lado, P2 e P3, sentem-se muito à vontade ao falar as línguas das duas culturas, mas P2 tem uma interação mais frequente com brasileiros: “acho que tenho mais interação com os brasileiro porque <.> eu acho que é questão própria mesmo e gosto muito de interagir com... com brasileiro, tenho muitos amigos brasileiro” (E2, 46). Já P3, tem mais amigos congolese: “assim eu... <.> O meu vínculo d’amizade tem mais congolese do que os/os brasileiro, mas eu tenho bastante amigo brasileiro também, tipo, se é pra contar, é mais de 20” (E3, 51).

P4 e P5 estiveram em outra região do Brasil antes de virem para Brasília. P5 estava em Boa Vista, enquanto P4 estava na Paraíba. Ambos mencionaram que suas relações com brasileiros dependiam da região em que se encontravam: “aonde que eu fui pra aprender a língua português lá eu tava muito ehh... acostumado com os brasileiro. Mas quando eu saí de lá pra vir aqui em Brasília, o meu círculos ficou só africanos” (E4, 84); “quando eu cheguei no Brasil, eu tive mais contato com brasileiros... do que com africanos. Mas aqui em Brasília, eu posso falar que eu tenho contato com os 2. Tanto com os congolese, quanto com os brasileiro” (E5, 48).

Por último, encontramos algumas questões outras nas interações entre as pessoas, que consideramos relevantes neste contexto. O questionário aplicado, assim como as entrevistas abordaram a existência de preconceitos e racismo, os quais, como lembra Almeida (2019, p. 98), podem atingir não apenas os estudantes negros, mas também a todos os estrangeiros,

especialmente aqueles provenientes de países de baixa renda. Essas questões têm impactos significativos na vida dos estudantes, afetando suas interações sociais, seus comportamentos e tanto o processo de aprendizagem de uma língua quanto o engajamento da pessoa que está aprendendo (ALMEIDA, 2019). Percebeu-se que, ao abordar esses complexos temas, os estudantes optam por se expressar em português. A maioria deles, P1, P3 e P5, já vivenciou situações de racismo ou preconceito, tanto na universidade quanto em outros ambientes, e conhecem pessoas que já passaram por experiências semelhantes, como relatam P1 e P5: “O racismo comigo <.> eu já/já vivi isso né <.> mas não foi no meio acadêmico não. Foi lá fora. Mas aqui no meio acadêmico <...> euh... Talvez seja um racismo, mas as pessoas não declaram né você só se sente excluído, tá vendo” (E1, 174); “Eu vivenciei mesmo o/o racismo e foi dentro da universidade, da sala de aula” (E5, 117).

No entanto, é possível observar que alguns participantes não se sentem à vontade ao abordar esse assunto, visto que muitos deles se depararam com essa realidade pela primeira vez ao chegarem ao Brasil. De fato, no Congo, não é comum vivenciar situações de diferenças raciais, como relata P2:

Mano, pra mim <.> eu ... os temas do racismo pra mim, tá sendo muito difícil de detectar isso porque eu não cresci num/num <pa/>país racista e lá no Congo não sabe bem o que que é racismo eu aprendi racismo aqui <...> pra começar a detectar isso como os brasileiros detectam é meio difícil pra mim (E2, 119).

Observa-se que P2 não possui um conhecimento preciso sobre o que é o racismo ou como identificá-lo com clareza, uma vez que não está familiarizado com esse tema. No entanto, está empenhado em aprender e se conscientizar sobre o assunto. Já P4, possui conhecimento sobre como reagir nessas situações, buscando dialogar com as pessoas envolvidas sempre que puder: “essa questão racial sabe, a gente que vem da África, essa questão lá não existe mesmo de diferença racial, mas aqui é uma coisa muito óbvio, né. E... ehh... não conhecia como que era, mas aprendi aqui a diferenciar uma pessoa tá sendo preconceituoso comigo” (E4, 102).

Em relação a essa temática, vale ressaltar a importância da existência de redes de solidariedade e programas de sensibilização que buscam lidar com essas questões dentro da universidade, como mencionam os participantes. Nessa perspectiva, P1 encoraja as pessoas a procurarem ajuda em redes de apoio, como relata: “quem sofrer uma situação de racismo, de preconceito, de injustiça, pode entrar em contato com essas estruturas né como a Convivência Negra ali eles podem ajudar sim” (E1, 195). P4 comenta que existem projetos e redes de apoio na própria universidade, embora não esteja completamente certo se funcionam de forma efetiva:

“Temos projeto também até o projeto Raiz. E que tenta ajudar, mas, é pouco complicado. Eu não vou dizer, não vou saber dizer se funciona mesmo 100%” (E4, 161).

Em suma, é crucial destacar que os preconceitos têm impactos negativos tanto nas vítimas quanto na sociedade como um todo, contribuindo para a divisão entre as pessoas. Assim, é fundamental empenhar-se na luta contra essas questões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a descrever os hábitos linguísticos e analisar as representações sobre os comportamentos linguísticos dos estudantes congolezes do programa PEC-G da UnB em diferentes âmbitos e como isso se vincula com a sua identidade enquanto estudantes estrangeiros em outro espaço, como estudantes de mobilidade acadêmica. Assim, através da identificação de elementos, coleta de discursos e subsequente codificação e agrupamento de dados, foram analisados fenômenos recorrentes em situações de contato. Essa análise permitiu a caracterização de aspectos do contexto linguístico e identitário em que os estudantes em questão estão inseridos.

Com o intuito de realizar essas análises, foram estabelecidos diversos objetivos específicos: identificar fenômenos de contato nas interações dos estudantes congolezes, especialmente em relação à alternância e mistura de código; analisar como os participantes avaliam a relação com suas línguas em contato e sua influência em termos de identidade e compreender a percepção dos estudantes congolezes PEC-G em relação à sua chegada e interação com a comunidade na UnB.

No que se refere ao primeiro objetivo, identificaram-se nas transcrições das entrevistas os fenômenos de contato. Verificou-se que os estudantes têm a tendência de alternar entre o português, francês ou lingala, dependendo da familiaridade com a língua. Dentre os fenômenos linguísticos observados, a alternância de código foi a mais frequente. A partir das referências teóricas de Amaral (2008), Soares, Dornas, Costa e Salgado (2012) e Poplack (1980), as 42 ocorrências de alternância foram classificadas em quatro categorias distintas, e suas respectivas frequências de ocorrência foram verificadas. Os tipos de alternância analisados foram as intraoracionais (16 casos), as interoracionais (19 casos), as de tipo etiqueta (3 casos) e de substantivos isolados (4 casos). Estes dois últimos coincidem com as observações feitas por Poplack (1980), que afirma que esses são os menos frequentes entre os tipos de alternância. Outro fenômeno linguístico identificado nesta pesquisa foi a mistura de códigos. Foram observadas 10 ocorrências, classificadas em duas categorias: criações lexicais (9 casos) e extensões semânticas (1 caso), que foram identificadas com base nas fundamentações teóricas de Soares, Dornas, Costa e Salgado (2012), Seliger e Vago (1991), Raso (2003). Além disso, foi identificado um outro fenômeno, nas falas dos estudantes, característico do lingala falado: os empréstimos do francês, porém esses empréstimos não foram considerados como alternância nesta pesquisa.

Em seguida, estudou-se o uso das línguas (lingala, francês e português) e sua influência na construção da identidade. A análise mostrou que os estudantes usam de maneira predominante o português nos seus discursos considerando o contexto de mobilidade acadêmica em que se encontram, totalizando 11.815 palavras das 13.472 registradas do total das transcrições. Além disso, foi constatado que as escolhas linguísticas dos indivíduos bilíngues podem ser influenciadas por diversos fatores, tais como o contexto, a experiência, a proficiência linguística, as normas sociais e culturais, além das preferências e habilidades dos interlocutores (GROSJEAN, 1989). Deste modo, as escolhas linguísticas estão em consonância com a cultura (ou as culturas) com a qual os estudantes se identificam mais.

Por meio das informações obtidas nas entrevistas e no questionário sociolinguístico, juntamente com a contribuição de trabalhos relevantes conduzidos sobre o programa PEC-G, foi possível atingir o terceiro objetivo: analisar os relatos dos estudantes sobre sua chegada e suas interações com a comunidade estudantil. Os resultados mostram a existência de casos de preconceito e racismo. P1, P3 e P5 já vivenciaram situações de racismo ou preconceito, tanto na universidade como em outros ambientes, porém alguns participantes não se sentem à vontade ao abordar esse assunto, visto que muitos deles se depararam com essa realidade pela primeira vez ao chegarem ao Brasil.

Desse modo, conclui-se que este estudo contribui para destacar as questões relacionadas às línguas em contato, dando um enfoque nas línguas provenientes de países do Sul Global, muitas vezes, negligenciadas e pouco estudadas. Esta pesquisa também busca aumentar a conscientização sobre essas discussões e promover a familiaridade das pessoas, incluindo os estudantes, com a presença de imigrantes na universidade e no país em geral, buscando gerar maior empatia em relação ao tema e nas relações com os indivíduos.

Como principais limitações do trabalho, poderíamos destacar a restrição no que se refere ao número reduzido de participantes, determinado pelo tempo limitado de que se dispõe para realizar uma pesquisa de TCC. Contudo, foi possível perceber que a abordagem dos diversos objetivos dentro da pesquisa resultou em um trabalho abrangente.

Com base nessas considerações, julgamos necessário para trabalhos futuros um maior aprofundamento sobre a temática, seja por meio da observação dos hábitos linguísticos dos estudantes africanos em geral ou de países que possuem relações com o Brasil por meio de programas de mobilidade acadêmica. Esses estudos podem resultar em materiais que sejam relevantes tanto para o curso de LEA-MSI quanto para o grupo de extensão MOBILANG, que trata especificamente dessas questões.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério Alves de Souza. **O aluno estrangeiro e a universidade brasileira: evidências de um ciclo virtuoso: uma análise de experiências da UnB.** 2019. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- AMARAL, Tatiana Ribeiro. **Una comunidad de habla, dos comunidades de lengua: la alternancia de códigos como signo de identidad en la frontera Brasileño-Uruguayo.** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2008.
- BATIBO, Herman. **Language decline and death in Africa: causes, consequences, and challenges.** Bristol: Multilingual Matters, 2005.
- BEN-RAFAEL, Miriam. Codeswitching and identity: the case of Francophone immigrants in Israel. *In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY*, 16., 2006. **Proceeding** [...]. Durban: International Sociological Association, 2006.
- BEQUAERT, M. La Préhistoire du Congo-Belge. *In: ABEELE, Marcel van den. Encyclopédie du Congo belge.* Bruxelles: Editions Bieleveld, 1950. t. 1, p. 45-77.
- BERRY, John W; PHINNEY, Jean S. ; SAM, David L.; VEDDER, Paul. Immigrant youth: acculturation, identity, and adaptation. **Applied psychology**, v. 55, n. 3, p. 303-332, 2006.
- BIZON, Ana Cecília Cossi. **Narrando o exame Celpe-Bras e o convênio PEC-G: a construção de territorialidades em tempos de internacionalização.** 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- BOKAMBA, Eyamba G. Code-mixing, language variation, and linguistic theory: evidence from bantu languages. **Lingua**, v. 76, n. 1, p. 21-62, 1988.
- BRUNEAU, Jean-Claude. Les nouvelles provinces de la République Démocratique du Congo: construction territoriale et ethnicités. **L'Espace Politique**, v. 7, n. 1, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CALVO CAPILLA, María Carolina. **Espanhol e Português em Contato: o atrito da L1 de Imigrantes espanhóis no Brasil.** 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- CALVO CAPILLA, María Carolina. **La atrición en las lenguas de contacto: el caso de los inmigrantes españoles en Brasil.** Tese (Doutorado) - Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2016.
- CARVALHO, Ana María. Code-switching: from theoretical to pedagogical considerations. *In: Spanish as a heritage language in the United States: the state of the field.* [S. l.]: Georgetown University Press, 2012. p. 139-157.
- FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**, v. 19, p. 23-40, 2009.

- GOROVITZ, Sabine. A tradução como contato de línguas. **Traduzires**, v. 1, n. 2, p. 74-85, 2012.
- GOROVITZ, Sabine; MARTÍNEZ, Susana; DEPREZ, Christine. Migrações e fronteiras no Distrito Federal: a integração linguística como garantia dos direitos humanos. **Forma Breve**, n. 13, p. 601-613, 2016.
- GROSJEAN, François. **Bilingual: life and reality**. Cambridge: Harvard University Press, 2010.
- GROSJEAN, François. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. [S. l.]: Harvard University Press, 1982.
- GROSJEAN, François. Neurolinguists, beware! the bilingual is not two monolinguals in one person. **Brain and language**, v. 36, n. 1, p. 3-15, 1989.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Africanos no Brasil, hoje: imigrantes, refugiados e estudantes. **Revista TOMO**, v. 21, p. 13-36, 2012.
- HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. *In*: BAGNO, Marcos (org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 97-114.
- MUTOMBO, Badienzele Isaiah. Democratic Republic of the Congo. *In*: CENTRE FOR AFFORDABLE HOUSING FINANCE AFRICA. **Africa Housing Finance Yearbook 2022**. [S. l.]: CAHF, 2022. Disponível em: <https://housingfinanceafrica.org/countries/democratic-republic-of-the-congo/>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- ISIDORO, Letícia Rana. **¿Tú estás seguro de que eres mexicano, güey?:** identidades e línguas em contato na série Gentefied. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.
- KOUARATA, Guy Noël. Verbes sériels et auxiliation en lingala. **Revue Flaly**, n. 7, p. 91-107, 2019.
- LECLERC, Jacques. **Congo-Kinshasa: République démocratique du Congo**. [S. l.]: CEFAN, 2021. Disponível em: <https://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/czaire.htm>. Acesso em: 1 maio 2023.
- LINGALA. *In*: WIKIPÉDIA : a enciclopédia livre. [2023]. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Lingala>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- MENDES, Júlia Costa. **Entre práticas e políticas linguísticas na Universidade Federal de Santa Catarina: diagnóstico do plurilinguismo dos alunos internacionais como recurso para internacionalização**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- MERRIAM, Sharan B. Designing your study and selecting a sample. *In*: MERRIAM, Sharan B.; TISDELL, Elizabeth J. **Qualitative research: a guide to design and implementation**. San Francisco: Jossey-Bass, 2009. p. 73-104.
- MILITÃO, Cinthia Duarte. **O processo de pedido de refúgio e a integração acadêmica de refugiados na Universidade de Brasília**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

- MOBUTU Sese Seko. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [2023]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki?curid=519472>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Integración sociolingüística en contextos de inmigración: marco epistemológico para su estudio en España. **Lengua y migración**, n. 1, p. 121-156, 2009.
- MUNARO, Jacqueline Graff. O processo de integração dos alunos imigrantes: atitudes dos pares, aculturação e identidade étnica. *In: SEMINÁRIO ANPED SUL*, 9., 2012. **Anais [...]**. Caxias do Sul: ANPED SUL, 2012. p. 1-15
- MUYSKEN, P. **Bilingual speech: a typology of code-mixing**. [S. l.]: Cambridge University Press, 2000.
- NZOIMBENGENE, Philippe. Le lingála au Congo-Kinshasa : profil sociolinguistique. **Congo-Afrique : économie, culture, vie sociale**, v. 52, p. 534-544, 2013.
- OFFICE NATIONAL DU TOURISME DE RD CONGO (ONT). L'histoire de la République Démocratique du Congo. Kinshasa: ONT, [2019]. Disponível em: <https://www.visit-rdcongo.com/cnt/ont/histoire-5457-a.html#>. Acesso em: 3 maio 2023.
- PAVLENKO, Aneta. **Emotions and multilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- PAVLENKO, Aneta. To speak a foreign language is to depart from yourself: late bilingualism as (re) construction of identity. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O BILINGÜISMO*, 1., 1997. **Actas [...]**. Universidade de Vigo, Galicia-Spain, 1997. p. 21-25.
- POPLACK, Shana. Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPANOL: Toward a typology of code switching. **Linguistics**, v. 18, n. 7/8, p. 581-618, 1980.
- POPLACK, Shana. Variation theory and language contact. *In: PRESTON, D. American dialect research: an anthology celebrating the 100th anniversary of the American Dialect Society*. Amsterdam: Benjamins, 1993. p. 251-286.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RASO, Tommaso. L'italiano parlato a San Paolo da madrelingua colti: Primi sondaggi e ipotesi di lavoro. **Revista de Italianística**, São Paulo, n. 8, p. 9-49, 2003.
- ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. Oxford: Blackwell, 1989.
- ROMAINE, Suzanne. Identity and multilingualism. *In: POTOWSKI, Kim; ROTHMAN, Jason (eds.). Bilingual youth: Spanish in English-speaking societies*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2011. P. 7-30.
- SELIGER, Herbert W. Primary language attrition in the context of bilingualism. *In: RITCHIE, W. C.; BHATIA, T. K. (eds.). Handbook of second language acquisition*. New York, NY: Academic Press, 1996. p. 605-626.

SELIGER, Herbert W.; VAGO, Robert M. (eds.). **First language attrition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. [S. l.]: Georgetown University Press, 2001.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Language contact and change**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

SOARES, Mariana Schuchter; DORNAS, Juliana Benevides; COSTA, Alexandre Diniz da; SALGADO, Ana Claudia Peters. A alternância de códigos no contexto da educação bilíngue: code-switching, code-mixing e as transferências linguísticas. **Revista Gatilho**, v. 15, 2012.

TAMBA, Pansau. **A política linguística na África e situação das línguas autóctones na educação: uma análise crítica das constituições**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

THOMASON, Sarah Grey. Determining language contact effects in ancient contact situations. *In*: PEÑA, Pedro Bádenas de la; TOVAR, Sofia Torallas; LUJÁN, Eugenio R.; GALLEGO, María Ángeles (eds.). **Lenguas en contacto: el testimonio escrito**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2004. p. 1-14.

THOMASON, Sarah Grey. **Language contact: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

TORIBIO, Almeida Jacqueline. Code-switching and minority language attrition. *In*: LEOW, R.; SANZ, C. (eds.). **Spanish applied linguistics at the turn of the millennium**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2000. p. 174-193.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

O objetivo deste questionário é obter uma impressão das circunstâncias pessoais e do uso da língua dos estudantes congolese PEC-G da UnB que vivem no Brasil. É composto por 50 perguntas. Se alguma delas não se aplicar ao seu caso em particular (por exemplo, se for perguntado sobre os seus filhos e não tiver nenhuma), pode riscar o número dessa pergunta e passar para a pergunta seguinte. É importante que você mesmo responda às perguntas, pois estamos interessados no seu próprio uso da língua. Se uma pergunta não for clara, não hesite em perguntar. Não há respostas certas ou erradas.

- 1) Data de nascimento
- 2) Sexo: () feminino () masculino
- 3) Local de nascimento:
- 4) Quando morava no Congo, falava francês ou alguma outra língua oficial?
.....
- 5) Quando foi que você chegou no Brasil (ano)?
- 6) Por que você veio ao Brasil?
.....
.....
- 7) Além do Brasil, você já viveu em algum outro país que não seja o Congo por mais de 6 meses?
() não () menos de 1 ano () 1 ano ou mais (onde?)
- 8) Em que língua aprendeu a falar?
() francês () francês e lingala () outra/s (qual(is)?)
- 9) Estudou português antes de vir para o Brasil? () sim () não
() menos de 1 mês () menos de 3 meses () menos de 6 meses () menos de 1 ano () mais de 1 ano
- 10) Já fez estudos no Brasil (de qualquer tipo, não necessariamente relacionados com a língua) () não () sim
(quais?)
- 11) Que língua(s) aprendeu na escola ou por razões profissionais?
.....
- 12) Que língua(s) aprendeu fora de um ambiente educativo (isto é, fora da escola ou do trabalho)?
.....
- 13) Frequenta a igreja no Brasil?
() nunca () às vezes () regularmente
- 14) Se respondeu que vai à igreja, pode indicar em que língua se realizam os cultos?
() português () francês () francês e português () outra

15) Em geral, como avaliaria o seu nível de **português**:

	<i>nenhum conhecimento</i>	<i>muito ruim</i>	<i>Ruim</i>	<i>suficiente</i>	<i>bom</i>	<i>muito bom</i>
<i>antes de vir para o Brasil?</i>						
<i>Atual</i>						

16) Em geral, como avaliaria o seu nível de **francês**:

	<i>nenhum conhecimento</i>	<i>muito ruim</i>	<i>Ruim</i>	<i>suficiente</i>	<i>bom</i>	<i>muito bom</i>
<i>antes de vir para o Brasil?</i>						
<i>Atual</i>						

17) Em geral, como avaliaria o seu nível de **lingala**:

	<i>nenhum conhecimento</i>	<i>muito ruim</i>	<i>Ruim</i>	<i>suficiente</i>	<i>bom</i>	<i>muito bom</i>
<i>antes de vir para o Brasil?</i>						
<i>Atual</i>						

18) Com que frequência fala francês?

raramente algumas vezes por ano algumas vezes por semana diariamente

19) Com que frequência fala lingala?

raramente algumas vezes por ano algumas vezes por semana diariamente

20) Considera importante manter o francês?

não importante pouco importante importante muito importante

21) Considera importante manter o lingala?

não importante pouco importante importante muito importante

22) Em geral, tem mais amigos que falam português ou francês/lingala?

apenas português mais português apenas francês mais francês lingala outra

23) Você se sente mais à vontade com a cultura congoleza ou brasileira?

apenas com a brasileira mais com a brasileira igual mais com a congoleza apenas com a congoleza

24) Você se sente mais confortável falando francês, lingala ou português?

português francês lingala igual

25) Pode explicar a sua resposta à pergunta anterior: porque se sente mais confortável falando português ou francês/lingala, ou por que não tem preferência?

.....

26) Tem contacto com a família e amigos no Congo?

nunca raramente algumas vezes frequentemente muito frequentemente

27) Como se mantém em contacto com estes familiares e amigos no Congo?

telefone cartas e-mail outros

28) Que língua utiliza normalmente para interagir com a família e amigos no Congo?

apenas francês apenas lingala francês e lingala outros

29) Tem muitos novos amigos no Brasil? sim não

30) Qual é a língua materna da maioria destas pessoas?

português francês outra

31) Como conheceu a maioria destas pessoas?

instituições congolezas amigos mútuos trabalho ou escola outro

.....

32) Você poderia indicar na tabela abaixo as pessoas com as quais você tem mais contato? O objetivo é observar qual idioma você usa mais na sua vida diária: português, francês ou lingala.

<i>Qual é a sua relação com esta pessoa?</i>	<i>Onde vive esta pessoa?</i>	<i>Que línguas vocês usam quando se comunicam entre si?</i>	<i>Como você conheceu esta pessoa?</i>	<i>Há quanto tempo você conhece esta pessoa?</i>

33) Nas tabelas seguintes, indique por favor com que frequência você usa francês (tabela 1), lingala (tabela 2) e português (tabela 3) nos campos mencionados. Por favor, coloque uma cruz na caixa apropriada.

Falo francês: TABELA I

	<i>Sempre</i>	<i>frequentemente</i>	<i>às vezes</i>	<i>raramente</i>	<i>Nunca</i>
<i>Com familiares</i>					
<i>Com amigos</i>					
<i>Em casa</i>					
<i>Na UnB</i>					
<i>No estágio</i>					
<i>Nas lojas</i>					
<i>Outro, exemplos:</i>					

Falo lingala: TABELA II

	<i>Sempre</i>	<i>frequentemente</i>	<i>às vezes</i>	<i>raramente</i>	<i>Nunca</i>
<i>Com familiares</i>					
<i>Com amigos</i>					
<i>Em casa</i>					
<i>Na UnB</i>					
<i>No estágio</i>					
<i>Nas lojas</i>					
<i>Outro, exemplos:</i>					

Falo português: TABELA III

	<i>Sempre</i>	<i>frequentemente</i>	<i>às vezes</i>	<i>raramente</i>	<i>Nunca</i>
<i>Com familiares</i>					
<i>Com amigos</i>					
<i>Em casa</i>					
<i>Na UnB</i>					
<i>No estágio</i>					
<i>Nas lojas</i>					
<i>Outro, exemplos:</i>					

34) Tem saudades do Congo? () não () às vezes () sim, e o que mais sinto falta é/são:

.....

35) Ouve alguma vez música congolese/ programas de rádio? () sim () não

36) Costuma ler jornais, revistas ou livros congolese? () sim () não

37) Assiste alguma vez programas de televisão congolese? () sim () não

38) Se respondeu que nunca ouve música ou programas de rádio congolese, que nunca lê jornais, revistas ou livros congolese, ou que nunca assiste a programas de televisão congolese, poderia dizer o motivo:

.....

39) Você acha que a sua proficiência linguística em francês, lingala mudou desde que você se mudou para o Brasil?

() sim, é pior () não () sim, é melhor / (pior ou melhor, em quais línguas?

40) Você acha que usa mais ou menos francês, lingala desde que se mudou para o Brasil?

() sim, mais () não, acho que não o uso mais ou menos () sim, menos / (Especificar:

41) Você se sente desconfortável quando fala francês, lingala com uma pessoa congolese que não fala português?

() sim () não

42) Também se sente desconfortável quando fala francês, lingala com alguém que, como você, vive no Brasil há muito tempo? sim não

43) Considera-se bilíngue, ou seja, pensa que é igualmente competente em francês (lingala) e português?
 não, o meu português é melhor sim não, o meu francês/lingala é melhor não sei

.....
44) Como se sente quando ouve congoleses (por exemplo, turistas) falando português com um forte sotaque congolês? me incomoda me causa algum desconforto não me incomoda

45) Você pretende regressar um dia no Congo? sim não sei não

46) Por quê?

.....
.....
47) Já chegou a sofrer alguma vez discriminação no Brasil? (preconceitos, racismo etc.)

sim não sei não

48) Como se sente em relação a esse tema, quando brasileiros ou pessoas em geral te perguntam sobre isso?

.....
.....
49) Olhando para trás, acha que tomou a decisão certa ao vir para o Brasil? sim não não sei, porque

.....
.....
50) Chegou ao fim deste questionário. Se tiver quaisquer comentários (observações relacionadas com a língua ou com o próprio questionário), pode fazê-lo nas linhas a seguir. Muito obrigado pela sua cooperação.

.....
.....

ANEXO II

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

CONVENÇÕES USADAS NAS TRANSCRIÇÕES

- Intervenções dos participantes.....	P1: P5:
- Intervenções do pesquisador.....	Entrevistador:
- Ininteligível.....	(?)
- Outros comentários para ou extralinguísticos.....	[risos]
- Entonação interrogativa exclamativa.....	? !
- Entonação conclusiva não conclusiva.....	. ,
- Interrupções.....	...
- Texto em francês.....	negrito
- Texto em lingala.....	maiúsculo
- Texto em português.....	sem destaque
- Texto em inglês.....	itálico
- Material omitido não relevante ou confidencial.....	(...)
- Forma lingala não contraída.....	K'A (KAKA)
- Ênfase.....	<u>sublinhado</u>
- Pausas sonoras.....	ehh... ahh... eah... hum...
- Extensões.....	e... et...
- Pausas silenciosas.....	curto <.> médio <..> longo <...>
- Repetições de um fragmento ou sílaba.....	<en/>entendi
- Repetições de uma palavra.....	la/la
- Repetições de várias palavras.....	<muito parecido>/muito parecido
- Destaque da palavra em questão presente no exemplo..	realçado em cinza
- Concordância não-normativa singular/plural.....	realçado em azul
- Lapsus linguae.....	realçado em verde
- Fragmentos sobre identidade.....	realçado em roxa
- Fragmentos onde ocorrem alternâncias de código.....	realçado em amarelo
- Criações lexicais, extensões semânticas.....	entre *...*
(fenômenos de mistura de código)	

Todas as transcrições foram revisadas várias vezes durante o processo de análise.

Transcrição – Participante [P1]

Duração da gravação: 23:46min

Data: 13-04-2023

Local: em Brasília, em uma sala na Universidade de Brasília.

Duração (com intervenções do pesquisador): 3208 palavras; 242 linhas.

- 1 **Entrevistador:** **Alors si tu <.> pourrais te/te présenter. Se você puder se apresentar, mais uma vez.**
2
- 3 **P1:** **Bon, je suis étudiant en (...). Euh... Je suis au neuvième semestre et... Voilà, je suis au Brésil depuis 2018.**
4 **Je suis de la République Démocratique du Congo <.> né à Kinshasa la capitale et... Ma langue <.> native,**
5 **c'est le français. É isso.**
6
- 7 **Entrevistador:** Hum... como é que foi sua adaptação quando você chegou aqui no Brasil?
8
- 9 **P1:** É <.> no início foi difícil né como, pra qualquer um o início é sempre difícil só que... não levou muito tempo
10 né pra eu me adaptar <.> com algumas coisas ... Em pouco tempo, poucos meses já comecei, eu já tava falando
11 português, mas só que no início pra qualquer um é sempre difícil né.
12 Por exemplo se você quer comprar alguma coisa <quando você>/quando você, vai comprar alguma coisa <.> num
13 país que você... <que não>/que não é seu país e que não fala sua língua. E se você for sem um/um acompanhante
14 <.> [risos] é muito difícil já aconteceu comigo algumas vezes também <.> de... alguma/alguma pessoa falar e eu
15 não entender por causa da língua, mas foi só no comecinho no início e depois foi tranquilo.
16
- 17 **Entrevistador:** E você se adaptou também com a cultura do país? Porque assim, chegou e percebeu que... a cultura
18 era diferente né da nossa lá no Congo. Como é que foi isso?
19
- 20 **P1:** Sim me adaptei também né, mas <.> eu acho que... quando você vai em um lugar onde a cultura tá diferente
21 <.> você pega o que você consegue pegar daquela cultura e o resto <.> que... não te interessa né talvez você <.>
22 joga fora tá vendo então, me adaptar também à cultura não foi um problema né, já que o Congo <.> é um país <.>
23 com muitas/muitas culturas né. Vir aqui <.> num país também onde a cultura é... (?) tem uma variabilidade de
24 cultura. Então se adaptar não é um problema.
25
- 26 **Entrevistador:** Entendi! E... assim você falou que só no comecinho ficou com dificuldades né, mas depois, ehh...
27 pegou bem... as coisas aqui no Brasil, mas como é que foi depois por exemplo de ter ingressado aqui na
28 <gra/>graduation como é que foi essa adaptabilidade? ... com as matérias né?
29
- 30 **P1:** Sim na graduação no início também foi complicado [risos] <.> porque lá quando eu comecei a fazer o curso
31 de português, é só a língua que você aprende você aprende uma língua acadêmica né como falar do jeito formal,
32 mas você não lida com as matérias diretamente então ehh... ... na verdade, eu não tive muita dificuldade com/com
33 entender <.> o jeito que os professores falavam, tá vendo, mas <.> era muito novo né pra mim, sentar com...
34 estrangeiros pra ter uma aula, trabalho de grupos e... eu me sentia às vezes <.> excluído né então <.> e... posso
35 confessar que também um pouco <.> do jeito de falar dos professores <.> só um pouco né, complicou só um

36 pouco mas eu consegui me adaptar, consegui me adaptar, entender né que... tem trabalhos que se fazem em grupo,
 37 tem que estudar desse jeito, esse professor ensina <des/> desta maneira então, tranquilo.

38

39 **Entrevistador:** Cê consegue fazer uma <est/>estimativa do tempo que... você levou a se adaptar? Pegou mais ou
 40 menos <> quanto tempo?

41

42 **P1:** Eu/eu acho que eu peguei os dois <> primeiros semestres... Essa aí pra graduação. Dois primeiros semestres
 43 pra me adaptar. Como eu cheguei aqui em 2018 eu acho que os primeiros meses <...> Os primeiros meses né **foi**
 44 os meses de adaptação com a língua <...> porque eu percebi que quando eu comecei o curso de português, a
 45 professora ensinava só em português, mas eu conseguia entender. Então posso falar que com a língua os primeiros
 46 meses: fevereiro, março, foi o tempo de... me adaptar.

47

48 **Entrevistador:** Ah maravilha! E nas interações ehh... se eu posso me permitir de perguntar né como é que... como
 49 é que foi essa interação com os brasileiros? Na verdade, eu quero perguntar <> eu gostaria de perguntar se você
 50 tem mais interações com brasileiros? ou com **estudante africano** por exemplo, congoleses?

51

52 **P1:** Hum... **eu tenho mais/mais interações com africanos** aqui <> que... ... **Bom eu não fiz muitas amizades <>**
 53 **com brasileiros**... os poucos com quem eu falo a gente não fala muito igual eu falo com os africanos. Então ehh...
 54 mas não teve problema de interação eu falo eles entendem [risos] eles falam também eu entendo, **mas eu <...>**
 55 **<falo mais com os africanos>/falo mais com os africanos**.

56

57 **Entrevistador:** Entendi! E... em que situações você percebe que... fala mais português por exemplo e... você falou
 58 que <> o seu país é nativo do francês né, em que situações você se encontra falar mais português ou francês e com
 59 quais pessoas exatamente?

60

61 **P1:** Então, o português eu falo mais com brasileiros <...> muito mais com os brasileiros que eu encontro, mas o
 62 francês falo com os africanos. Ehh... de preferência com os africanos do de outro país porque já com os congoleses
 63 a gente costuma puxar o lado do lingala né que é uma outra língua e... é mais com os outros africanos que eu falo
 64 francês, mas com os <bra/>brasileiros que eu encontro <...> é o português.

65

66 **Entrevistador:** **Ehh... então basicamente ehh... <Quand tu/>quand tu rencontres un/un congolais par exemple,**
 67 **vous commencez à parler en/en français ou <> comment vous <> comment est l'interaction? Ou**
 68 **directement en lingala ? Puisque qu'aussi au Congo, il y a... différentes langues, (?) les langues nationaux.**

69

70 **P1:** **Ça depend beaucoup du congolais que je rencontre ou bien peut-être de... la circonstance parfois <> ou**
 71 **bien de la langue, que la personne veut parler parce que... Bon déjà quand on se rencontre entre nous, la**
 72 **langue qu'on parle le plus <c'est le lingala>/c'est le lingala. Mais..., tu te rends compte que parfois, on veut**
 73 **seulement parler portugais et on parle portugais. Et parfois, on parle français mais c'est rare la langue**
 74 **que/que l'on parle le plus quand on se rencontre c'est le lingala. Oui, lingala.**

75

76 Entrevistador: Et il t'arrives souvent par moment de... de mélanger tant le portugais comme le lingala ou le
77 français? Est-ce que le/le fait de le faire est conscient ou inconscient ?

78

79 P1: Bon, déjà le lingala est une langue qui <.> a l'habitude d'emprunter d'autres langues. Quand tu parles
80 le lingala et que tu as une deuxième langue comme l'anglais, quand tu parleras le lingala, tu vas prendre
81 certains mots de l'anglais. Quand tu parles le lingala, déjà nous mettons certains mots du français à
82 l'intérieur. Quand tu prends le lingala, tu parles portugais, on a l'habitude de mélanger ça.

83 Ohh... *ACANCELAR* aula par exemple. C'est le lingala [risos]. LOBI, professor *ACANCELAKI* aula.
84 Donc, le lingala a l'habitude d'emprunter d'autres langues. Donc, euh... c'est automatique <.> je préfère
85 dire c'est automatique de... mélanger le... le lingala à d'autres langues. Et aussi, le français parfois nous
86 mélangeons <.> vraiment il y a un mélange térrible entre français, portugais et lingala.

87

88 Entrevistador: **Et c'est dans quelle situation par exemple** <.> Ehh... quando cê... .. Em que situações você se
89 encontra falar mais português ou... francês ou lingala tipo <.> você quer pedir alguma coisa no SAA por exemplo,
90 você vai ... É com certeza você vai precisar falar português né, mas a pergunta é: Em que situações você fala mais
91 lingala, fala mais francês e fala mais português né porque academicamente com certeza você tá no Brasil vai falar
92 mais português (...).

93

94 P1: Sim das poucas vezes que encontro com ... bom poucas vezes não, mas, sempre que encontro meus irmãos
95 congoleses <.> com a maioria deles, a gente se comunica em lingala, tá vendo. E... o português é com os brasileiros
96 aqui ou um outro africano que eu encontrar, que... queira comunicar em português comigo, então a gente vai falar
97 português e o francês <.> é com os outros africanos de países francófonos também que eu mais falo francês com
98 eles. E o português, claro que na UnB se fala português, então eu falo português com os alunos os estudantes aqui,
99 o professor às vezes. E... mesmo lá fora né, se eu quiser comprar alguma coisa, se eu for numa loja, vai ser
100 naturalmente o português. Mas acontece que... com essas mesmas mesmo estrangeiros que a gente algumas vezes
101 fala português. Mas <.> a língua que falamos muito é o francês.

102

103 Entrevistador: **Ahh ok! EUH... SIKOYO SOKI NAKO *KOPERGUNTAR* YO, OLOBI OZA CONGOLAIS**
104 **TEIN? OLOBAKA ehh... quantas línguas mais ou menos?**

105

106 P1: **NA LOBAKA LINGALA, NA LOBAKA PORTUGUAIS, NA LOBAKA FRANÇAIS, NA LOBAKA**
107 **ANGLAIS MUKE, NA YOKAKA TSHILUBA, MAIS NA KOKAKA KOLOBA TE, NA LOBAKA KAKA**
108 **BILOKO MUKE. DONC...**

109

110 Entrevistador: **Ahh tá certo! PO LINGALA NAGA MPE EZA MWA enferrujado né. Às vezes, NALOBACA**
111 **LINGALA, mas cê pode perceber que tá um pouco enferrujado mais <de toutes les>/de toutes les... fois que je**
112 **parle lingala, je n'ai pas vraiment honte. Même s'il y a des mots que je n'ai capte pas bien, je me permets**
113 **quand même de parler le lingala parce que c'est une langue que j'aime.** Mais, une question que je peux te
114 poser, comment tu te sens en fait lorsque tu parles les différentes langues. Tu m'as dit que tu parles français,
115 portugais, lingala, tshiluba ?

116

117 P1: <Tshi/>Tshiluba, très peu <.> Je comprends plus que je ne parle. Donc, on peut dire que je ne parle pas
118 tshiluba mais quand quelqu'un se met à parler, je comprends beaucoup.

119

120 Entrevistador: Mais le lingala tu le parles parfaitement?

121

122 P1: Parfaitement. Bon peut-être que le... l'accent, je sais pas. J'ai comme l'impression que mon accent est
123 un peu <.> bizarre en lingala mais le lingala je parles (?).

124

125 Entrevistador: Et comment tu te sens <.> lorsque tu parles ces langues? Les... genres <.> Tshiluba, lingala,
126 français, portugais ? Quel est le/le sentiment ? Si je peux dire, tu te sens beaucoup plus à l'aise dans quelle
127 langue ?

128

129 P1: **Vraiment, réellement je me sens beaucoup plus à l'aise en français <.> et lingala. Parfois le lingala, je/je**
130 **le sens un peu lourd dans ma bouche parce que... Bon moi j'ai grandi... et un moment on m'avait interdit**
131 **d'parler lingala. Donc, j'ai repris cette liberté de parler beaucoup à 13 ans. Donc euh... parfois je... parfois...**
132 **soa um pouco estranho na minha boca né se eu ficar falando lingala o tempo todo assim... o tempo todo.**

133

134 Et... j'aime beaucoup *tirer* un peu le français pour mettre dans mon lingala parce que... parler lingala,
135 lingala, lingala, parfois ça sonne un peu bizarre dans ma bouche. Je me sens beaucoup plus à l'aise en
136 français mais aussi en lingala et le portugais parfois, j'ai un peu cette timidité-là de parler avec les Brésiliens.
137 Déjà qu'ils vont (?) déjà qu'ils vont remarquer que mon **sotaque** est différent.

138

139 Ils vont remarquer directement que je suis étranger. Donc, j'ai déjà ce réflexe dès que j'ouvre la bouche, je
140 dis, ahh! **Ils vont remarquer que je suis étranger. Donc, ça me <.> bloque un peu parfois.** Mais, je suis plus
141 à l'aise avec le français, ensuite le <.> le lingala, ensuite le portugais et puis pour finir... bon, un peu
142 d'anglais, quand je suis obligé de parler anglais.

143

144 Entrevistador: (...) **selon toi, quels sont les aspects positifs et négatifs que tu peux remarquer euh... ici à**
145 **Brasília par exemple?** Como é que sente por exemplo **esses aspectos** né tanto positivo quanto negativo <.> desde
146 **que você chegou aqui em Brasília?**

147

148 P1: Em relação a quê?

149

150 Entrevistador: Ehh... por exemplo, em relação com as pessoas, em relação com a comidas também uma pergunta
151 que eu vou te fazer né também.

152

153 P1: Tá bom! Ehh... desde que cheguei aqui <.> ehh... já no meu segundo mês eu comia aqui no restaurante. Então
154 posso falar que faz cinco anos que eu tô comendo arroz e feijão todos os dias [risos] então é isso né <.> é bom

155 porque o lado bom é que são nutricionistas que fazem essa comida do RU. Só que ficar comendo arroz e feijão
 156 todo dia <.> eu acho que... <.> É não é bom né repetir a mesma comida o tempo todo. Ehh... em relação a... ..
 157

158 **Entrevistador:** Você sente falta da... das comidas do seu país?
 159

160 **P1:** Sim eu sinto falta um pouco, mas nem tanto porque... tem algumas senhoras aqui do nosso país que...
 161 costumam fazer essas comidas às vezes <quando eu vou>/quando eu vou lá eu aproveito pra comer então, e... eu
 162 não tenho muito esse problema né eu cheguei <.> aqui <.> já me acostumei com a comida eu não tive esse bloqueio
 163 que outras pessoas têm: Nossa eu queria comer fufu, pondu. Se não tiver eu como arroz e feijão e pronto e em
 164 relação a... aos estudos aqui <.> **Enfim o que que eu achei talvez de... errado <.> é <.> o estudante brasileiro que**
 165 **é um pouco fechado às vezes com o estrangeiro, tá vendo. Você se sente excluído e isso não tô querendo culpar**
 166 **eles né porque eu percebi que a maioria tem esse comportamento né você se sente excluído talvez eles não queiram**
 167 **se aproximar de você porque talvez têm vergonha ou como você estrangeiro, eles têm um pouco de... são um pouco**
 168 **reservado mas <.> é... tem esse lado um pouco estranho dos estudantes. Às vezes não querendo trabalhar com**
 169 **você esse aí já é muito (?) olhar pra você e... É isso (...).**
 170

171 **Entrevistador:** Você já conseguiu perceber ehh... preconceito, racismo com você ou com alguém que... você
 172 conhece também?
 173

174 **P1:** **O racismo comigo <.> eu já/já vivi isso né <.> mas não foi no meio acadêmico não. Foi lá fora. Mas aqui no**
 175 **meio acadêmico <.> euh... Talvez seja um racismo, mas as pessoas não declaram né você só se sente excluído,**
 176 **tá vendo. Porque no meu curso a gente costuma fazer trabalhos de grupos, tem projetos que o professor quer/quer**
 177 **que vocês/vocês façam até o final do semestre. Aí você/você sozinho não consegue fazer. Vai ter/ter dois ou três**
 178 **pessoas quatro pessoas mesmo pra dividir o trabalho e fazer e você se sente um pouco excluído, eu senti isso**
 179 **muitas vezes até falar que não quero mais sentir essa/essa coisa agora <.> se tiver um trabalho não quero mais**
 180 **sentir essa exclusão <.> euh... mas uma pessoa sendo racista comigo assim na universidade... não!**
 181

182 **Entrevistador:** E desses relatos, você acha que tem uma coisa que tem vivenciado também <.> a mais? Ou só/só
 183 isso? Algo bem pesado também, ou nem tanto né.
 184

185 **P1:** **Nem tanto né. Talvez o fato de você entrar numa chamada de vídeo com os caras do seu grupo eles falam entre**
 186 **eles, falam do cara que não tá no vídeo, (?) sem falar nem nenhuma coisa pra você, mas nem tão pesado assim...**
 187 **ehh... <.> enfim não tem muita coisa pesada né.**
 188

189 **Entrevistador:** Entendi! E a gente tá encaminhando também no final agora né. Eu queria te perguntar uma coisa...
 190 você acha que... ehh... essas situações que as pessoas têm vivenciado né também não só o pessoal do PEC-G, mas
 191 também a maioria dos africanos né **a gente percebe essa exclusão né de certa forma...** você acha que tem... A UnB
 192 por exemplo tem estrutura/estrutura pré-estabelecida pra resolver essas questões?
 193

194 **P1:** Eu acho que nasceram estruturas aqui <criada por>/criada por estudantes, tá vendo ... de lutas contra
 195 preconceito e racismo, tá vendo. Eu não sei se a própria Universidade <desen/>desenvolveu alguma coisa aqui e
 196 quem sofrer uma situação de racismo, de preconceito, de injustiça, pode entrar em contato com essas estruturas né
 197 como a Convivência Negra ali eles podem ajudar sim. Ehh... é, é isso e o que/que eu queria falar que fugiu <...>
 198 uma coisa também que... tem esse preconceito né <.> não sei se é um complexo de superioridade ou inferioridade
 199 (?) que as pessoas pensam que o africano talvez não tenha algumas capacidades, tá vendo.

200

201 Eu mesmo senti com um cara né, um amigo <.> e ele não tava entendendo direitinho o que a professora tava
 202 fazendo em Cálculo I mas eu entendi... tu sabe como a gente faz Cálculo I... lá na África eu estudei no colégio (...)
 203 Então essas coisas de limite, integral, derivada... Quantas vezes a gente fez? Então <.> eu comecei a dar uma
 204 explicação pra ele, eu vi que... ele ficou um pouco... ele não se sentiu muito bem que eu <.> ehh... ficasse dando
 205 explicação pra ele enquanto tinha outros brasileiros. Aí eu me senti ruim também, e deixei [risos].

206

207 (...) Então, tem esse complexo né e é nossa responsabilidade de quebrar isso estudando bem, trabalhando bem,
 208 focando nas coisas porque tem que quebrar mesmo né. O africano é inteligente, ele estuda. Você sabe que a gente
 209 estuda muito <.> muito a gente memoriza as coisas lá... porque o professor quer que você... reproduz daquele
 210 mesmo jeito. Então, é nossa responsabilidade de quebrar esses preconceitos.

211

212 **Entrevistador:** E... ehh... no início do mês do março ehh... teve o acolhimento né dos Estudantes do Pré-PEC-G
 213 por exemplo você... como é que você sentiu essa situação do... tipo esse que você me explicou né de uma pessoa
 214 que chega num país que não sabia língua, você se lembra de como é que foi isso basicamente com você, sobre...
 215 como é que se sentiu? Ehh... sobre o acolhimento né na universidade? Se sentiu acolhido? ... Com as suas línguas
 216 também?

217

218 **P1:** Sim, eu <me senti acolhido>/me senti acolhido sim. Eu fiz alguns amigos que perceberam que eu <.> não
 219 conseguia falar <.> que eu falava uma outra língua <.> Aí se aproximaram... você é de qual país então eu fiz
 220 algumas amizades e a Universidade me acolheu também bem ... como você viu aquele acolhimento que aconteceu
 221 pros novos estudantes PEC-G e Pré-PEC-G. Então, <foi bom>/foi bom o acolhimento <.> e... eles mal conseguiam
 222 entender o português que as pessoas falavam, então o início é quase a mesma coisa pra todo mundo.

223

224 **Entrevistador:** (...) então só uma pergunta que me fugiu também quando você chegou aqui no Brasil, você já
 225 sabia um pouco de português ou teve que aprender desde o início?

226

227 **P1:** Nossa não sabia nada do português, eu aprendi tudo aqui [risos].

228

229 **Entrevistador:** Mais <c'était>/c'était difficile?

230

231 **P1:** Euh... le début en tout cas, quand je suis descendu <.> de l'avion, quand j'étais à l'aéroport et que mon...
 232 C'est comme un cousin qui est venu, j'entendais rien de ce qu'il disait au chauffeur [risos]. Vraiment rien
 233 du tout. Les jours que j'ai passé là, rien, absolument rien. Je suis venu à Brasília, c'était pareil. J'étais reçu

234 par un autre frère congolais ici, nous sommes partis à l'hôpital parce que j'étais malade, c'était des mots,
235 certains mots qui entraînent... Mais, je remercie Dieu parce que je <crois que>/je crois vraiment que j'ai cette
236 facilité avec les langues, parce que ma tête faisait des associations aussi. Quand ils parlaient, j'étais attentif
237 et puis (...) On a fait un cours sans que la professeure parle notre langue. C'est vrai que... elle est
238 professionnelle, elle fait en sorte que tout le monde comprenne mais la rapidité avec laquelle on a appris et
239 que j'ai commencé à parler vraiment ...

240

241 **Entrevistador:** (...) então a gente vai ficar por aqui eu agradeço demais.

242

243 **P1:** Muito obrigado pela oportunidade de falar [risos].

Transcrição – Participante [P2]

Duração da gravação: 15:55min

Data: 16-04-2023

Local: em Brasília, em seu apartamento.

Duração (com intervenções do pesquisador): 2223 palavras; 178 linhas.

1 **Entrevistador:** BON YAYA, bom dia! Se você puder se apresentar, seu nome, curso na UnB, semestre que tá né.

2
3 **P2:** Sou (...), <est/>estudo na UnB, faço (...), estou no sétimo semestre e sou da República Democrática do Congo.

4
5 **Entrevistador:** Hum... então se eu puder te... fazer uma... pergunta né sobre a adaptação aqui no Brasil, como é
6 que foi a adaptação com a língua portuguesa? pra você?

7
8 **P2:** Bom, pra mim... eu cheguei aqui em 2018 e aprendi ... comecei a aprender português durante 6 meses e depois
9 pra fazer a prova mas durante aquele momento <.> com 4 meses já sabia <.> <escre/>escrever né <.>
10 normalmente/normalmente tipo assim com tudo com gramática todo mais algumas coisas importante, escrever e
11 pra falar, eu demorei tanto pra começar a falar e por conta de convênio, de da prática com os colega e... após de
12 terminar <a/>aquele curso do da língua e quando ingressei a faculdade, comecei a ter dificuldade em relações à
13 linguagem acadêmico adequada é tudo isso mas não alguma coisa que tão difícil pra as pessoas que falam francês.

14
15 **Entrevistador:** Entendi! Ehh... Você <.> <perce/>percebe pode perceber que quando cê vem para o Brasil, a gente
16 vê uma cultura diferente né da nossa e... até pode ter uma... atrito né nessa... cultura como é que você achou a
17 cultura do/do Brasil? Foi diferente?

18
19 **P2:** Bom, primeiramente a gente teve ... isso é com ... eu acho que a maioria dos estrangeiro... tem esse problema
20 de choque culturais aí... quando chega, a sua cultura é muito outra tu chega aqui, tu encontra outras coisas ... no
21 primeiro também comecei (?) a achar as coisas absurdas ... (?) sem preconceito, mas no meu país as pessoas as
22 meninas não usava short couth, não se vestiam tipo assim *amostrado* né mas eu respeito (?) a/a cultura de cada
23 um, mas pra mim no primeiro era um pouquinho estranho até me acostumar e... de/de aprender como é que é? por
24 que? qual motivo de se vestir assim? Ahh... e outra relação da comida tipo assim, não gostava tanto da comida do
25 RU até me acostumar daquela comida.<.> (?) ... <a gente tá/>a gente tá aprendendo as coisas a gente tá tendendo
26 se integrar na cultura brasileira também conseguir entender ele melhor pra evitar... esse choque cultural que <a
27 gente/>a gente teve no/no início quando a gente chegou <.> aqui.

28
29 **Entrevistador:** Ainda sobre essa adaptação <.> ehh... como é que foi essa adaptação com as aulas né depois de
30 aprender o português? Como é que você se... adaptou em relação às matérias né?

31
32 **P2:** Eu faço <.> (...) como já tinha falado no início, os termos acadêmicos são... quase semelhantes, mas eu tive
33 algumas dificuldades de/de poder explicar as coisas direto como os professores queria que pudesse explicar <.>

34 aí ficou meio complicado ... até cheguei reprovando numa matéria de (...) por conta só de do termos acadêmico
 35 tipo (...) aí em vez de colocar (...) coloquei <.> no lugar de escrever (...) coloquei (...) aí... (?) sabe a resposta mas
 36 cheguei pro professor/professor falou não, isso não é isso não <.> seria melhor... você reprovar... porque faltava
 37 só um ponto aquela pergunta se tivesse acertada isso ia passar, mas <.> graças a Deus depois reprovei aí comecei
 38 a me adaptar bem hoje em dia tá <.> muito tranquilo devido/devido ao atendimento das aulas, os termo acadêmico.
 39 Com quanto mais que tu convive com as pessoa aí tu convive num ambiente acadêmico tu vai aprender os termo
 40 também adequado pra poder se expressar e atender a aula.

41

42 **Entrevistador:** Entendi! Nossa que maravilha. Ehh... então deixa eu te perguntar, você tem mais contato ... eu vou
 43 te perguntar fazer perguntas sobre interações né <.> cê tem mais interações com brasileiros ou com estudantes
 44 africanos, congoleses também?

45

46 **P2:** Acho que tenho mais interação com os brasileiro porque <.> eu acho que é questão própria mesmo e gosto
 47 muito de interagir com... com brasileiro, tenho muitos amigos brasileiro, gosto das festas e ia pra interagir com
 48 eles aí assim que a gente se familiarizou mas também tem contato com/com os africanos ... não é tipo ... se fosse
 49 com porcentagem, poderia falar que 40% são com os africanos e 60% seria com brasileiros.

50

51 **Entrevistador:** Até que precisa né ter essa interação pra poder se acostumar né também nessa cultura. Ehh... então
 52 sobre as dificuldades, quando cê chegou aqui no Brasil, qual era assim as dificuldades que você <.> tipo <.> ehh...
 53 vê assim que passou os primeiros dias com as línguas com a língua <.> com essas coisas?

54

55 **P2:** Mano tive dificuldade de <com/>comprar de/de comprar necessidade básico de comprar alguma coisa pra
 56 comer, de pegar ônibus até no meu segundo dia me perdi <.> aí usei o google tradutor até chegar em casa. Essas
 57 dificuldades que eu teve tive mesmo <.> de saber o que que eu tô querendo tipo assim, se for comprar alguma
 58 coisa, qual o nome das coisas só as necessidades básicas mesmo de dia a dia <.> isso que interfere também no/no
 59 <primei/>primeiro no/no primeiro encontro quando você chega no Brasil.

60

61 **Entrevistador:** E... por exemplo quando... nessas interações né com... os brasileiros não na verdade com africanos,
 62 congoleses <.> ehh... quando <che/>chega na pessoa... ehh... OLOBAKA LINGALA NABA CONGOLAIS?
 63 Como é que é? você se sente mais confortável?

64

65 **P2:** <Hoje em dia>/hoje em dia com a gente <.> quando se encontra com os congoleses a gente mistura todo aí às
 66 vezes a gente... como a gente já tem contato <com a língua>/com a língua portuguesa às vezes a gente acaba
 67 falando português entre/entre/entre a gente e mas a gente também fala lingala e a gente fala lingala. Nos/nos meus
 68 primeiros momentos, eu falava lingala com eles porque não tinha domínio da língua, não tinha como me expressar
 69 com os veterano que estava aqui muito tempo comigo <.> aí eu falava lingala com eles e eles falavam também
 70 <.> aí eu hoje em dia todo mundo fala português fala lingala mistura todo francês ...

71

72 **Entrevistador:** Mas essa mistura <como é>/como é que é? essa mistura ... você fala que palavra <exa/>exatamente
 73 <.> quando fala lingala? mistura com português às vezes né?

74

75 **P2:** Aham! Por exemplo ia falar assim <...> Mano, vamo comer: em português. Em lingala: YAYA, TOKE/TOKE
 76 *KOCOMER*, TOKE/TOKE BALADA, TOKE/TOKE *KOTOMAR* uma. **Donc**, tu pega uma palavra em
 77 lingala e tu pega uma palavra em português. É tipo assim os brasileiros fala isso portunhol/portunhol né aí eles
 78 falam assim e aí a gente pode falar também um <..> *portufran*, *portungala* [risos]. É merma coisa, aí a gente
 79 fica misturando todo.

80

81 **Entrevistador:** Mas assim você se <.> ehh... [tentando falar lingala] como é que eu poderia falar ... às vezes meu
 82 lingala tá um pouco enferrujado também mesmo tentando. Mas você se sente mais confortável falando que língua?
 83 Ehh... lingala, francês ou português?

84

85 **P2:** O longo de tempo que tá tendo uma contato com a língua <..> aí... tu vai se acostumar com isso aí por exemplo
 86 eu não tô tendo mais contato com o francês nem com lingala aí a minha língua ... eu acho que o português vai me
 87 estornar vai se tornar a minha primeira língua porque <.> quanto mais que tu não tem contato com a língua tu
 88 acaba esquecendo algumas coisas aí o teu português vira automático com/com você aí tem essas coisas também.

89

90 **Entrevistador:** Hum entendi! Nossa maravilha! Até posso perceber isso né que... você quase tá virando um
 91 brasileiro né [risos].

92

93 **P2:** É tipo assim, hoje em dia acho que (?) com o tempo tu vai se acostumar mermo falando português porque não
 94 tem como, tu sai tu vai pra a faculdade 70% dos seus amigos são brasileiro, sai com/com a frequência alto com os
 95 brasileiro, aí tu volta pra casa, tu escuta brasileiro, tu fica lendo os artigos em/em português, aí tu tu faz voltando
 96 ao favor da língua portuguesa <.> aí vai ser difícil de <..> ter muito foco com outras línguas por exemplo a gente
 97 fala lingala, francês. Hoje em dia, só falo lingala com... meus pais <..> aí mesmo com os *brothers* vai ser só fala
 98 uma palavra, mistura com o português, português-francês até escrever, até falar. É a mesma coisa que está sendo
 99 acontecido no momento.

100

101 **Entrevistador:** Só pra fazer uma pergunta bem específica. Em que situações você se encontra né falando assim
 102 português, francês e lingala? E com quais pessoas? com quais? a aquelas pessoas né com quem você fala as 3 <..>
 103 línguas?

104

105 **P2:** 70% seria português e... 10% seria francês e 20% seria lingala.

106

107 **Entrevistador:** E português você fala com quais pessoas? Só brasileiros né?

108

109 **P2:** Não falo com brasileiros, mas de vezes em quando com os *brothers* também né com/com congoleses também...
 110 <a gente>/a gente acaba falando português sem querer entendeu?

111

112 **Entrevistador:** E o lingala mais com familiares né?

113

114 **P2:** Família e, (?) **os amigo** mais **intimo** sabe?

115

116 **Entrevistador:** E <.> eu vou só <.> ehh... trocar um pouco de rumo né você já tem sofrido preconceito, racismo
117 aqui na no Brasil? Ou mesmo na Universidade? Em qualquer lugar?

118

119 **P2:** Mano, pra mim <.> eu ... os temas do racismo pra mim, tá sendo muito difícil de detectar isso porque eu não
120 cresci num/num <pa/>país racista e lá no Congo não sabe bem o que que é racismo eu aprendi racismo aqui <.>
121 pra começar a detectar isso como os brasileiros detectam é meio difícil pra mim <.> aí até acaba tipo assim não
122 percebendo. Talvez aconteça isso que houve né, mas você não acaba percebendo <.> algumas coisas porque <.>
123 eu acho que pode ser uma frequência tipo assim (?) como posso falar isso como se fosse ehh... (?) tipo assim (?)
124 não tenho contato com esses fatos entendeu? Mas sim o racismo de fato acontece e eu acredito que tem pessoas
125 que sofrem, mas no meu lado eu acho que nunca percebi não.

126

127 **Entrevistador:** Ahh maravilha! Mas, YAYA eu vou fazer também pergunta sobre as comidas né. Ehh... BILOKO
128 OLIKA AWA em Brasília. Quais são as coisas que você gosta mais aqui em Brasília de comer, que você gosta,
129 até mesmo as do seu país <.> as comidas que você gostava né.

130

131 **P2:** As coisas que eu gostava no meu país e eu que gosto aqui no Brasil? Aí é no/no Brasil gosto de lasanha,
132 feijoada, e carne <assa/>assado, frango assado e... <.> torta também (?) são/são as que eu gosto muito né bastante
133 também eu como outras coisas aí no Congo gostava muito de fufu, pondu, tsaka madesu, fumbwa, mbisi yako
134 kawuka (...).

135

136 **Entrevistador:** Você é de que província lá no Congo?

137

138 **P2:** Bom eu nasci... <.> em Kinshasa né, mas os meus pais são de Kasai, de Kabeya-Kamwanga.

139

140 **Entrevistador:** Lá, BOLOBAKA língua NINI?

141

142 **P2:** Lá falam tshiluba, a galera fala tshiluba (?).

143

144 **Entrevistador:** Você fala tshiluba também?

145

146 **P2:** Não/não/não só meus irmãos que falam eu não peguei aquela parte de tshiluba não.

147

148 **Entrevistador:** Mas assim você consegue às vezes entender?

149

150 **P2:** Não, eu entendo, mas o falar ... eu entendo a minha mãe quando fala entendo, mas <.> eu falar acho que não
151 tenho articulação pra falar... tshiluba.

152

153 **Entrevistador:** Entendi! É então seria mais ou menos isso né essas perguntas sobre a relações das suas línguas
 154 também, que você comentou muito bem. Ehh... você é aluno também do PEC-G? ... E como é que você se sente
 155 em relação a isso? Como é que cê/cê se enxerga como aluno do PEC-G?

156

157 **P2:** Eu acho que aluno do PEC-G é um aluno normal como qualquer aluno só que a gente ingressou de forma
 158 diferente acho que não faz tanta diferença quanto aluno do PEC-G, quanto aluno brasileiro, quanto aluno
 159 diplomático isso aqui a diferença é só a gente ingressou de uma forma diferente com os outro mas sim nós todos
 160 somos/somos a mesma coisa ... as coisas que o brasileiro faz eu faço, as coisas que outra pessoa ... qualquer pessoa
 161 pode qualquer aluno pode fazer eu posso fazer também ... mas só que a gente pode ter um limite tem uma exigência
 162 que tu não <.> tu não pode... <.> tipo assim, trancar <.> um semestre sem justificativa <.> Aí isso aqui tem/tem
 163 diferença mas além disso não tem mais.

164

165 **Entrevistador:** Ahh maravilha! Bom cara, eu tô vendo que você fala mais português né do que também ehh...
 166 lingala, tshiluba, essas línguas já quase virando já é brasileiro né também. Você falou que chegou em? 2018 né? E
 167 como é que foi? Esse... tempo né ehh... de aprender o português? Quanto tempo você chegou a aprender o
 168 português? Uma estimativa, seria?

169

170 **P2:** Eu aprendi o português em 6 meses <.> (?) A gente chega aqui e aí a gente tem 6 meses pra fazer <.> o curso
 171 da língua depois tem que fazer a prova <.> aí se não passar naquela prova tu não vai ingressar mais na universidade.
 172 Então tem que ter tem 7 meses até fazer a prova então você tem que aprender até 6 meses <pra poder>/pra poder
 173 se preparar e pra poder... fazer aquela prova de CELPE-BRAS que se chama.

174

175 **Entrevistador:** Ahh então, cara seria isso né ehh... sobre as perguntas e tal! Só umas **perguntas geral** mesmo que
 176 eu <.> queria fazer e eu agradeço demais a oportunidade e a sua atenção né.

177

178 **P2:** Então tá! Brigado tamo juntos.

Transcrição – Participante [P3]

Duração da gravação: 25:59min

Data: 17-04-2023

Local: em Brasília, em uma sala na Universidade de Brasília.

Duração (com intervenções do pesquisador): 2889 palavras; 204 linhas.

- 1 **Entrevistador:** (...) aí se você puder se apresentar também, o nome, o curso que faz, em qual semestre né que tá?
2
- 3 **P3:** Ehh... eu me chamo (...), eu faço <.> (...), na UnB, ehh... eu ingressei aqui desde 2019 eu tô aqui no Brasil
4 quase 6 anos. E eu moro no (...), eu tô quase me formando!
5
- 6 **Entrevistador:** Nossa que maravilha! Você é da República Democrático do Congo né? E de que província você é
7 basicamente? Qual província da República ... do Congo né que você é?
8
- 9 **P3:** Eu sou natural de Bandundu/Bandundu <.> que fica... no oeste do país.
10
- 11 **Entrevistador:** Nossa maravilha! E no Bandundu fala quais línguas lá no Bandundu?
12
- 13 **P3:** Lá no Bandundu, tirando lingala né que é a língua nacional que todo mundo fala, a gente fala... kiyanzi <.>
14 tirando kiyanzi também a gente fala uma segunda língua nacional <.> que é kikongo. Então... praticamente tem
15 mais de 3 línguas lá que são falando pelas pessoas.
16
- 17 **Entrevistador:** (...) como é que foi pra você a adaptação com a língua portuguesa, né? Quando você chegou?
18 porque você teve que aprender o português, né? Mas como é que foi <.> essa primeira <.> adaptação?
19
- 20 **P3:** Então, quando fala a palavra <ada/> adaptação pra mim ehh... eu vejo uma coisa muito mais do que uma língua.
21 Porque a adaptação pra mim não é somente na parte em linguística vem também na parte cultural, vem também na
22 parte <.> ideológica também, religiosa. Quando eu cheguei aqui, como a gente chega todo mundo assim de fora a
23 gente nem sabe nem bom dia, nem boa tarde, então a gente acaba aprendendo tudo aqui ehh... no início sempre é
24 difícil, sempre é difícil. Qualquer início na vida devido às línguas sempre é difícil, né porque você tem que praticar,
25 você tem que estudar, você tem que dedicar sua vida pela essa língua. Ehh... a minha... não foi diferente dos outros.
26 Foi difícil, como o português já é difícil <.> Ehh... eu mergulhei nessa onda até... me adaptei <.>, hoje posso falar
27 que eu... me adaptei melhor porque tinha que saber a língua primeiro pra se adaptar. Se não, não ia gostar nada da
28 comida, nada **das pessoa**, nada de sair também, porque tinha que ir até uma fronteira, que é a língua que vai (?).
29 Então a adaptação foi na base da língua.
30
- 31 **Entrevistador:** É, eu vi que você mencionou a cultura né? E como é que foi a cultura? Porque a gente percebe
32 que chega no Brasil, tem uma cultura diferente da nossa, né? Como é que foi esse atrito com a cultura do Brasil?
33 Será que... como é que foi pra você?
34

35 **P3:** Então, a cultura, quando cheguei aqui eu levei um **choque**, porque não é a mesma coisa que a gente... vive nos
 36 **países africano**, no meu país, inclusive no Congo. Ehh... eu tive que me adaptar ... essa palavra adaptação vai
 37 chegar (?). Então ehh... nessa parte cultural, quando eu cheguei aqui eu levei um choque. E o choque que eu levei
 38 vendo... Como as pessoas se comporta aqui é diferente lá no Congo <.> devido a algumas maneiras de tipo como
 39 se comportar que você vai num banco, tem uma fila. Lá no Congo, não tem. Tipo **as pessoa** entra do jeito que
 40 quiser. Tipo, ninguém te dá uma preferência, tipo ahh vamos pegar a fila. É só um aspecto que eu falei, mas tem
 41 **várias coisa** que/que **faz...** que eu **não lembrasse** muito bem da minha cultura, tipo... **aqui, algumas coisas estão**
 42 **melhor, já que um país liberal <.> eles aceitam qualquer coisa que lá no Congo a gente, é limitado também. Ehh...**
 43 **devido a essas coisa aí a gente lá a maioria dos pais africano tem um regime patriarcal. E aqui é matriarca, então**
 44 **aqui, a mulher que decide lá a mulher só serve pra... ficar em casa, o homem trabalhando, na maioria... dos caso.**
 45 **Então o choque cultural foi bem presente nessas parte.**

46

47 **Entrevistador:** Entendi! É então, nesse aspecto, bem específico, NA NAMONI TOKO KOLOBELA ANGO
 48 **MWA no final, né? Mas... sobre as amizades, por exemplo, ehh... você acha que tem muito mais tipo <.> ehh...**
 49 **amigos brasileiros ou congoleses, quando você conversa?**

50

51 **P3:** Assim eu... <.> O meu vínculo d'**a** amizade tem mais congoleses do que os/os brasileiros, mas eu tenho bastante
 52 amigo brasileiro também, tipo, se é pra contar, é mais de 20. Eu poderia não falar <.> amigo, mas conhecido, né.
 53 Tipo, eu me integrei bastante, até porque... pra se adaptar, tinha que quebrar esse limite de conversar com
 54 brasileiros, tipo se adaptar na cultura dele. Então eu tenho mais amigos do Congo, até porque essa parte do/do país
 55 né que eu consigo falar mais línguas com eles, eu consigo me expressar melhor do que os brasileiros que temos só
 56 uma língua pra falar com eles em português, mas caso com meus amigos africanos eu posso falar francês, eu posso
 57 falar português inclusive, posso falar outras língua ... dialeto: lingala, yoruba, etc.

58

59 **Entrevistador:** E quando/quando cê chega, por exemplo, numa pessoa <.> africana, como é que você conversa?
 60 Tipo, por exemplo, quais línguas você fala, por exemplo, com congoleses, com/com/com <.> Ehh... africano
 61 também de outro país né?

62

63 **P3:** Então, o primeiro contato ehh... a gente tenta manter a nossa língua. Tipo em dias, né porque **nem toda hora**
 64 **que a gente fala essa língua.** E quando você vê uma pessoa que é do seu país, ou é africano que fala pelo menos
 65 francês ou lingala, você diretamente **se enquadra** nessa pessoa pra falar aquela língua tipo tirando o português do
 66 lado. Português, vai ser somente o **único** <.> o **último** caso/caso **vocês quiser** falar português ou mais uma pessoa
 67 que escuta português tá do lado, mas tirando isso, eu... me sinto melhor, do primeiro contato falar minha língua
 68 nativa com congolês, ou falar francês com outra pessoa da África.

69

70 **Entrevistador:** Hum e a gente pode perceber que às vezes tem mistura, né de língua. A gente, ehh... (?) acaba
 71 misturando francês, lingala na mesma/mesma frases, né. A gente percebe muito dessas coisas. Cê pode dar um
 72 exemplo de como é que cê fala com seus amigos, por exemplo, quando mistura, né?

73

74 **P3:** Então, a maioria dos meus amigos que moram aqui no Brasil, a gente consegue falar pelo menos 3 línguas
 75 <..> misturando, tipo eu posso começar uma frase assim, tipo ahh bom dia! E aí, NDE NINI? OZA BIEN? E a
 76 <outra pessoa>/outra pessoa responde, AHH TE NAZA BIEN! E por aí? Aí quando fala por aí, eu entendo em
 77 português. Então pode me perguntar também outra coisa. Ahh Comment tu vas? A gente pode conversar em
 78 francês, mas dentro dessa conversa vai e volta <..> português, vai e volta a língua nativa que é lingala, no caso do
 79 Congo. Se fosse uma pessoa de outro país que fala só francês, a gente mergulha só de ... Eu chamo isso de
 80 *frantuguês* [risos], tipo francês e português misturado.

81
 82 **Entrevistador:** Entendi! Nossa maravilha, né. Ehh... assim, sobre também a dificuldades, por exemplo, ehh...
 83 como é que foi pra você nos primeiros dias, né? Quando você chegou, não falava português, né? Eu assumo ... aí,
 84 como é que foi pra você as/as dificuldades, né? Da língua, outras também?

85
 86 **P3:** A dificuldade foi mais nessa parte da sociedade (?) você vive numa sociedade e não consegue nem se expressar
 87 e falar. Isso já mexe com... a saúde mental, então eu poderia falar como tudo mundo fala que a língua português é
 88 entre as línguas mais difícil do mundo. Então, na minha parte, eu poderia muito bem escolher ou muito bem falar
 89 que eu prefiro mais <..> chinês do que português. Porque até chinês, eu fiz o chinês básico, eu entendi muita
 90 coisa que era mais fácil do que português, porque aqui qualquer palavra que não tem acento já vira outro sentido.
 91 Então tem que ficar bastante tipo atento. Na hora de escrever, na nossa parte acadêmica, né porque a gente que
 92 estuda na universidade ... não é somente na parte oral que a gente tem que prestar atenção, tem que ser na parte
 93 escrita também, que é uma dificuldade enorme. Não é tudo mundo que consegue escrever muito bem português.
 94 Até porque a gente aprende essa parte só <..> o básico, assim os outros, a gente se vira devido ao conhecimento
 95 pessoal de cada um. Se quiser ehh... aprofundar mais o conhecimento escrita, oral depende de você. Mas no início
 96 <foi bem difícil>/foi bem difícil mesmo. Eu tive que... me isolar um pouquinho da/da sociedade pra poder estudar
 97 os livros, pra poder assistir os vídeos, pra poder escutar mais essa língua, e... a palavra que eu posso falar é
 98 adaptação que a chave de tudo.

99
 100 **Entrevistador:** Aí, depois de você ter ingressado o curso, OZALAKI também NABA dificuldades, tipo, ehh... pra
 101 assistir as matérias? Ou era, tranquilo?

102
 103 **P3:** Pour commencer, à la base, <c'était un peu difficile>/c'était un peu difficile parce que... quand vous
 104 sortez directement <de la>/de la... quand vous sortez directement pra aprender a língua, você leva um choque
 105 quando cê começa a vida acadêmica não é a mesma coisa que... MUTU AKOYA K'A (KAKA) MBALAMOKO
 106 TE, ANDO' YOKA (ABANDA KOYOKA) PORTUGAIS. Donc, c'est un peu différent et... <Foi difícil>/foi
 107 difícil de chegar numa sala que o professor <.> fica 2 horas falando português e... <o entendimento meu>/o
 108 entendimento meu naquela época não era suficiente pra enfrentar. Eu tive que... passar pelo menos no segundo
 109 semestre que eu me adaptei 100% mesmo do regime acadêmico em português, inclusive aqui na UnB e como eu
 110 faço (...), então meu departamento tem alguns estudantes que fala francês, então isso me ajuda pra me integrar, pra
 111 me relacionar com as pessoas falando a minha língua que é le français.

112

113 **Entrevistador:** **Bon, déjà que tu parles le français, du moment que le professeur parles en portugais durant**
 114 **toute la journée, il t'arrive par moment de vouloir <.> dire...** já basta, não quero mais português. Aí, você...
 115 quer tipo ehh... voltar né na sua língua: francês, lingala ... no final do dia?

116

117 **P3:** **Ehh... no final do dia je peux dire que, j'avais un peu élaboré quelques techniques en français parce que**
 118 **j'utilisais mon téléphone, utilisant google traducteur. Et j'enregistrais le cours, tout ce que le professeur**
 119 **disait en portugais, j'enregistrais ça et puis quand je rentrais à la maison, j'écoutais lentement et puis je**
 120 **traduisais ça en français pour avoir euh... cette partie de compréhension du portugais. (...)**

121

122

123 **Entrevistador:** Ehh... sobre aspecto assim negativo que você (...) ... Aspecto negativo que você encontrou assim
 124 no Brasil, o que é que você acha assim, vivendo em Brasília, né? Quais aspectos você percebeu que era negativo
 125 pra você morando aqui né no caso?

126

127 **P3:** Assim ehh... **os aspecto negativo** de Brasília inclusive ... Eu acho que é o clima, porque quando eu cheguei no
 128 início, eu não conseguia me adaptar pelo clima, porque <.> **alguns momento** tava muito seco, tinha que beber
 129 água essas coisas, tem que andar (?). E eu tive que <enfren/>enfrentar isso até eu me adaptar. Tirando isso, ehh...
 130 **Não tem muita coisa** pra falar de negativo assim, de Brasília mesmo assim. Eu falaria <.> de uma parte pessoal
 131 **das pessoa**, tipo de cada pessoa que eu encontrei, (?) mas da cidade e de Brasil, inclusive de Brasília ... É um lugar
 132 que me acolheu, então <.> até agora não tem uma convicção negativa mesmo de Brasília.

133

134 **Entrevistador:** Nossa maravilha! E a gente tá basicamente encaminhando pro final, né? Ehh... falamos sobre
 135 língua inicialmente, que vamos retomar agora a fundo né sobre ... Ehh... as línguas, você falou que era do Bandundu
 136 né? Lá vocês falam lingala no caso?

137

138 **P3:** Lá a língua ... na verdade, no Congo a gente tem **4 língua** nacional ehh... que é **le lingala, kikongo, kiswahili**
 139 **et le tshiluba**. Tirando <.> o francês né que a língua que eu chamo a **língua do colonizador** que nem é a língua
 140 mais falado no Congo no caso. Porque a língua mais falada no Congo é lingala que é a língua nacional. E... eu falo
 141 lingala, kikongo e francês. (...).

142

143 **Entrevistador:** Entendi! Aí como é que você se sente? Assim... qual língua você fala mais? Ehh... por exemplo,
 144 em família e... <.> Tipo, como é que você se sente falando essas línguas né? Você prefere mais falar que língua?
 145 (?) Como é a estrutura das suas línguas?

146

147 **P3:** A estrutura de língua primeiramente, ehh... poderia falar muito bem que lingala é a minha língua <.> familiar,
 148 que eu consigo falar com meus pais lá no Congo a gente fala primeiro lingala, aí depois, **o francês se enquadra**, se
 149 encaixa também, mas o francês faz parte daquela língua administrativa, se você quiser... fazer alguma coisa
 150 administrativa, ou estudar pra você ser bem (?) na sociedade. Lá no Congo tem que pelo menos falar francês e
 151 kikongo é uma língua dialeto né tipo é uma fonte que... <.> entre essas língua é menos falada, então até uma
 152 pessoa que pode ser daquela região, talvez não conseguiria falar isso eu aprendi isso porque eu fui lá de vez, meu

153 pai me mandou lá pra poder me enraizar, pra poder colocar mais raiz nessa língua, entender como é que a minha
 154 cultura, onde que meus pais viveram é a língua deles, então eu acabo aprendendo essa língua também quando os
 155 primos chegam em casa porque quando eles vêm, eles acabam falando e a gente trabalha, escuta e... um dia sai
 156 alguma coisa tipo, bom dia em kikongo, MBOTE, [falando kikongo]. É, é isso.

157

158 **Entrevistador:** Em relação ao português, ehh... seria a língua que você se sente ... Qual língua você se sente mais
 159 confortável falando, pegando todas essas línguas né?

160

161 **P3:** Então, hoje em dia, eu posso falar que o português faz parte do das línguas que eu me expesso mais, então ...
 162 Até porque eu moro num lugar que qualquer lugar que for tem que falar pelo menos bom dia, então faz parte da/da
 163 minha vivência se posso dizer, e... eu não consigo falar com meus pais em português porque eles não entendem,
 164 então eu acabo voltando, nas línguas, tipo, francês, lingala e kikongo mas <.> pra me adaptar, eu tive que... ehh...
 165 me especializar nessa língua assim, tipo, entender melhor, falar melhor as gírias, tem que entender como é que
 166 os/os brasilienses falam. Eu já viajei fora de Brasília, também, no Rio é outro português que tem que ter um outro
 167 entendimento. No Nordeste é outro, então, a pessoa acaba... fazendo uma mistura linguística assim, tipo uma
 168 aquisição da linguagem né (...).

169

170 **Entrevistador:** Entendi! Então, basicamente, meu tema é sobre os alunos PEC-G né porque eu me interessei muito
 171 sobre ehh... as línguas, né que ... porque todo mundo que chega aqui no Brasil, pelo menos <.> Ehh... a gente
 172 como africanos, né a gente fala muitas línguas e... eu me interessei mais sobre essas línguas, né. E sobre a situação
 173 também, você é aluno do PEC-G né também? Aí você acha que tem uma estrutura tipo pra acolher essas pessoas
 174 que vêm aqui no Brasil ou quando, por exemplo, sofrem algumas situações? Será que tem uma estrutura pré-
 175 estabelecida pra resolver essa questão aqui na UnB, você acha?

176

177 **P3:** Então, na minha época eu posso dizer que não tinha uma estrutura boa <.> enquanto que está sendo agora.
 178 Porque eu acabei de receber alguns Pré-PEC né aqueles que não fizeram a prova ainda de/de/de línguas. Eles tão
 179 tendo uma estrutura boa, uma moradia em dias pra eles, ehh... restaurante universitário, um espaço do transporte.
 180 Então na minha época não era tão fácil assim não, tipo a gente estudava até chegando no final da língua que a
 181 gente conseguia esse benefício, mas hoje em dia tá sendo mais/mais flexível e mais rápido assim, tipo, eu posso
 182 dizer que ... a gente sofreu <.> pra eles poder ter esse luxo que eles estão tendo agora e... devido ao recebimento,
 183 eu posso dizer ... a gente tem essa lógica de veterano, que as pessoas que já viveram aqui no Brasil, que são dos
 184 seus países, que vão te receber, apesar do da língua que você vai estudar na universidade, eles também vão te guiar,
 185 te caminhar, te mostrar alguns caminho pra poder acertar nesse <ne/>nessa caminhada de aprender a língua. Então,
 186 é uma é um conjunto das coisas que eu posso dizer. Então, hoje em dia, eu posso dizer que melhorou <.> do que
 187 na época que eu cheguei, em 2017.

188

189 **Entrevistador:** Entendi! Ehh... então a gente já encaminha no final. Eu tô vendo que você fala mais português do
 190 que as outras línguas, né. Basicamente, já virou é brasileiro, né.

191

192 **P3:** Pois é assim tipo, como eu falei <...> Eu... me enquadro mais falando o português, até porque eu falo muito
193 pra me adaptar também eu meio que ... pra eu não esquecer essa língua que é tão importante pra mim e... Eu posso
194 falar francês também (...).

195

196 **Entrevistador:** E, é isso. A gente encaminhou já no final. Eu acho que vamos parar por aqui, né. Conversamos
197 bastante cara.

198

199 **P3:** Pois é! Eu gostaria <que eu>/que eu falasse mais né, mas o tempo não ajuda a gente também, então... Pela
200 próxima coisa de pesquisa, se... você quiser, estarei à sua disposição.

201

202 **Entrevistador:** Eu agradeço demais pela oportunidade e pela atenção. Valeu.

203

204 **P3:** Eu que agradeço.

Transcrição – Participante [P4]

Duração da gravação: 17:50min

Data: 22-04-2023

Local: em Brasília, na Casa dos estudantes na Universidade de Brasília.

Duração (com intervenções do pesquisador): 2376 palavras; 186 linhas.

- 1 **Entrevistador:** (...) é, então, se puder se apresentar seu nome, seu curso e em que semestre, né que você está?
2
- 3 **P4:** Sim, eu me chamo (...). Eu sou no <...> oitavo semestre de (...). E já tô formando mesmo né.
4
- 5 **Entrevistador:** (...). Ehh... deixa eu te falar, ehh... deixa eu te perguntar, como é que foi pra você a adaptação, né
6 quando cê chegou aqui no Brasil? Em relação à língua portuguesa, né porque você chega no país, tem que aprender
7 no português, como é que foi pra você, a adaptação?
8
- 9 **P4:** Ehh... a adaptação não vou dizer que foi fácil assim pra mim, porque <..> ehh... o período de aprendizagem,
10 né passei por **muite** dificuldade pra poder aprender e primeiramente era porque eu não tinha acesso à língua antes
11 de vir aqui no Brasil e eu tive que aprender tudo aqui, sabe? Até bom dia, oi, tudo bem? Tive que aprender tudo.
12 Aqui no Brasil, então esse processo não foi tão fácil pra mim, não. Foi complicado, eu vou dizer, difícil mesmo,
13 mas com a dedicação que eu consegui... depois eu acho de 3 meses <.> já poder começar a tentar falar, escrever e
14 ouvir também. É <um pouco isso>/um pouco isso.
15
- 16 **Entrevistador:** E em relação à cultura também, né? A gente percebe que a cultura é bem diferente, né da nossa,
17 como é que foi essa adaptação? Você se acostumou com a cultura brasileira?
18
- 19 **P4:** Ehh... <..> com a cultura brasileira, vou dizer que tem uma parte que eu me acostumei que, porque o Brasil é
20 um país enorme, <um país>/um país <que juntas>/que junta culturas e... a gente consegue encontrar uma cultura...
21 congoleza <.> aqui no Brasil, que/que/que fica tipo um diáspora assim que a gente se, se encontra ahh isso aqui é
22 um pouco congoleza, tá vendo? Com esse tipo de cultura que eu me adaptei. Por exemplo, na/na culinária, que tem
23 arroz, feijão, já são as coisas que eu como lá no meu país e comer aqui eu me sentia um pouco em casa mesmo
24 que o jeito de cozinhar é bem diferente, mas já me fazia sentir que estou um pouquinho em casa, tá vendo? Mas
25 **em relação a outras coisas culturais, ainda tenho dificuldade de/de me adaptar, porque eu acho que é, eu me coloco**
26 **num/num lugar que me adaptar a isso/isso <vai arriscar>/vai me arriscar poder perder a minha cultura de origem,**
27 **coisa que eu devo conservar,** tá vendo? Porque sabe, é nós lá por exemplo no Congo, somos muito conservadores,
28 mas aqui tem muitos, é <liber/>libertinagem né. E... mesmo assim, eu gosto muito de conservar a minha parte
29 conservador, tá vendo? É um pouco isso, sobre a cultura.
30
- 31 **Entrevistador:** (...) **você é nativo do Congo, né? Fala francês e... quando você chegou aqui no Brasil, tu/tu parlais**
32 **le français ou tu tentais de te communiquer un peu en portugais? <Como é que>/como é que foi isso?**
33

34 **P4:** Quando eu cheguei, o pessoal que me acolheu lá <.> falava comigo em francês, e foi ele que ajudava com a
 35 interpretação **nos mercado**. Na polícia federal pra poder renovar o visto. E era uma pessoa que **já falava** o português,
 36 mas em casa eu sempre falava em francês ou lingala, tá vendo? Mas com **os tempo**, aos poucos que comecei a ter
 37 amizade com brasileiro ou brasileira e comecei também a falar um pouquinho de português, tá vendo ... **Tentar, né**.
 38 Não era tão bom, mas eu tava tentando falar.

39

40 **Entrevistador:** Ehh... você é de que província lá no Congo?

41

42 **P4:** Eu sou de Congo-Central, mas <.> eu sou **do capital** mesmo. Eu vou dizer, então a minha origem, né tipo, aqui
 43 sou, é brasileiro, mas sou de Minas Gerais e eu lá no Congo, sou do Congo-Central, mas eu sou de Kinshasa, **o**
 44 **capital**.

45

46 **Entrevistador:** Lá é lingala, né que vocês falam ... que/que a gente, né no caso, fala?

47

48 **P4:** Em Kinshasa, a gente fala lingala e lá no Congo-Central, a gente fala kikongo.

49

50 **Entrevistador:** **E OLOBAKA MPE LINGALA? Como é que é isso? Quando, por exemplo, quando... Ehh...**
 51 **você se encontra com outros congoleses, você... OLOBAKA MPE LINGALA? ou você puxa um francês, mistura?**
 52 **Tem essas misturas, né.**

53

54 **P4:** Como você sabe, né. Ehh... quando sempre a gente se encontra o que passa <.> primeiramente **a nossas língua**
 55 é lingala, e depois vem o francês. Tá vendo? É isso. Só isso, né?

56

57 **Entrevistador:** E como é que é, por exemplo, o que que cê fala basicamente com outros congoleses?

58

59 **P4:** Lingala/lingala/lingala, mas dentro de lingala tem sempre francês, tá vendo? Dentro de lingala sempre tem
 60 francês que tá <.> intervindo também.

61

62 **Entrevistador:** Você poderia dar um exemplo de uma frase num contexto, pra gente ter uma ideia? Do lingala?

63

64 **P4:** **KOYEKOLA PORTUGAIS EZA FACILE TE! Tá vendo? <Fa/>falando, já misturei um pouco de lingala e**
 65 **francês, KOYEKOLA PORTUGAIS. Isso aí tá em lingala. EZA FACILE TE. O FACILE já tá em/em francês bem**
 66 **que em português também seja fácil, né.**

67

68 **Entrevistador:** E assim, quando você ingressou ehh... na universidade ... Ehh... como é que foi na graduação?
 69 Porque sempre a gente vai ter a dificuldade, né com a língua lá no início. Mas como é que foi na/na graduação,
 70 por exemplo, você chega a primeira vez numa aula. Foi fácil pra você entender as aulas?

71

72 **P4:** Hum <...> na verdade, vou dizer não. Além da minha aula de <fra/>francês, que tava de boa, mas de português,
 73 por exemplo, introdução a linguística eu tinha **muite** dificuldade pra poder ler os textos, né porque o processo de

74 aprendizagem de uma língua e estudar nessa língua são as coisas que eu acho bem diferente. Tá vendo? Eu tinha
75 saído de aprender língua e estudar diretamente no/no sistema ehh... acadêmica foi bem complicado pra mim, mas
76 não foi tão fácil assim pra eu poder me adaptar. Acho que me adaptei lá no terceiro semestre, que me adaptei. Até
77 hoje, né quando eu falo, você sente que ainda tem um pouco de francês dentro do meu português e o sotaque eu
78 acho que [risos] não vou conseguir ter o sotaque brasileiro.

79

80 **Entrevistador:** Entendi! E se as questões sobre língua já já a gente vai também abordar, né. Mas eu queria mais
81 também te fazer perguntas sobre interação né, aqui no Brasil, você tem mais interações com brasileiros ou africanos
82 aqui no Brasil? Congolese, por exemplo.

83

84 **P4:** Ehh... essa questão <.> eu acho que é respondido a cada estado, do Brasil. Mas, ehh... aonde que eu fui pra
85 aprender a língua português (Paraíba) lá eu tava muito ehh... acostumado com os brasileiro. Mas quando eu saí de
86 lá pra vir aqui em Brasília, o meu círculos ficou só africanos, porque aqui em Brasília, essa mistura com os
87 brasileiro tá bem complicado mesmo, tá bem complicado aí melhor ficar só entre nós. A gente faz coisas noiz, mas
88 tem também alguns brasileiros que se junta com a gente e a gente faz coisas junto, tipo sair, frequentar os lugares.
89 É isso.

90

91 **Entrevistador:** E... além da dificuldade, né com a língua, você lembra de algumas dificuldades que, por exemplo,
92 passou nos primeiros dias aqui no Brasil?

93

94 **P4:** Hum... <.> na verdade, eu vou dizer que não passei muito dificuldade, né porque tinha já tinha uma organização
95 que recebe os estudantes que... acaba de chegar. E essas pessoa que ajudavam a gente pra não passar essa
96 dificuldade de início, que você não sabe falar a língua e tal. Aí não passamos muito dificuldade, na verdade.

97

98 **Entrevistador:** Ehh... alors, tu as déjà aussi euh... souffert você já tem sofrido preconceito, racismo na no Brasil,
99 na universidade, ou em qualquer lugar? Ou já tem visto alguma, algum conhecido né seu que já sofreu?

100

101 **P4:** Sim, já < muitas vezes >/muitas vezes já aconteceu, antigamente eu não sabia. Mas, com o tempo vivendo aqui,
102 que fiquei sabendo por que essa questão racial sabe, a gente que vem da África, essa questão lá não existe mesmo
103 de diferença racial, mas aqui é uma coisa muito óbvio, né. E... ehh... não conhecia como que era, mas aprendi aqui
104 a diferenciar uma pessoa tá sendo preconceituoso comigo, uma pessoa tá sendo ehh... racista comigo e... já fiquei
105 sabendo aí... Já me coloco também na defesa. Tá vendo quando já alguém tá tomando alguma atitude, eu já sei
106 como responder pra < essas pessoas >/essa pessoa, mas existe, já passei também, já/já, já vi isso também uma pessoa
107 sofrer... uma pessoa que tá <.> tá vendo uma pessoa que é ignorante, que não sabe que esse ato que foi cometido
108 com ele é o racismo, ou seja, que é o preconceito e eu fala, cara (...) (?). Eu tive que intervir pra ele, seja pra ela,
109 tá vendo? É pouco isso.

110

111 **Entrevistador:** Ehh, então você... quando chegou, veio diretamente em Brasília ou... morava em outro/outro
112 estado, né?

113

114 **P4:** **Sim, quand je suis arrivé <.> Donc, je suis premièrement allé à/à Paraíba à João Pessoa, à l'université**
 115 **fédérale de Paraíba, c'est là où j'ai appris à parler le portugais et depois que eu voltei aqui ... não depois que**
 116 **eu vim aqui em Brasília pra poder cursar a graduação.**

117

118 **Entrevistador:** E quais aspectos assim você... acha, né tipo de positivo, negativo tanto lá em Paraíba, quanto aqui
 119 em Brasília? Qual que te chama muito mais <aten/>atenção, né? De positivo, negativo, qualquer coisa, sobre as
 120 pessoas, ou...?

121

122 **P4:** Ahh as pessoas lá em João pessoa são muito positivos, são muito acolhedores. E... uma cidade linda, maravilha,
 123 mas <.> negativa disso é que a questão segurança, não é tão/tão bom assim não. Mas em Brasília, essa questão de
 124 segurança, tá melhor do que lá. Aí eu prefiro viver aqui **aonde** tem segurança e tal e... tá de boa aqui em Brasília.

125

126 **Entrevistador:** E em relação às pessoas que que você acha? As pessoas são **todas as mesma** ou você pode perceber
 127 a diferença?

128

129 **P4:** Não, as pessoas são diferentes <.> em Paraíba as pessoas são muito aberto, quer conhecer, quer fazer amizade,
 130 mas aqui as pessoas são fechadas sim, ehh... cada um na sua, tá vendo?

131

132 **Entrevistador:** **E... se você puder lembrar mais quais línguas... Quelles sont les langues que tu parles? Si tu**
 133 **peux mettre ça dans... dans un ordre. La langue que tu parles le plus, jusqu'à celle que tu parles le moins.**

134

135 **P4:** Ah ok! **Donc, la langue que je parle le plus c'est le ... avec la famille, c'est plus le français tu vois et puis**
 136 **le lingala vient en second, le swahili en... troisième position, euh... le kikongo et là il y a le portugais aussi.**
 137 **Grâce à l'UnB, j'ai dû améliorer mon anglais et puis euh... l'espagnole, tu vois et puis... bah je connais**
 138 **quelques mots très/très basique de l'allemand, l'italien. Donc, tu vois ... ce sont ... je crois que ... et le coréen,**
 139 **j'ai passé un semestre en étudiant le coréen. Donc, ce sont des langues que je parle et d'autres que j'ai accès**
 140 **tu vois... Donc, c'est un peu ça.**

141

142 **Entrevistador:** Et avec quelle langue, tu te sens... le plus confortable lorsque tu parles?

143

144 **P4:** **<C'est le français>/C'est le français.**

145

146 **Entrevistador:** Ehh... uma pergunta também sobre... Você é aluno do PEC-G, né também? E como é que foi pra
 147 você, como é que você se sente como aluno PEC-G ehh... você acha que... é visto de uma forma muito boa, tanto
 148 aqui na universidade, pelas pessoas?

149

150 **P4:** Hum... **eu acho a questão não é somente aluno PEC-G, mas a questão é estudante africano. É o estudante**
 151 **africano, mas não é ligado a qual projeto que esse estudante negro africano faz parte. Tá vendo? Aí, quando já tiver**
 152 **assim, dependendo de onde você vem, tem até as pessoas que vêm da França, Bélgica fazendo intercâmbio aqui,**
 153 **mas com a pele negra escura igual a minha já pensa que é africano, tá vendo? Seja da Bahia. Mas quando se**

154 aproxima, ehh... e consegue ouvir o/o sotaque ele percebe que ahh não/não é brasileiro. Tá vendo? Mas a questão
 155 não é de qual programa que essa pessoa vem, mas é questão de negro-africano, negro-Bahia, tá vendo?

156

157 **Entrevistador:** Você/Você acha que tem uma estrutura, por exemplo, a gente conversou sobre racismo, né
 158 preconceito. Você acha que na UnB tem uma estrutura pra lidar com essas questões ou passa assim, despercebido?

159

160 **P4:** Tem uma estrutura que lida com isso, o centro <.> de Consciência Negra, tá vendo? uma estrutura que... lida
 161 com os estudantes africanos que chega, tenta entregar a eles também pra poder se acostumar. Temos projeto
 162 também até o projeto Raiz. E que tenta ajudar, mas, é pouco complicado. Eu não vou dizer, não vou saber dizer se
 163 funciona mesmo 100%, mas pelo que eu saiba, talvez <.> 40, hum, 45% que funciona.

164

165 **Entrevistador:** Entendi! Então, a gente pode puxar também o lado do lingala (...). OLOBAKA PE LINGALA
 166 NABA brothers? Como é que é?

167

168 **P4:** OUAIS, NALOBKA LINGALA, DONC EUH... OZOMONA, YO SOKI TOKUTANI, TOBETAKA
 169 NABISO LINGALA. DONC, LINGALA ELEKAKA N'ANGO TOUJOURS (...).

170

171 **Entrevistador:** PO NAZO perceber que, LINGALA NANGA EZA MWA enferrujado né, mas assim, quando
 172 NALOBKA com/com você por exemplo né, eu fico tipo mais à vontade (...). Mas assim, pra você, é uma coisa
 173 automática ou... com os congoleses, né ... quando você fala lingala, como é que que é, por exemplo, essa mistura
 174 de língua? Porque a gente percebe que às vezes a gente mistura lingala, francês, português, numa mesma frase, né,
 175 mas a gente consegue se entender, pra você, é automático?

176

177 **P4:** É muito automático. Eu posso falar com/com/com você, mas <.> sem perceber <.> numa frase, vai ter
 178 português, vai ter francês, vai ter lingala, às vezes vai ter swahili também, tá vendo? E isso aí... pra mim, eu não
 179 percebo isso, já sai assim mesmo, é da minha mente. Eu fico falando, tá vendo? Mas se talvez é uma coisa muito
 180 oficial que vou ter que direcionar a minha mente né tem que falar <.> Ehh... português, tá vendo? É isso.

181

182 **Entrevistador:** Entendi! Bom a gente tá encaminhando no final. Ehh... Seria só isso né mesmo, a suas relações
 183 com as línguas e com a identidade né mais ou menos, então eu quero muito agradecer pela oportunidade, né? E a
 184 atenção, mas tamo junto.

185

186 **P4:** Tá, beleza, eu que agradeço.

Transcrição – Participante [P5]

Duração da gravação: 19:29min

Data: 22-04-2023

Local: em Brasília, em seu apartamento.

Duração (com intervenções do pesquisador): 2776 palavras; 203 linhas.

- 1 **Entrevistador:** (...) se você puder se apresentar, seu nome, o curso que você fez, né. Agora eu ia perguntar, em
 2 qual semestre tá, né? Mas você já tá formado né? Aí se puder se apresentar.
 3
- 4 **P5:** Eu sou (...), o nome em francês. Sou do Congo. Hoje eu tenho 30 anos. Eu fiz (...) na UnB, estou no Brasil
 5 desde 2015. Eu comecei lá na universidade federal de Roraima, aí pedi transferência pra UnB, fui aceito e eu vim
 6 aqui desde 2018 e em fevereiro, eu defendi o a monografia. Já me formei. Sou casado também, à espera de uma
 7 filha.
 8
- 9 **Entrevistador:** Nossa maravilha! Ehh... então, eu não especifiquei, mas você pode falar tanto em português, em
 10 francês, em lingala <.> as línguas que você fica confortável, né.
 11
- 12 **P5:** (?) Acho que hoje português, melhor <.> francês, já tá ... tô esquecendo algumas coisinhas.
 13
- 14 **Entrevistador:** Mas, mesmo assim a gente vai tentar abordar essas línguas. Ehh... se você puder também falar um
 15 pouco sobre a sua adaptação, né quando cê chegou aqui no Brasil, foi difícil, foi ... Como é que foi pra você a
 16 adaptação em respeito ... em relação também a língua, né? A língua portuguesa.
 17
- 18 **P5:** Pra mim, os primeiros 2 meses foram <.> assim difíceis, vamos falar assim, em relação à língua, porque antes
 19 de viajar pro Brasil, eu... tentei aprender o português lá no Congo. Eu me inscrevi numa num centro aí de língua
 20 eu comecei a aprender o português. Fiz uns 3 meses, achei que eu tinha alguma coisa de português já que eu
 21 conseguia falar quando chegasse aqui, mas quando eu cheguei eu entendia nada tipo era ... tudo o que eu aprendi
 22 lá era totalmente diferente do que eu realmente estava convivendo assim aqui no Brasil, mas depois disso não foi
 23 ... Eu diria que não foi tão/tão difícil assim pra mim por causa da do francês também, né que tem algumas
 24 semelhanças assim, de verbo de conjugação, aí não foi tão/tão difícil pra mim, então me adaptei... em relação a
 25 língua me adaptei um pouquinho mais facilmente do que <.> outras pessoas, né que eu posso até falar. Em relação
 26 a cultura, não sei se vai ter essa pergunta.
 27
- 28 **Entrevistador:** Basicamente, era a próxima pergunta, ia te perguntar, como é que foi também a cultura do país,
 29 né, cê chegou e se deparou com uma cultura diferente da nossa <.> Em relação a isso, como é que...
 30
- 31 **P5:** Em relação a cultura foi ... Posso falar até que como se fosse um choque, né. Um choque cultural. A nossa
 32 vida no Congo é basicamente diferente em relação a (?) vou dar um exemplo, por exemplo, de vestimenta,
 33 vestimenta aqui <é mais>/é mais ... vamos falar assim, liberal. Mas lá no Congo um pouquinho de conservadorismo
 34 ainda existe né em relação a vestimenta, então, quando eu vi, eu achei que não era normal, só que depois eu entendi
 35 que são culturas diferentes não tem nada errado ou certo, era só 2 coisas diferentes, em relação a comida, por

36 exemplo, também a comida é bem diferente. Aqui tem arroz e feijão todo dia, no Congo não é arroz e feijão todo
 37 dia é outra coisa, né cada dia tem uma outra comida, vocês vão comer diferente, então <...> me adaptar a isso <.>
 38 foi um pouquinho difícil. Eu falava até com <a mãe>/a mãe questionava, o que que você está comendo aí? Mas
 39 não tinha o que fazer, só tinha que comer, porque isso que se come no Brasil. Mas hoje já tô bem adaptado já.

40

41 **Entrevistador:** Hum em relação a interações, né, por exemplo, ehh... eu gostaria de te perguntar, você tem mais
 42 interações com brasileiros ou com pessoas africanas, né por exemplo, congoleses, outras pessoas também de
 43 outros... De outros países africanos né também?

44

45 **P5:** Bom, quando eu cheguei no Brasil, eu tive mais contato com brasileiros... do que com africanos, porque
 46 quando eu cheguei já ... tinha congoleses aqui que me receberam, com quem eu convivi só que eles também já
 47 tinham muito contato com congoleses, ehh com brasileiros por causa da igreja. Indo pra a igreja, a gente já... se
 48 juntou mais com brasileiros do que com africanos. Mas aqui em Brasília, eu posso falar que eu tenho contato com
 49 os 2. Tanto com os congoleses, quanto com os brasileiros.

50

51 **Entrevistador:** Entendi! Ehh... Eu gostaria também de fazer perguntas sobre... É, você é nativo da/da língua
 52 francesa, né? Lá no Congo, mas você é de que província lá no Congo?

53

54 **P5:** A província que eu nasci... a capital Kinshasa.

55

56 **Entrevistador:** Lá, se não me engano, é lingala né? Aí, você fala que língua, exatamente, se você puder, ehh...
 57 fazer uma... Ehh... colocar numa ordem, né das línguas que você fala mais até aquela que você fala menos.

58

59 **P5:** Então, as 3 né que/que eu falo assim <.> regularmente. O francês, lingala e português agora ... O inglês, eu
 60 entendo um pouquinho, eu não tenho muita prática, não. Então são 3 línguas que eu falo. Frances, lingala e agora
 61 português, por morar no Brasil, estudar no Brasil.

62

63 **Entrevistador:** Entendi! **Et des ces langues, euh... le français par exemple, tu parles plus avec/avec qui... avec**
 64 **quelles personnes ? Le français, le lingala et le portugais ? Avec quelles personnes tu/tu penses parler le plus**
 65 **et le moins ? De ces 3 langues ?**

66

67 **P5:** **Le français, je parle beaucoup plus avec les amis, je/je parlais plus avec mon père, mais mon père est**
 68 **mort déjà donc, aujourd'hui, je parle français beaucoup plus <avec les amis>/avec les amis qui sont en**
 69 **France, aux États Unis, les amis avec qui on a étudié à au collège. Et le lingala, c'est plus avec maman, avec**
 70 **mes soeurs aussi, <..> mais généralement comme maintenant papa est mort, donc dans la famille, on parle**
 71 **plus lingala avec maman, avec mes deux soeurs. Mais je parle toujours français avec mon neveu parce que**
 72 **lui ne parle que français maintenant. Euh... (...).**

73

74 **Entrevistador:** **Et le portugais, c'est plus... Bon, surement c'est avec les brésiliens mais j'aurais ... La**
 75 **question que je voulais poser c'est par exemple, lorsque tu te rencontres avec d'autres congolais, tu parles**

76 **beaucoup plus lingala, français ou portugais parce qu'il arrive par moment que nous fassions uma certa**
 77 **mistura né. Misturando as coisas e mesmo assim a gente consegue se entender.**

78

79 **P5: Lorsque/lorsque je suis avec les congolais ici à Brasília, je parle plus le lingala (...). Je me sens pas libre**
 80 **de parler français avec (...) qualquer outra pessoa. Donc, avec les congolais, c'est plus le lingala mais... on**
 81 **est toujours en train de misturar, genre, des fois on n'oublie quelques mots en français, on parle portugais**
 82 **raison pour laquelle je dis que maintenant je parle plus portugais do que français.**

83

84 **Entrevistador:** Aí você poderia dar pra a gente um exemplo, né num contexto? Onde, por exemplo, quer falar
 85 alguma coisa com seus amigos e mistura essas línguas, num contexto não sei quando vocês vão comer?

86

87 **P5: Por exemplo... "Déjà". Quand je parle par exemple : il est déjà arrivé... il m'arrive souvent de parler...**
 88 **em vez de parler "Déjà" ou de dire "Déjà" ... Je parle "Já" parce que "déjà" pour moi c'est un peu long...**
 89 **par rapport à "Já". "Já" c'est déjà le portugais (...).**

90

91 **Entrevistador:** Entendi! (...) ehh... quando cê chegou, por exemplo aqui <...> no/no Brasil, né? Qual era a
 92 dificuldade que... você sentiu? Ehh... em relação a língua né? Você/Você falou que... já tinha estudado português
 93 antes, né? Mas chegando aqui, no Brasil, será que... conseguia entender, se comunicar? Como é que foi?

94

95 **P5:** Foi/foi muito difícil. (...) quando um dia eu saí com os amigos, né que que estavam já aqui no Brasil. Aí eu
 96 falei <...> quando a gente voltou pra casa né, eu falei pra eles, eu acho que eu não vou conseguir falar português
 97 porque o que eu estava ouvindo <..> não era o que eu tinha aprendido lá. Os brasileiros falavam e pra mim era tão
 98 rápido que não conseguia entender nada, nenhuma <pa/>palavra. Mesmo quando a gente começou realmente ahh...
 99 lá na universidade, o curso pra aprender o português, a professora também falava, eu não entendia nada do que ela
 100 falava, então, eu... meio que fiquei um pouquinho frustrado e com medo de não falar português um dia e você
 101 sabe, né? A gente é do PEC-G, quando você chega, não passa na prova <.> não consegue mais estudar na
 102 universidade, então isso foi meio que um choque pra mim. Será que um dia eu consigo? Porque falavam tão rápido
 103 que eu não conseguia entender nada. Mas convivendo um mês, 2 meses, 3 meses, eu entendi que realmente, ahh o
 104 segredo pra aprender era a/a convivência. E eu continuei. Hoje eu falo.

105

106 **Entrevistador:** Aí foi? exatamente ... Cê consegue dar uma estimativa de... quanto tempo levou pra você começar
 107 de fato a falar português?

108

109 **P5:** <Acho que>/acho que uns 3 meses. Eu. Quando eu comecei a ouvir entender um pouco, era uns 2 meses já
 110 que eu conseguia ouvir pelo menos as pessoas falando, mas falar mesmo <..> acho que levou uns 3 meses pra
 111 conversar com alguém.

112

113 **Entrevistador:** Nossa maravilha! Ehh... de fato, eu vou também fazer umas perguntas, né também sobre... Se
 114 você, por exemplo, já **vivenceu? vivenciou?** nunca sei né ... racismo, preconceito, né? Aqui no Brasil, porque a
 115 gente sabe que acontece, né. (...).

116

117 **P5:** Eu vivenciei mesmo o/o racismo e foi dentro da universidade, da sala de aula. Lembro de 1 dia, a gente tava
 118 tendo uma disciplina, né? De (...). Era o primeiro semestre até que a gente começou quando começou a faculdade.
 119 Aí gente tinha umas provas que fazia, era um controle assim que a gente fazia que o <prof/>professor dava. E
 120 nesses controles, a gente, eu e uma amiga [Kátia], a gente tirou 10, né no na prova, só que antes disso, ninguém
 121 sabia que a gente tava tirando 10. E um dia, o professor deu uma... ehh... deu uma prova em grupo pra fazer e eu
 122 fui lá, me sentar com alguns brasileiros. E eles não me dava a palavra. Eles não queria que eu falasse nada. Teve
 123 até uma pergunta, quando a gente dividiu as perguntas pra fazer, eu resolvia as perguntas em 2 minutos. Eles
 124 ficavam lá... tentando resolver, uma pessoa saiu do nosso grupo pra perguntar pro outro grupo as questões que eu
 125 tinha feito. Então ela não acreditou que eu poderia dar uma resposta, assim, certa, e clara, e em tão pouco tempo.
 126 E quando ela saiu, voltou de lá do outro grupo onde ele foi perguntar. Entendeu que as minhas respostas eram
 127 corretas. Depois, o grupo, aceitou e logo depois algumas pessoas começaram a perguntar qual seu nome tudo isso.
 128 Mas antes disso, nada disso acontecia. Então, passavam por mim e falava nada, mas depois dessa coisa aí,
 129 perguntaram meu nome, aí depois, quando a prova chegou, a gente tirou 10 e o professor, então revelou que eu
 130 tava tirando 10 nos outros controles que tavam acontecendo e já aconteceu também uma vez no shopping, né... Foi
 131 uma reação estranha assim, não consigo nem lembrar da história que foi/foi/foi há muito tempo, mas eu percebi
 132 que realmente era uma coisa de racismo. Mas fora esses 2 casos <...> eu não me lembro de mais nada que pode ter
 133 acontecido comigo.

134

135 **Entrevistador:** Você/você tinha ciência do que que era exatamente, do racismo? Ou foi só depois que se ligou?
 136 Nossa! Eu percebo agora que era racismo ou na hora que você vivenciou...

137

138 **P5:** Não, na hora eu não entendi por que até a gente sabe, né. Saindo do Congo pra cá, não se falava tanto assim
 139 de racismo no/no meu país. Então é aqui que a gente entendeu de fato o que que era racismo. Começando com
 140 coisas pequenas, até com coisas grandes. Então, foi ... no momento eu não entendia. No momento eu achei que era
 141 só algo assim normal, mas foi depois que eu fui entender realmente que eu era estrangeiro, o único negro do grupo.
 142 Então, não era tão incrível assim para eles, acreditar em mim, mas depois eu fui entendendo pouco a pouco e
 143 compreendi que era racismo [o participante não queria mais comentar sobre].

144

145 **Entrevistador:** Então, em relação às línguas, né voltando no assunto, né. Ehh... você se sente mais confortável
 146 falando que línguas, exatamente? Ehh... se puder especificar também a língua que você, nossa, pronto, eu me sinto
 147 à vontade, né falando...

148

149 **P5:** Ehh... Hoje em dia, me sinto à vontade, falando português, porque sou casado primeiro, né com brasileira,
 150 então <..> É toda hora português, então... E o francês também segunda posição e lingala. Eu posso até colocar
 151 lingala, talvez na segunda posição e o francês depois porque o francês hoje <..> consigo falar, eu falo, nunca vou
 152 esquecer, mas tem algumas palavras que eu esqueço e eu falo palavras em português. Então, a primeira posso falar
 153 que é português, a segunda é lingala e a terceira é francês agora que posso falar, sem gaguejar.

154

155 **Entrevistador:** Entendi! E você, por exemplo, sente... falta também, por exemplo, da comida do seu país (...).

156

157 **P5:** Eu sinto falta, muita falta. Eu viajei ano passado, em maio e... Eu realmente comi comida do Congo e nossa
158 me sente bem, e quando a gente tem algumas alguns encontros aqui de congoleses, por exemplo, tem comida
159 africana eu fico muito feliz, porque isso aí é raiz, nunca ... É, a gente sempre está sentindo falta.

160

161 **Entrevistador:** Entendi! Você falou que primeiramente não chegou... aqui em Brasília, né? Você <mo/>morava,
162 em Boa Vista. E como é que cê eh... acha, tipo as pessoas, né? Você acha que as pessoas são diferentes? Ehh...
163 são diferentes, né de lá e aqui em Brasília?

164

165 **P5:** Sim, eu acho que as pessoas são muito diferentes. Lá em Boa Vista, as pessoas eram mais acolhedoras, mais
166 assim você tinha mais tempo convivendo com as pessoas. Aqui em Brasília, parece que cada um por si, você se
167 encontra só num lugar assim. Por exemplo, num domingo, na igreja você se vê e na semana, cada um vivendo a
168 sua vida, porque cada um atrás do concurso assim. Assim, não tem realmente uma comunhão assim entre as
169 pessoas, mas em Boa Vista era mais. Em Boa Vista, você podia se ver com as mesmas pessoas umas 4 vezes na
170 semana então aqui é bem diferente do que lá.

171

172 **Entrevistador:** Ehh... você acha que... você ficaria aqui em Brasília ou escolheria outro lugar pra morar? Só uma
173 curiosidade agora.

174

175 **P5:** Bom, por enquanto estou no eh... em Brasília, mas... um dia eu penso, talvez voltar pra Boa Vista, onde tá a
176 família da minha esposa, né pra morar por lá. Ou <.> mudar de/de país também pra continuar mestrado em
177 outra/outra universidade de outro país.

178

179 **Entrevistador:** A gente tá encaminhando, né também no/no final, eu gostaria de... a gente falou sobre racismo,
180 preconceito, né que acontece ... você acha que na UnB, por exemplo, tem uma estrutura mesmo pré-estabelecida,
181 pra lidar com essas questões ou... se fala, mas... não, nunca se resolve, né também?

182

183 **P5:** Bom, eu, na verdade, na UnB, acho que tem muitos movimentos, né tem até programas que a universidade às
184 vezes oferece pra alunos e tudo tem o ... eu me lembro até que tem um programa chamado programa Raiz, tem
185 programa aí de/de... tem outro programa Afroatitudo então tem realmente um <.> eh... muitos programas aí que
186 dá sensibilização, que ajuda a UnB, a entender o que é racismo e lutar contra, mas, infelizmente ainda ... eu nunca
187 participei né dos programas, mas tenho amigos que participaram de programa raiz, de Afroatitudo, por exemplo,
188 eu já me candidatei em um outro programa, esqueci o nome agora ... que falava também de racismo, que era pra
189 incentivar, né os/os negros, os índios, também, tudo. Então acho que a UnB hoje tá de parabéns. Até posso falar
190 assim. Essa, esse, essa questão.

191

192 **Entrevistador:** Entendi! Só pra eh... pra continuar nesse mesmo rumo, né com o lingala, por exemplo, cê acha
193 que OLOBAKA muito assim no dia, no dia a dia ou só... de tempos em tempos, né?

194

195 **P5:** É, só de vez em quando/quando estou falando com amigos congoleses de Brasil. Mas quando não estou falando
196 com eles, é o português ou francês, né com meu sobrinho. Ou outros amigos do/do Congo. Então lingala ficou
197 reservado somente com os congoleses de Brasília.

198

199 **Entrevistador:** Entendi! Então, perfeito seria isso, né mais ou menos as suas relações, né com as suas línguas e
200 algumas questões também que a gente tá interessado. E assim eu agradeço muito pela oportunidade e pela sua
201 atenção.

202

203 **P5:** Eu que agradeço, obrigado